

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDSON DE FREITAS GOMES

**VARIAÇÃO LEXICAL EM SEIS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SUDESTE
PARAENSE**

Belém
2013

EDSON DE FREITAS GOMES

**VARIAÇÃO LEXICAL EM SEIS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SUDESTE
PARAENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Belém
2013

EDSON DE FREITAS GOMES

**VARIAÇÃO LEXICAL EM SEIS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SUDESTE
PARAENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Data: 25/04/2013

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Abdelhak Razky – Presidente
Universidade Federal do Pará – UFPA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera – Membro Externo
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. – Gessiane Lobato Picanço – Membro Interno
Universidade Federal do Pará – UFPA

Profa. Dra. Marilúcia Barros de Oliveira – Suplente
Universidade Federal do Pará – UFPA

À Maria Luísa, Daniele e Mahara, mulheres
que me acompanham.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim deste trabalho, que consumiu boa parte do meu tempo, fico com a certeza de que valeu a pena, porque percebo que vivi um período de grande aprendizado. E para realizar esta empreitada contei com a ajuda de muitas pessoas e instituições, por isso eu dedico este espaço para agradecer a algumas delas:

À Mahara, minha filha, pela inspiração nos momentos de dificuldades para dar continuidade a este trabalho.

À Daniele, minha esposa, que segurou a barra enquanto eu fiz as viagens para a pesquisa de campo.

À minha mãe, Maria Luísa, que apesar de ter pouca experiência com as Letras, sempre me manteve na escola, mostrando que acreditava na mudança por meio da educação.

À professora Regina Cruz que deu incentivo para ir em frente.

Ao Eugenildo Junior, Técnico em Informática da UFPA-Abetetuba, que além das ajudas na área técnica, foi peça-chave para minha ida ao Sudeste Paraense para a pesquisa de campo.

Ao Regis Guedes que colaborou na confecção das cartas lexicais para a dissertação e que me deu dicas importantes para ir a campo coletar dados.

Ao Flávio, gerente da EMATER de Conceição do Araguaia, pelo apoio dispensado a mim, por meio de contatos com funcionários de outros postos da empresa.

Ao Wellington Santos da EMATER de Santana do Araguaia pelo apoio dispensado a mim enquanto estive naquele município para a pesquisa.

Ao professor Domingos e família, em Barreira dos Campos, pela hospedagem.

Ao Antônio Rocha e esposa da EMATER de São Félix do Xingu pela hospedagem e pelo esforço para conseguir informantes.

Aos funcionários da EMATER de Tucuruí que me indicaram o lugar certo para ir atrás de informantes.

Ao professor Nonato, em Curionópolis, pela hospedagem e também pelo apoio oferecido.

Aos moradores de São João do Araguaia pelas informações prestadas quando os solicitei.

Ao povo de Tauri-Itupiranga que me acolheu com muita simpatia durante os dias em que fiquei por lá coletando dados.

A todos os informantes que se dispuseram a participar das entrevistas e às pessoas que me ajudaram na tarefa de encontrar e convencer os informantes, meus sinceros agradecimentos.

À professora Alessandra Martins Matos que me despertou o interesse e me estimulou para participar da seleção do mestrado.

À coordenação e secretaria da Pós-Graduação em Letras pelos trabalhos prestados para a realização do curso.

À bibliotecária Rejane e auxiliares da biblioteca do programa de Pós-Graduação em Letras.

Aos membros da banca examinadora que dispuseram parte dos seus tempos para ler o trabalho.

Ao professor Alcides Fernandes Lima pelas correções no texto e na gramática, e também pelas orientações.

À mestra Eliane Costa que fez importantes observações textuais na dissertação.

A todos os colegas de turma do mestrado e do projeto GeoLinTerm.

Em especial ao professor Abdelhak Razky (meu orientador) pelas chamadas de atenção diante dos tropeços no texto e pelos ensinamentos durante a realização deste trabalho. Orientador que por trás do seu rigor profissional, está a generosidade em compartilhar conhecimentos.

A língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante, recria a língua. Dessa forma ela está sujeita a alterações nessa recriação.

Eugenio Coseriu

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo central identificar, mapear e descrever a variação lexical do português falado na zona rural de seis municípios da mesorregião Sudeste Paraense: Curionópolis, Itupiranga, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia e Tucuruí. Esta mesorregião apresenta importância considerável no contexto sócio-político-econômico-cultural do Estado do Pará. A pesquisa é orientada pelos pressupostos da dialetologia, sob o método da geolinguística. Este trabalho faz parte do projeto GeoLinTerm, mas com pesquisa específica do eixo do projeto ALiPA. Fizemos o levantamento de alguns trabalhos realizados ao longo dos estudos geolinguísticos. A metodologia utilizada contou com a aplicação de um questionário semântico lexical, adaptado, contendo quatorze campos semânticos, que foi respondido pelos informantes selecionados. Os dados coletados nos seis municípios, objeto da pesquisa, contêm registros de fala de 22 informantes da zona rural da mesorregião Sudeste Paraense, dentro do perfil metodológico estabelecido pelo ALiPA. Após a coleta, fizemos o tratamento dos dados com a seleção, a transcrição, a elaboração de 30 cartas e a descrição dos resultados. Das 256 perguntas do questionário, selecionamos as 30 mais frequentes e com maior variação para serem desenvolvidas nas cartas. Em seguida às cartas, mostramos as ocorrências por localidade, sexo e faixa etária.

Palavras-chave: Atlas Linguístico. Dialetologia. Geolinguística. Variação Lexical.

ABSTRACT

This thesis aims to identify and map the central lexical variation of the Portuguese spoken in rural six counties mesoregion of Southeastern Pará: Curionópolis, Itupiranga, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia and Tucuruí. This mesoregion presents considerable importance in the socio-political-economic-cultural scenario in the state of Pará. The research is guided by assumptions of dialectology, under the method of geolinguistics. This work integrates project GeoLinTerm, but with specific research project ALiPA shaft. It was done a roundup of some work done over the geolinguísticos studies. The methodology involved the application of a questionnaire adapted, containing fourteen semantic fields, to be answered by informants previously selected. The data collected in six counties object of research records contain speech of 22 informants in rural Southeast mesoregion Paraense, within the methodological profile established by ALiPA. After collection, data processing was with the selection, transcription, preparation of 30 letters and description the results. Of the 256 questions in the questionnaire, we selected the 30 most frequent and greater variation to be developed in the cards. Then the letters, show occurrences by location, gender and age.

Keywords: Linguistic Atlas. Dialectology. Geolinguistics. Lexical Variation.

LISTA DE CARTAS

Carta 002 – Córrego	51
Carta 009 – Redemoinho	53
Carta 015 – Onda	54
Carta 017 – Molhada	56
Carta 023 – Tempestade	57
Carta 029 – Chuvisco	59
Carta 033 – Orvalho/Sereno	61
Carta 034 – Nevoeiro/Cerração	62
Carta 047 – Estrela Matutina/Dalva	64
Carta 062 – Bagaço	65
Carta 083 – Mandioca/Aipim/Macaxeira	67
Carta 098 – Picada	69
Carta 102 – Arapuca/Alçapão	70
Carta 115 – Pernilongo/Carapanã/Muriçoca	72
Carta 123 – Galinha D'angola/Picota	74
Carta 160 – Cego de um Olho/Zarolho/Cegueta	75
Carta 164 – Catarata	77
Carta 176 – Pouco Inteligente/Burro	78
Carta 177 – Pessoa Sovina/Mão de Vaca	79
Carta 194 – Marido Enganado/Corno	81
Carta 195 – Prostituta	82
Carta 196 – Defunto/Morto ou Finado	84
Carta 199 – Diabo/Demônio/Capeta	85
Carta 200 – Fantasma/Alma do Outro Mundo	86

Carta 208 – Cambalhota	88
Carta 210 – Estilingue	90
Carta 226 – Sistema de Fechar a Porta	91
Carta 236 – Bêbado (Designações)	92
Carta 238 – Toco de Cigarro/Bagana	94
Carta 252 – Sutiã/Corpete	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL	23
2.1.1 Evolução da Abordagem Dimensional nos Atlas Brasileiros	26
2.1.1.1 Atlas de primeira geração	26
2.1.1.2. Atlas de segunda geração	28
2.1.1.3 Atlas de terceira geração	29
2.1.2 Atlas Brasileiros em Andamento	32
2.1.3 Estudos Dialetológicos no Pará	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1 A MESORREGIÃO SUDESTE PARAENSE NO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL	37
3.2 DELIMITAÇÃO DA REDE DE PONTOS	39
3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	42
3.4 PESQUISA DE CAMPO	45
3.5 TRANSCRIÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS	48
4 APRESENTAÇÃO DAS CARTAS E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	49
4.1 NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS	51
4.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	57
4.3 ASTROS E TEMPO	64
4.4 FLORA: ÁRVORES E FRUTOS	65
4.5 ATIVIDADES AGROPASTORIS (AGRICULTURA, INST. AGRÍCOLAS)	67
4.6 FAUNA	70
4.7 CORPO HUMANO: PARTES DO CORPO, FUNÇÕES, DOENÇAS ETC.	75
4.8 CULTURA E CONVÍVIO	78
4.9 CICLOS DA VIDA	81
4.10 RELIGIÃO E CRENÇAS	85
4.11 FESTAS E DIVERTIMENTOS	88
4.12 HABITAÇÃO	91
4.13 ALIMENTAÇÃO E COZINHA	92

4.14 VESTUÁRIO	95
5 CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	104
ANEXO A	105
ANEXO B	124
ANEXO C	129

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a produção de trabalhos sobre variação geolinguística vem ganhando destaque em todo o Brasil, principalmente a partir do ano de 1996 com a criação do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Tal projeto deu nova motivação para os atlas estaduais e regionais continuarem avançando no trabalho com o registro da diversidade presente na variedade brasileira da língua portuguesa de todo o país, por meio de estudos que são resultados da coleta de dados junto aos próprios falantes. Neste contexto foi criado nesse mesmo ano o projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA¹), com o intuito de registrar a variação dialetal presente na fala da população paraense.

Com foco no objetivo de trabalho do projeto ALiPA, desenvolvemos nossa pesquisa no campo da variação lexical, em que procuramos mostrar a diversidade que ocorre no léxico utilizado pelos falantes da mesorregião Sudeste Paraense. Para isso, selecionamos seis municípios que a compõem para que pudéssemos recolher uma amostra suficiente, que fosse capaz de representar o perfil da realidade linguística local.

Dessa forma a nossa pesquisa contemplou dados provenientes da fala de 22 informantes da zona rural da mesorregião Sudeste Paraense, região que nas últimas décadas vem passando por uma rápida transformação, consequência do elevado processo de exploração mineral que alterou radicalmente a paisagem local, e que incentivou a vinda de pessoas de diferentes regiões do Brasil. Observamos que esse contato linguístico modificou profundamente o falar dos habitantes locais, e no léxico a influência da fala dos imigrantes é mais claramente perceptível.

O que expusemos acima pode ser exemplificado com a zona rural do Sudeste Paraense, onde os habitantes, migrantes atraídos pelos grandes projetos de mineração, passaram a morar nos projetos de assentamentos (PAs) construídos pelo Governo. Dessa configuração populacional emana uma mobilidade sociocultural diferente que influencia diretamente o português paraense falado nessa região e que não é observada em outras localidades do Pará. Na região do Baixo Tocantins, por exemplo, observamos que a zona rural é habitada principalmente por nativos (caboclos), provenientes da miscigenação que ocorreu entre índios e europeus no início da colonização do Estado.

¹ O ALiPA é um eixo de pesquisa do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm).

Dos estudos acadêmicos sobre variação realizados no âmbito do projeto ALiPA², nenhum abordou a variação lexical especificamente na mesorregião Sudeste Paraense³, o que chama a atenção para a necessidade do registro do léxico desta mesorregião.

O processo de formação da referida mesorregião, que se caracteriza pela mobilidade de correntes migratórias (GUEDES, 2012), nos motivou a realizar esta pesquisa cujo resultado comprovou a riqueza lexical composta também por lexias de outras regiões do Brasil.

A presente dissertação tem o objetivo geral de identificar, cartografar e descrever a variação lexical do português falado na zona rural de seis municípios da mesorregião Sudeste Paraense: Curionópolis, Itupiranga, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia e Tucuruí.

Tendo em vista os objetivos acima referidos, pretendemos:

- mostrar por meio de cartas a variação lexical: diatópica, diassexual e diageracional, a partir das informações contidas nos dados;
- apresentar parte da diversidade semântico-lexical da mesorregião Sudeste Paraense;
- descrever os resultados obtidos, a partir da frequência das lexias nos campos semânticos.

Nossa hipótese geral é de que existem lexias que são utilizadas na mesorregião Sudeste Paraense, mas que não ocorrem em outras mesorregiões do Estado do Pará, resultado da confluência social, cultural e histórica presente nesta mesorregião, consequência do elevado número de migrantes que vieram para essa parte do estado durante os ciclos de povoamento na Amazônia em que principalmente migrantes do Nordeste, Centro-Oeste e do Sul do Brasil fixaram-se no local. Outro fato importante é que a população desta parte do Pará mantém uma relação muito próxima com outros estados do Brasil, inclusive fazem limites com o Estado do Pará, exatamente ao longo da mesorregião Sudeste, grande extensão dos estados de Tocantins e do Maranhão, o faz esta mesorregião se diferenciar do ponto de vista lexical em relação às outras cinco mesorregiões do Estado.

2 Martins (2004), Costa (2005), Feitosa (2006), Guedes (2007) e Guedes (2012).

3 A dissertação de Guedes (2012) trabalhou com dois pontos da mesorregião Sudeste Paraense, mas acrescidos com dados das outras mesorregiões do Estado do Pará.

A metodologia utilizada no trabalho segue as orientações adotadas pelo eixo de pesquisa do projeto ALiPA com investigação da variação diatópica, com controle de variáveis sociais, como sexo, faixa etária e escolaridade. A coleta de dados foi feita com a aplicação de um Questionário Semântico-Lexical (QSL), para 22 informantes da zona rural das localidades selecionadas.

O conteúdo desta dissertação está distribuído por cinco capítulos:

No capítulo 1 – Introdução, apresentamos a justificativa, os objetivos geral e específicos da pesquisa, a hipótese, a metodologia, elementos direcionadores da dissertação.

No capítulo 2 - Fundamentação Teórica, relatamos parte do percurso dos estudos dialetológicos realizados desde a segunda metade do século XIX, os quais fornecem embasamento teórico para a pesquisa. Mostramos a relação de alguns dos atlas publicados desde 1963 e em fase de elaboração no Brasil, além de alguns trabalhos acadêmicos realizados no período, que têm relação com o nosso tema.

No capítulo 3 - Procedimentos Metodológicos, descrevemos os passos seguidos na dissertação. Neste capítulo, encontram-se as seguintes seções: a mesorregião Sudeste Paraense no contexto histórico-social; delimitação da rede de pontos; seleção dos informantes; Questionário Semântico-Lexical; pesquisa de campo; transcrição e organização dos dados coletados.

No capítulo 4 - Apresentação das Cartas e Discussão dos Resultados, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa, a partir da produção de 30 cartas lexicais, as quais permitem a visualização das ocorrências registradas, relacionadas às variações diatópica, diassexual e diageracional.

No capítulo 5 – Conclusão, expomos uma síntese dos resultados obtidos durante a descrição dos dados do *corpus* do trabalho.

Nas Referências, apresentamos o material bibliográfico consultado e citado na pesquisa. Nos Anexos, estão presentes o Questionário aplicado na pesquisa; o levantamento de dados histórico-sociais dos pontos de inquérito e as fotos dos municípios da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos um panorama sucinto dos estudos sobre a dialetologia, a geolinguística e a sociolinguística, definindo-as e mostrando a inter-relação entre elas e que, a partir dessa aproximação passaram a ser realizados estudos mostrando a diversidade apresentada pelas línguas. Observamos que, por muito tempo, estes estudos se voltaram para a dimensão geográfica, valorizando o estudo da língua do espaço rural, acreditando-se que, seus falantes conservavam a língua preservada em seu estado natural, livre das influências do meio urbano.

[...] Os dialetólogos tradicionais estavam mais interessados em estudar a fala de pequenas áreas rurais, em particular, a fala dos informantes mais idosos, não-alfabetizados, que possuísem, por assim dizer, uma linguagem mais pura, sem interferências internas e/ou externas. [...] (CALLOU, 2010, p. 31)

Porém, com as contribuições que a sociolinguística trouxe para os estudos dialetológicos passou a ser dada uma maior importância ao estudo da língua falada no espaço urbano.

O termo Dialetologia vem de *dialektos*, palavra grega que se traduz em diferença, diversidade. A dialetologia é um ramo da linguística que tem por objetivo identificar, descrever e situar a variação no uso de uma ou de várias línguas, considerando fatores como distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Para Cardoso (2010, p. 26), “A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica.”

A dialetologia tem como objetivo descrever, a partir da comparação, os diferentes sistemas ou dialetos presentes na diversificação de uma língua no espaço, com a tentativa de estabelecer os limites entre um e outro. Para Elizaincín (2010, p. 16):

La dialectología es la ciencia de la variación, mejor aun, de la variación diatópica. Se ocupa de una de las dimensiones de la variación, dimensiones que caracterizan a la lengua histórica, entendida, nuevamente según Coseriu, como opuesta a lengua funcional.⁴

4 A dialetologia é a ciência da variação, melhor ainda, da variação diatópica. Ocupa-se de uma das dimensões da variação, dimensões que caracterizam a língua histórica, entendida, novamente segundo Coseriu, como oposta a língua funcional.

Adotando a metodologia de recolha de dados em diferentes pontos dos espaços geográficos – e a pesquisa de campo se mostrou muito produtiva nesse sentido - a dialetologia intentou conhecer a diversidade apresentada pelas línguas por meio do contato *in loco* com os falantes. No Brasil, essa nova abordagem do estudo da linguagem ganhou maior relevo quando, na segunda metade do século XX, década de 60, surgiu a sociolinguística, momento em que passaram a ser levadas em consideração as variáveis sociais: faixa etária, sexo, escolaridade e classe social, como relevantes para o conhecimento da variação que as línguas apresentavam.

Embora se tenha cogitado pela crise dos estudos dialetológicos, com o advento da sociolinguística, assinala Cardoso (2010, p. 11), “O momento era das relações língua-sociedade e não língua espaço”, o que se viu foi que a ênfase nos fatores sociais deu maior impulso para a dialetologia, que agora não se limitava apenas à verificação da variação diatópica da linguagem, mas do diatópico com o diastrático, o diageracional, o diassexual e o diafásico.

A essa altura os estudos dialetológicos já contavam com dados não apenas da zona rural, mas dados coletados em entrevistas com informantes da zona urbana. É quando ganha destaque a dialetologia moderna, com interesse pelos dados oriundos dos falares urbanos que apresentam variações tão relevantes quanto os falares rurais. A esse respeito Almeida (2009, p. 19), esclarece que:

A dialetologia tradicional consiste no estudo de formas linguísticas predominantes rurais, considerando-se que o informante era homem rústico, rural. [...] Percebeu-se, então a certeza de que o estudo dos dialetos urbanos representava uma tarefa que teria de ser levada à verificação, mesmo porque dialeto não é só o rural [...] também no espaço urbano, há variações de toda ordem entre homens que nunca viveram no espaço rural.

Para falarmos da dialetologia moderna, é necessário que relatemos a concepção que se tem hoje sobre a dicotomia rural/urbano. A diferença é tão pequena que não é fácil definirmos com precisão os limites entre um e outro, uma vez que, nos dias atuais, em consequência do desenvolvimento econômico dos centros urbanos, os negócios passaram a se expandir para as áreas mais afastadas das cidades, para citarmos apenas um motivo. Some-se a isso a criação de vias que ligam diferentes pontos geográficos. Com isso, muitas localidades, que no passado eram consideradas rurais, hoje apresentam uma configuração nos aspectos econômicos, sociais e culturais típicos do espaço urbano.

No Brasil, por exemplo, a partir dos anos setenta do século XX, o processo de urbanização se intensificou de modo tão acelerado que muitas áreas definidas como rurais no

passado se urbanizaram e hoje são consideradas vilas ou bairros de municípios. A esse respeito Cardoso (2010, p. 62-63) assinala:

O Brasil era no começo do século XX, um país eminentemente da ruralidade, com uma população pouco adensada, mas situada, na sua grande maioria -, na área rural. A inversão dos percentuais numéricos, na atualidade, mostra que uma nova configuração demográfica se constata [...] O grau de mobilidade do cidadão, *ipso facto*, era muito pequeno, e o isolamento, maior ou menor, se constituía numa tônica da vida do país. Ora, esse perfil do Brasil mudou [...] os centros urbanos superpovoaram-se; as estradas, de toda natureza, cruzam o território nacional nas mais variadas direções; a inter-relação entre os diferentes estratos socioculturais se fez mais efetiva; os meios de comunicação alargaram-se e alastraram-se por todo o território nacional.

O avanço tecnológico tem contribuído de modo decisivo para a urbanização do campo. A modernização da agricultura, a mecanização dos instrumentos utilizados nas atividades agrícolas, a industrialização da pecuária e outras atividades agropastoris, todos esses fatores exigiram um preparo técnico do trabalhador que precisou se adaptar à nova realidade, com isso este passou a adotar atitudes que antes eram específicas do homem da cidade. Por outro lado, muitos trabalhadores da cidade passaram a trabalhar e residir no campo, o que fez aumentar a população dessas localidades e aumentar a demanda por produtos até então só disponíveis nos centros urbanos.

Mas, apesar desses progressos que fazem com que exista um *continuum* entre cidade e campo, Siqueira; Osório (2001 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 28), chamam a atenção para os desníveis que existem de um lugar para outro:

se a nova conceituação de rural e urbano é eficiente para o campo altamente industrializado e urbanizado dos países desenvolvidos e de determinadas áreas dos países em desenvolvimento, a conceituação tradicional pode ser ainda eficiente para conhecer a realidade nos locais onde ainda impera a dicotomia e o campo ainda está longe da cidade.

Devemos levar em consideração que no norte do Brasil, mesmo que consideremos as Vilas como centros urbanos, em regra elas ainda mantêm atividades que são comuns de áreas rurais, o que se pode perceber também nas atitudes dos seus habitantes que carregam traços típicos do homem interiorano.

As mudanças apontadas influenciaram os estudos sobre variação linguística ao considerar que o falante é um ser que tem uma história de vida, e por isso, ao considerar a sua fala especificamente, é preciso levar em consideração as influências que este recebe do espaço no

qual vive, a sua formação profissional, a idade, o sexo e muitas outras variáveis sociais que contribuem para a formação deste indivíduo, determinando o seu modo de agir e de falar. Aguilera (2005, p. 71), “Afirma que as pesquisas dialetais e geolinguísticas permitem resgatar especificidades lexicais que refletem recortes culturais distintos numa dada época da história da língua.”.

É a partir desse entendimento que os estudos dialetais têm a proposta de identificar as variações que ocorrem na fala dos sujeitos falantes de determinada língua, para traçar o perfil que estes assumem dentro de determinado espaço geográfico. Para isso a dialetologia se vale da geografia linguística como método de estudo.

Embora os estudos dialetológicos tenham surgido de trabalhos que tinham a finalidade de comparar os diferentes dialetos existentes, na dimensão diatópica, a própria necessidade de representar com maior precisão a variação linguística, tem exigido paulatina transformação na metodologia utilizada para a coleta de dados durante a pesquisa de campo. Assim, acrescentam-se aos trabalhos dialetológicos variáveis sociolinguísticas como, sexo, idade, escolaridade, a fim de dar conta de mostrar elementos importantes para o conhecimento da língua de determinada localidade que se queira conhecer.

Isso porque os primeiros estudos dialetológicos eram pautados na variação linguística, mas com ênfase na variação geográfica e na fala popular, em que as variáveis existentes não eram quantificadas e registradas nas cartas. A partir da utilização do método da geografia linguística, passaram a ser mostradas nos mapas as diferenças no nível lexical e fonético, que ocorrem na fala em determinado espaço geográfico.

A respeito de geolinguística, Dubois (2003 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 15), diz que “é o estudo das variações na utilização das línguas por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes.”.

Sobre geografia linguística e geolinguística, Dubois *et al* faz duas acepções para o termo. Para Dubois (1978, p. 304), “A parte da dialetologia que se ocupa em localizar as variações das línguas umas com relação às outras chama-se, mais frequentemente, geografia linguística”. Ainda Dubois (1978, p. 307), “Geolinguística é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes.”.

Pela metodologia utilizada na geolinguística, uma vez coletados e trabalhados os dados da pesquisa de determinada localidade, é preciso representá-los de modo que possibilitem a

identificação das ocorrências registradas, através da relação entre as ocorrências destes e a precisão do espaço onde acontecem. Para isso, os atlas linguísticos são de uma utilidade muito grande, porque permitem a visualização e identificação de forma rápida, de tais ocorrências. De acordo com Cristianini (2007, p. 50):

A ideia de se representarem os resultados em forma de atlas surgiu quase espontaneamente, por possibilitar perceber, com uma vista de olhos, as particularidades de um dialeto. Se comparado com o estudo dos glossários, foi um passo à frente nos estudos dialetais, pois, por meio de um cartograma linguístico podemos visualizar, de maneira sinóptica, as variedades linguísticas de determinada lexia em dada área geográfica.

George Wenker foi o precursor da geolinguística, fazendo em 1881 na Alemanha, um levantamento de dados linguísticos recobrando grande parte do território alemão. Com este trabalho, ele abriu caminho para as pesquisas de cunho diatópico, mas é a partir do final do século XIX que surge uma obra com maior rigor e precisão dialetológicos. Em 1897, Jules Gilliéron inicia na França, com a ajuda de Edmond Edmont, a coleta de dados para a formação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), tendo como base um questionário de 1920 perguntas aplicado em 639 localidades do território dos dialetos galo-românicos. Com a ajuda do *Ministère de l'Instruction Publique*, Gilliéron publica o Atlas em Paris de 1902 a 1910.

A importância do trabalho de Gilliéron para os estudos dialetais é confirmada por Rossi (1980 *apud* CARDOSO, 2010, p. 43), “[...] inscreve-se entre os responsáveis por uma das mais importantes tendências da passagem do século XIX ao século XX nos estudos linguísticos: o deslocamento do centro de interesse do som fônico à palavra (da fonética histórica à lexicologia histórica).”.

As pesquisas iniciadas por dialetólogos como Gilliéron no final do século XIX, com base na geografia linguística, inauguraram uma nova fase nos estudos das línguas românicas, quebrando com a tradição dos estudos comparatistas, em que as fontes de pesquisas eram os textos escritos. Nas palavras de Ilari (2008, p. 26):

O trabalho de Gilliéron é inovador, e historicamente importante, antes de mais nada, por sua metodologia: ao passo que os comparatistas utilizavam principalmente fontes escritas (documentos antigos, glossários e dicionários dos dialetos, textos dialetais etc.), Gilliéron dá prioridade aos dados que resultam de uma pesquisa de campo.

Para desenvolverem seus trabalhos de localização e registro das variações das línguas, os dialetólogos se utilizam da geolinguística, que é a representação cartográfica dos dialetos. São os cartogramas compilados que constituem os atlas linguísticos. Por meio dos cartogramas é possível verificarmos a variação de determinada lexia em determinada área geográfica. De acordo com Ilari (2008, p. 247):

Os dialetólogos selecionam uma área geográfica para estudo, preparam e aplicam instrumentos próprios para o levantamento dos dados, anotam-nos em cartas, constituindo os Atlas Linguísticos, e analisam os resultados obtidos compondo monografias sobre aspectos particulares desses dados.

De posse das entrevistas realizadas com os informantes de determinado grupo ou mesmo indivíduo isolado, pertencente à determinada localização geográfica é possível que a partir da comparação desses dados chegue-se a uma conclusão sobre a norma que caracteriza este grupo ou indivíduo. Esta norma é que faz com que os indivíduos estabeleçam relações linguísticas capazes de selecionar qual forma será adotada ou proscrita para uso.

Devido à dialetologia ser de cunho eminentemente diatópico, em muitos momentos ela precisa recorrer à sociolinguística para dar conta de explicar fenômenos não-diatópicos presentes nos dados, pois cabe à sociolinguística explicar por meio dos elementos sociais como ocorrem os fenômenos linguísticos.

Sobre a definição de sociolinguística, Dubois *et al* (1978, p. 561), diz que “A sociolinguística tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito”.

A partir do surgimento da sociolinguística variacionista, proposta pelo linguista William Labov nos anos 60 do século XX, nos Estados Unidos, a geolinguística passa de uma fase de estudos até então focados na dimensão diatópica da linguagem, para transitar por domínios que envolvem outras variáveis sociais: diastrática, diafásica, diasssexual, diageracional, dentre outras.

Com ênfase na atenção às variáveis de natureza extralinguística, a sociolinguística veio preencher uma lacuna deixada pelo gerativismo, que dava importância somente ao aspecto interno das línguas e a competência linguística do falante. Para Cezario; Votre (2011, p. 147), com suas postulações teóricas “Labov demonstrou que a mudança linguística é impossível de ser

compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua.”.

Como nova tendência que surgiu no século XX, a sociolinguística trata da relação entre linguagem e realidade social. Com ela surgiu grande quantidade de novos elementos e um novo ânimo à linguística, o que possibilitou variados estudos sobre norma linguística e investigações mais sofisticadas da dialetologia. Alkmim (2005, p. 31) esclarece que:

[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

É justamente pelo fato de os fenômenos que ocorrem na língua terem suas motivações a partir da realidade vivida pelo falante - e que esse falante sofre as ações do meio em que está inserido, decorrendo daí as suas atitudes linguísticas - é que se faz necessária a presença da sociolinguística quando o objeto de estudo é a língua. É preciso frisar que qualquer estudo sobre língua em que são consideradas as variações presentes e as localidades onde essas variações ocorrem, é necessário que essas ocorrências sejam analisadas à luz da sociolinguística, porque, segundo Camacho (2005, p. 55), “[...] a diversidade é uma propriedade funcional e inerentes aos sistemas linguísticos e o papel da sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo”.

A importância da relação entre dialetologia, geolinguística e sociolinguística, reside no fato da dependência que a primeira tem para com estas últimas, pois, desde que a dialetologia passou a descrever as línguas do espaço urbano, passou a controlar outras variáveis sociais. Ao mostrar as variações que ocorrem nas línguas, a dialetologia precisa identificar o espaço onde esses fenômenos ocorrem, sem deixar de considerar que o falante está inserido em uma realidade social que afeta significativamente no seu modo de falar, e que estas variáveis sociais agem o tempo todo sobre os indivíduos falantes e provocam constantes mudanças no uso da língua.

2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL

Nesta seção apresentamos um breve histórico dos estudos dialetológicos realizados no Brasil, com início no século XIX até os dias atuais. Seguimos os critérios utilizados por Altino

(2007), para a classificação dos oito atlas publicados até o presente momento, como monodimensionais, bidimensionais ou multidimensionais. Apresentamos também outros atlas elaborados em forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Fazemos ainda um apanhado dos estudos relacionados à variação, realizados no estado do Pará no âmbito do projeto GeoLinTerm.

No Brasil, a primeira manifestação de natureza dialetal deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que escreveu em 1826, um capítulo para o livro *Introduction à l'Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi. Nessa fase, que vai de 1826 a 1920, os trabalhos produzidos, segundo (CARDOSO, 2010), direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais, dentre os quais *Glossário de vocábulos brasileiros* do visconde Beaurepaire-Rohan, de 1883 a 1884⁵; *O tupi na geografia nacional* (SAMPAIO, 1901); *Glossário paraense* (MIRANDA, 1905); *Dicionário de brasileirismos* (GARCIA, 1912) e *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil* (SILVA, 1879).

A segunda fase vai de 1920, ano em que Amadeu Amaral (o primeiro dialetólogo brasileiro) publica *O dialeto caipira*, trabalho que ficaria conhecido como a primeira tentativa de descrever um falar regional. Essa fase é marcada, segundo Cardoso (2010, p. 134), “pela produção de trabalhos de cunho monográfico voltados para a observação de uma área determinada, na tentativa de descrever os fenômenos semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático”. É nesse período (1922) que Antenor Nascentes publica *O linguajar carioca* e na sequência aparece *a língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1934). Esta fase se estende até 1952.

A terceira fase se inicia com a publicação do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, quando o governo brasileiro, determina à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Pesquisadores como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi, além de outros, foram os responsáveis pela inauguração no Brasil dos estudos de geografia linguística. Segundo Silva (2005, p. 21), “[...] é a Serafim da Silva Neto, filólogo, que se deve, sem dúvida, o embrião da Dialetologia brasileira, principalmente por chamar a atenção para a necessidade de ‘criar uma mentalidade dialetológica’, tão necessária, tão urgente, mas tão pouco possível.”

5 Este vocabulário foi transformado em 1889 para *dicionário de vocábulos brasileiros* (CARDOSO, 2010).

Nascentes, em 1953, propôs a divisão do Brasil em seis subfalares, a saber: sulista, fluminense, mineiro, baiano, nordestino e amazônico – deixou fora dessa divisão parte do que é hoje o estado do Mato Grosso e do antigo estado de Goiás. Estribado no histórico de povoamento do Brasil, Nascentes tentou estabelecer áreas linguísticas peculiares a essas regiões. Para Brandão (1991, p. 15):

[...] a geografia linguística representa o coroamento de uma linha de investigação científica – o comparativismo – que, já bem desenvolvida, buscava o pleno conhecimento dos mecanismos de alteração e funcionamento das línguas, por meio de procedimentos metodológicos tão eficazes quanto rigorosos.

Embora a orientação inicial fosse para a construção do Atlas Linguístico do Brasil, as dificuldades impostas para essa concretização foram muitas, dentre as quais a extensão do país que apresenta dimensões continentais. Diante da impossibilidade da execução do atlas nacional, o caminho passou a ser trilhado em direção à realização de atlas regionais. Por isso, desde 1963, vêm sendo publicados atlas estaduais, sendo o Atlas Prévio dos Falares Baianos o primeiro, de autoria de Nelson Rossi, em coautoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira. Em 2002 foi publicado o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), de autoria de Koch *et al*, o primeiro a abranger três estados, ou seja a região Sul do Brasil.

Para acompanhar o processo de mudança por que passaram os estudos dialetológicos no Brasil, os atlas publicados estão divididos em três fases, conforme Altino (2007, p. 33):

[...] os atlas monodimensionais, focados na dimensão espacial, apresentando uma metodologia que permite a identificação da diversidade do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Os atlas bidimensionais, que além da dimensão geográfica, contemplam outra dimensão, seja ela diagenérica ou diageracional. E os atlas pruridimensionais, que por sua vez, focalizam não só a dimensão geográfica, mas também duas dimensões sociais, diastrática, diageracional, diassexual ou diagenérica.

Quase cinquenta anos depois da publicação do primeiro atlas (APFB, 1963) houve uma evolução na apresentação desses atlas, que vão desde a metodologia utilizada até o formato das cartas que passaram a utilizar, dentre outras inovações. Os últimos atlas publicados têm uma aparência bastante atraente, com a utilização de recursos audiovisuais que chamam a atenção. Como exemplo temos o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), que possibilita ao leitor, a audição das respostas dadas pelos informantes. Vemos em Razky (2005, p. 218), que:

O ALiSPA permite a visualização automática de 636 cartas fonéticas. Para mapear um fenômeno fonético, o usuário deve selecionar um vocábulo que exibe em cor vermelha o item fonético a ser observado. Em seguida, o usuário seleciona um grupo de falantes para poder observar os dez campos fonéticos que representam as dez cidades.

2.1.1 Evolução da Abordagem Dimensional nos Atlas Brasileiros

A respeito da abordagem dimensional no atlas brasileiros, Thun (1997 e 1998 *apud* ALTINO, 2007, p. 31), considera que “com a incorporação de novas teorias, podem-se dividir os atlas linguísticos em três grupos distintos: monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais.” Tomando essa definição como referência, a seguir apresentamos alguns dos principais atlas publicados no Brasil, em ordem cronológica, e alguns que estão em fase de elaboração, assim como trabalhos monográficos elaborados no período:

2.1.1.1 Atlas de primeira geração

A respeito dos atlas de primeira geração, Mota (2005, p. 21), expõe o seguinte:

O surgimento dos atlas regionais brasileiros, a partir dos anos 60 do século passado, deu-se dentro do que se pode rotular hoje de dialectologia monodimensional, ocupando-se, exclusiva e sistematicamente, da dimensão diatópica e deixando de lado outros parâmetros, como, por exemplo, as variações diagenérica ou diassexual, diastrática, diafásica, entre outras.

Os atlas a seguir são classificados como monodimensionais porque a cartografiação que apresentam limita-se à dimensão espacial ou diatópica:

Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB

De autoria de Nelson Rossi e coautoria de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, este atlas foi publicado em 1963 e é o primeiro atlas publicado em solo brasileiro. As 50 localidades onde o questionário foi aplicado, recobre vasta área do estado da Bahia. Cardoso (2010) relata que o questionário tem um total de 179 perguntas, e o conteúdo das cartas envolve 3600 itens. Foram entrevistados 100 informantes, 43 homens e 57 mulheres, todos analfabetos ou semi-analfabetos. O atlas compõe-se de 209 cartas, sendo 198 cartas linguísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias, que fornecem dados complementares de caráter geral.

“Nos inquéritos do APFB, as respostas foram anotadas imediatamente, depois de ouvidas do informante, em transcrição fonética, usando, assim, o método direto, pela dificuldade de contar, àquela altura, com gravadores portáteis e com autonomia de corrente.” (CARDOSO, 2010, p. 144 - 145).

Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG

Atlas concebido em quatro volumes, com a publicação do primeiro volume em 1977, tem como autores Mário Roberto Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio. A metodologia seguida utilizou-se de inquéritos aplicados diretamente nos pontos selecionados e de inquéritos por correspondência, com os primeiros realizados em 116 localidades com 415 perguntas feitas a 83 informantes, resultando na publicação de 73 cartas, sendo 45 onomasiológicas - com dados lexicais ou léxico-fonéticos, e as demais de isófonas e de isoléxicas.

Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB

Atlas concebido em três volumes, dos quais os dois primeiros foram publicados em 1984. De autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, abrange 25 municípios base e três municípios satélites⁶. Em cada localidade foi inquirido um mínimo de três informantes e um máximo de dez, todos os informantes tinham idade entre 30 e 75 anos. O questionário aplicado compõe-se de duas partes: uma geral, com 289 perguntas, e outra específica, com 588 perguntas. O volume I comporta um conjunto de 149 cartas lexicais e/ou fonéticas.

Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS

De autoria de Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen. Foram publicados os dois primeiros volumes em 2002. O atlas abrange os três estados do Sul do Brasil, com 275 localidades rurais: 100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e 80 de Santa Catarina, e 19 localidades urbanas: seis pontos do Paraná, sete do Rio Grande do Sul e seis de Santa Catarina. Foram utilizados os três questionários: QFF, QMS e QSL com 711 questões,

⁶ Segundo Aragão (2005, p. 77), “Os municípios satélites serviram para controle e convalidação dos dados obtidos nos municípios base, não aparecendo, portanto, nas cartas.”

aplicadas a 664 informantes, com idade entre 28 e 58 anos, todos com baixa escolaridade. Os dois primeiros volumes são referentes ao QFF e ao QMS apresentam 174 cartas, sendo 70 fonéticas e 104 morfossintáticas. Mais recentemente foi publicado o terceiro volume referente ao QSL.

2.1.1.2 Atlas de segunda geração

Os próximos atlas apresentados são classificados como bidimensionais porque, além da dimensão diatópica, contemplam a dimensão diasssexual ou diageracional:

Atlas Linguístico de Sergipe - ALS

Tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi, este Atlas foi publicado em 1987⁷. Devido à proximidade com o estado da Bahia, é considerado uma extensão do APFB. Com aproximadamente 700 perguntas, o questionário foi aplicado em 15 localidades, e teve como resultado 171 cartas linguísticas. O ALS foi o primeiro atlas no Brasil a cartografar uma variável social: sexo, o que o colocou entre os primeiros atlas pluridimensionais da América Latina. Nesse trecho citado por Cardoso (2005, p. 114), Thun (2000, p. 375) assinala:

Les premiers représentants d'un atlas linguistique systématiquement pluridimensionnel sont l'*Atlas Linguístico de Sergipe*, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira *et alii*, le microatlas aranéen contenu dans la monographie de Otto Winkelmann (1989) e l'*Atlas Linguístico do Paraná (ALP)*, Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...].⁸

Atlas Linguístico do Paraná - ALPR

De autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, resultado da sua tese de doutorado, defendida na UNESP em 1990, o Atlas foi publicado em 1994, e é composto de dois volumes. O atlas apresenta 191 cartas linguísticas, das quais 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 isoglossas. A pesquisa foi realizada em 65 localidades do Estado do Paraná e foram ouvidos 130 informantes, um homem e uma mulher por localidade, com idade variando entre 30 e 60 anos, com escolaridade entre analfabetos e semi-escolarizados. O questionário aplicado continha 325

⁷ Embora tivesse, segundo Cardoso (2012, p. 153), “os originais prontos para impressão em 1973.”.

⁸ Os primeiros representantes de um atlas linguístico sistematicamente pluridimensional são o Atlas Linguístico de Sergipe, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira *et alii*, o microatlas aranéen conteúdo da monografia de Otto Winkelmann (1989) e o Atlas Linguístico do Paraná (ALP), Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...].

questões abrangendo os campos semânticos *HOMEM* e *TERRA*, com perguntas comuns a outros atlas já publicados, com o intuito de compará-los⁹.

Atlas Linguístico de Sergipe II - ALS II

De autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso, resultado de sua tese de doutorado, defendida na UFRJ no ano de 2005. O Atlas conta com uma rede de pontos formada por 15 localidades, com 30 informantes dos dois sexos. Contém 108 cartas, três introdutórias e 105 semântico-lexicais. O ALS II apresenta “inovação em relação aos antecessores: um conjunto de comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, a que se acrescenta um glossário semasiológico”, Cardoso (2010, p. 160).

Atlas Linguístico do Paraná II - ALPR II

De autoria de Fabiane Cristina Altino, resultado de sua tese de doutorado, na Universidade Estadual de Londrina, o Atlas seguiu a metodologia adotada pelo Atlas Linguístico do Paraná, este publicado em 1994. Para o ALPR II foram confeccionadas 175 cartas, sendo 125 lexicais e 50 fonéticas, o que corresponde a 54% dos dados coletados para o Atlas do Paraná, mas que ainda não tinham sido trabalhados.

2.1.1.3 Atlas de terceira geração

São atlas que “combinam a dialetologia areal com a sociolinguística (e pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística”, Thun (1997 *apud* ALTINO, 2007, p. 49). Thun (2000 *apud* CARDOSO, 2010, p. 12), escreveu que “a nova geolinguística passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, para a análise do espaço linguístico formado pela consideração de variáveis como a dimensão diastrática, diafásica ou de outras.”.

⁹ Em 1987 a professora Aguilera apresentou o EALLO, resultado de sua dissertação de mestrado que teve como objetivo principal registrar cartograficamente a variação lexical no dialeto rural paranaense.

Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALiSPA

Atlas de autoria de Abdelhak Razky com a colaboração de outros integrantes do projeto ALiSPA foi publicado em 2004, e é o primeiro atlas sonoro do Brasil. A apresentação em CD-ROM possibilita a audição das respostas dos informantes, possibilitando a navegação pelos *menus* interativos. São dez localidades de coleta de dados, com quatro informantes em cada uma, estratificados da seguinte forma: dois homens e duas mulheres, com idades entre 19 a 33 anos e 40 a 70 anos, analfabetos ou escolarizados até a 4ª série do ensino fundamental. Para a realização da pesquisa foi aplicado o questionário fonético-fonológico, com 159 perguntas e como resultado foram confeccionadas 600 cartas linguísticas em formato digital.

Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM

De autoria de Maria Luiza de Carvalho Cruz, fruto de sua tese de doutorado defendida na UFRJ, este Atlas foi concluído em 2004. Para o trabalho foram entrevistados 54 informantes em nove localidades, com as seguintes faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante, sendo seis informantes por localidade, três homens e três mulheres, todos alfabetizados até a 4ª série do ensino fundamental.

Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS

Sob a direção de Dercir Pedro de Oliveira, o Atlas foi publicado em 2008. Recobre uma rede de 33 pontos do estado de Mato Grosso do Sul, com 132 informantes. Apresenta um conjunto de 207 cartas linguísticas, distribuídas da seguinte forma: 47 cartas fonéticas, 153 cartas semântico-lexicais e sete cartas morfossintáticas. O questionário linguístico contempla: o QSL com 506 perguntas, o QFF com 46 perguntas e mais quatro perguntas sobre lendas, superstições e simpatias.

Atlas Linguístico do Ceará - ALECE

De autoria de José Rogério Bessa, o Atlas foi publicado em 2010. Apresenta uma rede de pontos composta por 141 localidades. Foram entrevistados 261 informantes na faixa etária de 30 a 60 anos, de ambos os sexos, todos analfabetos ou com no máximo a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental. O questionário é composto por 306 perguntas. Foram produzidas 240 cartas, sendo 108 lexicais, 132 fonéticas e um glossário com 908 itens.

Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara - AFeBG

Resultado da dissertação de mestrado de Luciana Lima, o atlas foi concluído em 2006. De cunho fonético-fonológico, com princípios da Geolinguística e da Sociolinguística. Os dados foram coletados em quatro pontos de inquérito, a partir de entrevistas com seis informantes por localidade, três homens e três mulheres, totalizando 24 informantes. O questionário é composto de 279 questões e foram produzidas 308 cartas fonéticas.

Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã - ALiPP

Elaborado como dissertação de mestrado de Regiane Reis e defendido na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em 2006. Atlas de perspectiva multidimensional que aborda o português nas regiões fronteiriças do Mato Grosso do Sul. A pesquisa engloba oito pontos de inquérito, com 16 informantes, dois por localidade, um homem e uma mulher, com idade de 45 a 70 anos, com no máximo o 5º ano do ensino fundamental. Os informantes são bilíngues, nascidos na fronteira entre Brasil e Paraguai. Foram cartografados dados provenientes do contato entre português, espanhol e guarani, com a produção de 232 cartas.

Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso - ALMESEMT

De autoria de Marigilda Antônio Cuba, resultado de dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o Atlas foi defendido em 2009. A dissertação trabalha com oito pontos de inquérito, selecionados a partir da lista elaborada por Nascentes para o ALiB no então estado do Mato Grosso. São 32 informantes, quatro por localidade, sendo um homem e uma mulher entre 18 a 30 anos, e um homem e uma mulher entre 45 a 70 anos, com escolaridade até a 8ª série (9º ano) do ensino fundamental. O questionário aplicado possuía 318 questões, sendo 161 de ordem fonético-fonológico e 157 semântico-lexicais, e mais quatro temas que orientam discursos semidirigidos e seis questões metalinguísticas. Os dados foram mapeados em 243 cartas linguísticas, 122 fonéticas e 121 lexicais.

2.1.2 Atlas Brasileiros em Andamento

Para completar a relação de atlas publicados, encontram-se também em fase de elaboração, conferir relação abaixo, alguns atlas estaduais:

- Atlas Geossociolinguístico do Pará - ALiPA;
- Atlas Linguístico de Mato Grosso – ALiMaT;
- Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA;
- Atlas Prévio do Espírito Santo - APES;
- Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – ALiRN;
- Atlas Linguístico do Estado do Acre – ALiAC;
- Atlas Linguístico Sonoro do Rio de Janeiro – ALiSon;
- Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO;
- Atlas Linguístico de São Francisco do Sul – ALSFS;
- Atlas Linguístico do Amapá – ALAP.

O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, enquadra-se entre os atlas em fase de elaboração, com previsão de publicação de parte dos dados coletados e trabalhados, para 2013.

Além dos atlas acima descritos, outros estudos de base geolinguística foram desenvolvidos nesse período, em nível de pós-graduação: mestrado e doutorado. Alguns estão listados abaixo:

- SILVA, Maria do P. S. C. *Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/PA*. São Paulo, 2002. 2 v. com anexos. Tese (doutorado em linguística), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Orientadora: Irenilde Pereira dos Santos.

- CRISTIANINI, Adriana C. *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC Paulista*. São Paulo, 2007. 3 v + anexos, + CD-ROM. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007;

- GUEDES. Regis J. C. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. Belém, 2012. Dissertação (mestrado em linguística), Faculdade Letras da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Orientador: Abdelhak Razky.

A publicação dos atlas linguísticos e a conclusão de trabalhos de mestrado e doutorado têm permitido com que tenhamos um panorama do falar brasileiro (ainda que parcial), principalmente pelo caráter que os atlas adotam em suas metodologias, registrar a fala de informantes de diferentes pontos do território brasileiro, tentando cobrir as diferentes regiões dentro dos estados. É um trabalho inovador se considerarmos que está contemplado um número grande de áreas geográficas, de norte a sul, de leste a oeste, diferente de outras metodologias utilizadas, muito comuns nos estudos gramaticais, em que é registrada apenas uma forma padrão da língua, sem considerar a diversidade linguística do país. Normalmente a visão adotada por esses estudos é aquela que considera a região de maior poder econômico – e a fala da classe de prestígio, em detrimento das demais.

Os atlas linguísticos são enquadrados em quatro tipos diferentes, de acordo com Alinei (*apud* CARDOSO, 2010, p. 49). Dependendo da dimensão territorial alcançada eles podem ser definidos como, Atlas regionais: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS); Atlas nacionais: Atlas Linguístico do Brasil (ALiB); Atlas de famílias de línguas: Atlas Linguístico da Romênia (ALiR); Atlas continentais: Atlas Linguístico da Europa (ALE).

Os primeiros atlas publicados foram nacionais, como o Atlas Linguístico da França (ALF), mas com o passar do tempo, os dialetólogos foram percebendo que, apesar da importância dos atlas nacionais, eles não davam conta de registrar os fatos linguísticos de forma que retratassem as realidades existentes nas várias localidades que ficavam de fora, devido à dimensão de países continentais, como é caso do Brasil, por exemplo, que apresentam nas suas composições espaciais regiões com formação populacional com histórico muito diferentes, o que influencia de modo decisivo na fala dos habitantes.

Além do mais, muitos países têm a língua oficial - alguns como a Suíça têm mais de uma -, mas possuem dialetos por todo o território que identificam linguisticamente determinada localidade. Países como o Brasil que apresentam uma extensão territorial muito grande, possui um leque de falares que diferenciam visivelmente uma região da outra. Se forem consideradas as línguas indígenas então a quantificação dessas línguas/dialetos será muito elevada. No Brasil, segundo Faraco (2001, p. 40), “[...] se fala perto de 180 línguas, somando-se ao português as línguas dos outros grupos europeus e asiáticos que participaram da colonização, e, é claro, as línguas indígenas.”

Sobre a publicação de atlas por região no Brasil, Cardoso (2010, p. 77), esclarece que “Esse entendimento, muito provavelmente, esteve na base das decisões tomadas por dialetólogos brasileiros no momento em que foi deixada de lado a realização de um atlas linguístico do Brasil e passaram a ser estimulados e implementados atlas por região. [...]”. Seguindo essa orientação em 1963, Nelson Rossi publica o Atlas Prévio dos Falares Baianos que contempla todo o estado da Bahia, seguido pelo Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, Atlas Linguístico de Sergipe, Atlas Linguístico da Paraíba, dentre outros.

Os membros do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sob a coordenação de um comitê nacional, vêm trabalhando desde 1996 para a publicação do Atlas Linguístico do Brasil, que segundo Mota (2005, p. 40):

Seguindo a tendência da Geolinguística Contemporânea, o ALiB pretende apresentar-se como um atlas de 3ª geração, isto é, mostrar, além da cartografia dos resultados – como nos atlas de 1ª geração – comentários às cartas – como nos que se consideram de 2ª geração – e apresentação dos dados em CD, de modo a facultar aos interessados a audição da própria voz do informante, na localidade que ele representa.

A expectativa é que o ALiB apresente um retrato da dialeção do português falado em todas as regiões do Brasil. Com isso, pretende-se dar uma resposta a respeito da diversidade linguística presente no território brasileiro. Essas diferenças estariam relacionadas aos diferentes espaços geográficos ou a fatores sócio-culturais? Sobretudo quando se vê que é mais provável que dois falantes do mesmo lugar, mas de níveis sócio-econômico-culturais diferentes apresentem dessemelhanças no modo de falar, ao passo que, mesmo pertencendo a lugares diferentes, distantes, dois falantes podem apresentar semelhanças em suas falas quando pertencentes à mesma classe social. Nas palavras de Callou (2010, p. 33), observamos que:

[...] as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais e as diferenças nas maneiras de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, originários de duas regiões distantes uma da outra.

2.1.3 Estudos dialetológicos no Pará

Seguindo a orientação adotada pelos dialetólogos brasileiros, no estado do Pará, pesquisadores do curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) iniciaram em 1996 estudos com a intenção de construir e publicar o Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA),

que foi criado com a finalidade de mapear as variações linguísticas do português falado no estado Pará, considerando a diversidade linguística presente nos aspectos geográfico e social.

Antes da criação do projeto ALiPA, já haviam sido realizados alguns estudos descritivos com a intenção de conhecer o português falado no estado do Pará¹⁰, a saber: *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia e semântica* (VIEIRA, 1983), pesquisa referente aos municípios de Alenquer, Itaituba, Óbidos, Oriximiná e Santarém, municípios do oeste paraense; *Elevação das pretônicas na fala culta de Belém* (NINA, 1991), trabalho cuja intenção foi descrever as ocorrências das vogais /ɛ/ e /ɔ/ em contextos CVC.

Devido a mudanças ocorridas nos últimos anos, o projeto ALiPA passou a integrar o projeto GeoLinTerm¹¹, consequência da abrangência do projeto que passou dos limites do estado do Pará. Pesquisadores de outros estados do norte do Brasil estão envolvidos no projeto: Amapá, Amazonas, Rondônia e Acre. O projeto tem como coordenador o professor Abdelhak Razky e como colaboradores os professores Marilucia Oliveira e Alcides Lima. Além das pesquisas em Dialetoologia, Geolinguística e Sociolinguística, já foram e estão sendo desenvolvidos diversos estudos em Socioterminologia. São glossários apresentados em dissertações de mestrado e teses de doutorado na UFPA e na UFC. Alguns desses trabalhos são: *A terminologia do caranguejo*, dissertação de mestrado de Vasconcelos; e as teses de doutorado: *A terminologia da madeira*, de Lima, *A terminologia da farinha*, de Rodrigues (em andamento) e *A terminologia do alumínio*, de Martins (em andamento).

No âmbito da variação lexical, foram realizadas cinco pesquisas em quatro das seis mesorregiões paraenses e uma que abrange doze municípios, dois em cada uma das seis mesorregiões. Apresentamos a seguir, as referidas pesquisas e seus respectivos autores:

Varição Lexical e Fonética na Ilha do Marajó

Trabalho de iniciação científica, elaborado por Arlon Martins em 2004. São cartas experimentais do léxico de cinco localidades da Mesorregião Marajó (Melgaço, Breves, Anajás, Chaves e Salvaterra). Foram confeccionadas 106 cartas e entrevistados 20 informantes.

¹⁰ Informações consultadas em Guedes (2012).

¹¹ Geossociolinguística e Socioterminologia abrangem quatro eixos de pesquisa: 1. O Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte); 2. O Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); 3. Os Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN); 4. A Terminologia e Socioterminologia (SocioTerm).

Variação Lexical no Nordeste Paraense

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, realizado em 2005, Costa mapeou o léxico de quatro municípios da Mesorregião Nordeste (Abaetetuba, Maracanã, Moju e Viseu).

Variação Lexical no Sudeste do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso de Adriana Feitosa em 2006, que mapeou o léxico de quatro municípios da Mesorregião Sudeste Paraense (São Geraldo do Araguaia, Xinguara, Redenção e Conceição do Araguaia).

Variação Lexical em quatro Municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém

Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Regis José Guedes, concluído em 2007, que mapeou o léxico de quatro localidades da Mesorregião Metropolitana de Belém (Santo Antônio do Tauá, Santa Izabel, Castanhal e Bujaru).

Estudo Geossociolinguístico da Variação Lexical na Zona Rural do Estado do Pará

O trabalho de Dissertação de mestrado foi concluído por Regis José Guedes em 2012. Os dados utilizados para a constituição do *corpus* foram selecionados de dois municípios em cada uma das seis mesorregiões do Estado do Pará, totalizando 12 municípios. Santarém e Oriximiná (Mesorregião Baixo Amazonas), Anajás e Breves (Mesorregião Marajó), Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém), Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste), Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudoeste) e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudeste).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo localizamos a mesorregião Sudeste Paraense dentro do contexto dos fatos histórico-sociais ocorridos ao longo do processo de sua ocupação. Também descrevemos a seguir os principais aspectos referentes à metodologia utilizada neste trabalho. Ressaltamos que a metodologia segue os mesmos princípios previstos nos trabalhos desenvolvidos para a construção do projeto ALiPA.

Primeiramente, delimitamos os pontos que foram pesquisados na mesorregião, em seguida mostramos o perfil dos informantes selecionados para a coleta dos dados. Dando continuidade, apresentamos a estrutura do Questionário Semântico Lexical (QSL¹²) aplicado nas entrevistas, depois vem o relato da pesquisa de campo e finalmente a transcrição e tratamento dos dados que constituem o *corpus* da dissertação.

Para realizarmos este trabalho, nos utilizamos do modelo teórico da Dialetologia e da metodologia cartográfica da Geolinguística. Seguindo o método, aplicamos o questionário para vinte e dois informantes de seis municípios da mesorregião Sudeste Paraense, a fim de obtermos resultados que retratassem a realidade linguística presente na fala desses informantes. Os resultados desta pesquisa estão apresentados ao longo do quarto capítulo deste trabalho e são mostrados por meio de cartas lexicais e comentários escritos.

No decorrer da descrição dos dados apresentados nas cartas lexicais desta pesquisa, fizemos comparações com trabalhos de autores que discutem o tema que trabalhamos, dentre os quais se destaca a dissertação de Guedes (2012), que mapeou a variação lexical de doze pontos do Estado do Pará, a partir da seleção de dois pontos de pesquisa das seis mesorregiões.

3.1 A MESORREGIÃO SUDESTE PARAENSE NO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Esta seção apresenta informações de natureza histórico-social, acerca da mesorregião Sudeste Paraense e de sua contextualização no Estado do Pará.

O Estado do Pará está localizado na região Norte ou Amazônica do Brasil, sendo o segundo em extensão territorial, e tem seus limites ao norte com o estado do Amapá, a Guiana, o Suriname e com o Oceano Atlântico; ao sul com o estado de Mato Grosso; a leste com os estados

¹² Anexo A deste trabalho.

do Maranhão e do Tocantins; a oeste com os estados de Roraima e do Amazonas. Para fins político-administrativos, o estado foi dividido em seis mesorregiões, dentre as quais a mesorregião Sudeste nosso objeto de estudo.

A esse respeito, dados de UFPA (2011), dizem que “A mesorregião Sudeste Paraense é uma das seis mesorregiões do Estado do Pará e apresenta área de aproximadamente 297.629 km², cuja população estimada é de 1.654.195 habitantes e densidade de 5,56 habitantes por km².”.

A mesorregião Sudeste Paraense é composta por 39 municípios (Abel Figueiredo, Água Azul do Norte, Bannach, Bom Jesus do Tocantins, Brejo Grande do Araguaia, Breu Branco, Canaã dos Carajás, Conceição do Araguaia, Cumaru do Norte, Curionópolis, Dom Eliseu, Eldorado dos Carajás, Floresta do Araguaia, Goianésia do Pará, Itupiranga, Jacundá, Marabá, Nova Ipixuna, Novo Repartimento, Ourilândia do Norte, Palestina do Pará, Paragominas, Parauapebas, Pau d’Arco, Piçarra, Redenção, Rio Maria, Rondon do Pará, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, Sapucaia, São Domingos do Araguaia, São Félix do Xingu, São Geraldo do Araguaia, São João do Araguaia, Tucumã, Tucuruí, Ulianópolis e Xinguara). O município de Marabá concentra a maior população da mesorregião. De acordo com o censo do IBGE (2010), a população de Marabá é de 233.462 habitantes.

A referida mesorregião foi criada com a divisão oficial do Brasil estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pela Resolução PR-51 de 01/07/1989. A maioria dos municípios foi instituída nas décadas de 80 e 90 do século XX, por força de movimentos emancipatórios liderados, principalmente, por atores e grupos sociais que se instalaram na região sob as dinâmicas de expansão da fronteira de recursos que passou a caracterizar amplas áreas da Amazônia desde meados dos anos 1950.

O povoamento da mesorregião está associado aos ciclos de exploração da borracha na segunda metade do século XIX¹³ e do ouro em Serra Pelada na década de 80 do século XX. Segundo Becker (1997, p. 77), “A descoberta do ouro no início de 1980 e a política oficial de liberação das áreas de pesquisa mineral para a garimpagem provocaram uma explosão do ciclo migratório, sua população crescendo para 20.000 pessoas em menos de dois meses.” Esses acontecimentos foram os principais responsáveis pela vinda de grandes levas de trabalhadores do Nordeste e Centro-Oeste, e também de outras áreas, como a região Sul do Brasil. A construção da

¹³ De acordo com Bessa Freire (1983, p. 70 apud Noll; Dietrich, 2010, p. 113), [...] 500 mil colonos do árido Nordeste brasileiro, que imigraram para lá durante o ciclo da borracha entre 1872 e 1910.

rodovia Belém-Brasília na década de 60 do século passado e da rodovia transamazônica¹⁴ na década de 70 do século XX, durante o governo militar, impulsionaram ainda mais o deslocamento de milhares de imigrantes para essa região, à procura de trabalho, com o sonho de encontrar na selva amazônica um futuro promissor. De acordo com dados publicados pela UFPA (2011, p. 14):

Nenhuma outra região do estado sofreu, nas três últimas décadas, tantas mudanças ambientais, sociais, econômicas e políticas quanto o Sudeste Paraense. Os principais fatores que causaram as mudanças foram: políticas governamentais executadas por diversos órgãos das esferas federal e estadual; a valorização dos recursos naturais pela lógica do grande capital; a descoberta e exploração de recursos minerais; a abertura de rodovias; a reapropriação da terra por fazendeiros e camponeses; o desmatamento excessivo; a chegada da indústria madeireira; e o avanço da agropecuária.

Vale ressaltar que o Sul do Pará, onde está localizada a maior parte da mesorregião Sudeste Paraense, possui em seu subsolo vasta riqueza mineral que atraiu grandes projetos multinacionais para esta parte do Pará e que a migração de brasileiros de outras regiões do Brasil foi uma estratégia planejada pelo governo federal para formar reserva de mão-de-obra disponível para o trabalho local. Como consequência da intensa migração para a região, a composição da população apresenta características peculiares que a diferencia do restante do estado.

Além disso, favoreceu o fato de a região estar localizada próxima ao oceano Atlântico, o que facilita o acesso e o escoamento dos minérios. Becker (1997, p. 64 - 65), assim descreveu: “[...] a região apresenta uma fantástica riqueza mineral [...] as mais importantes descobertas, até o momento, são as da província metalogênica da Amazônia Oriental, localizada entre os rios Araguaia e Xingu, no Sul do Pará.”.

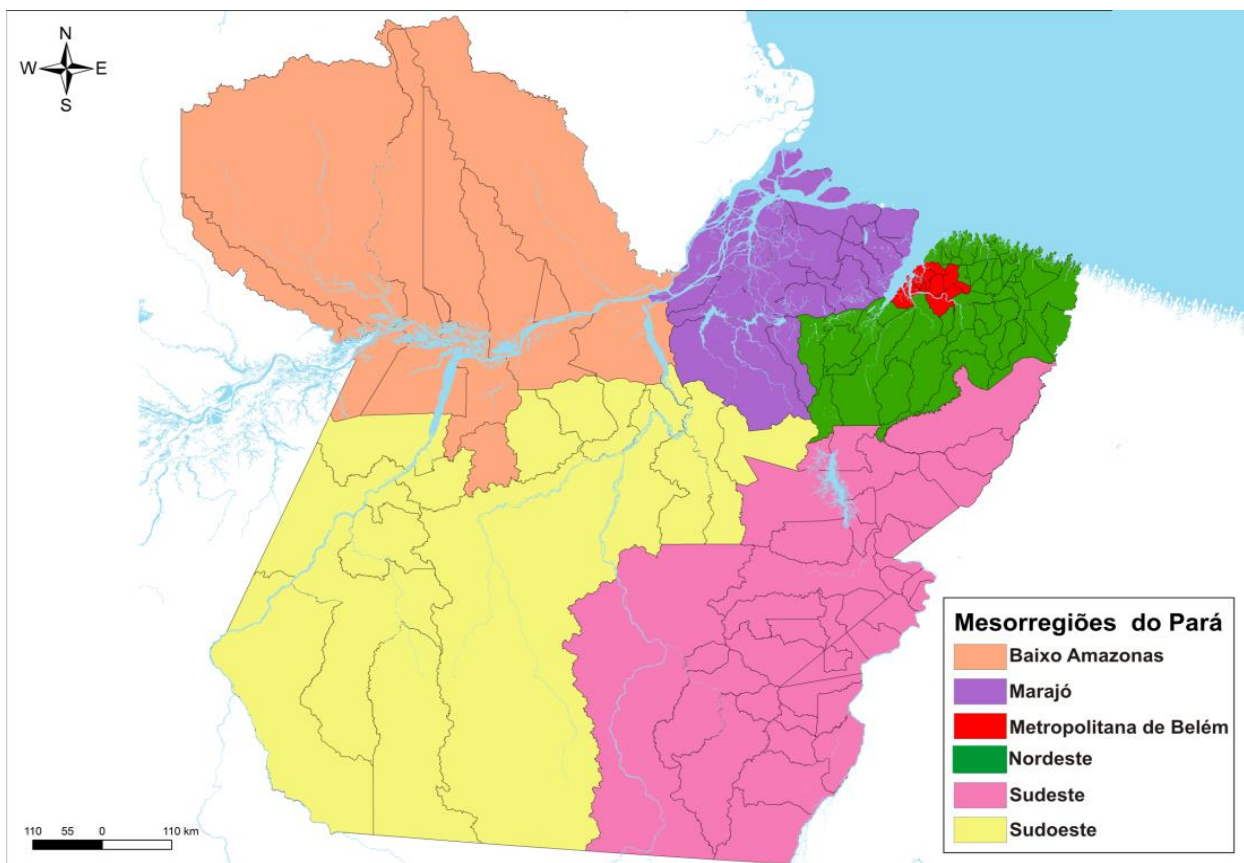
3.2 DELIMITAÇÃO DA REDE DE PONTOS

O Pará é um estado com dimensões continentais – o segundo mais extenso do Brasil. Dentro dos seus limites, apresenta uma divisão político-geográfica em seis mesorregiões:

14 De acordo com Guedes (2012, p. 58), “uma obra ‘faraônica’ que possui 4.977 km de comprimento, ligando Cabedelo, na Paraíba, a Benjamin Constant, no Amazonas, cortando sete estados brasileiros: Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas.”

Metropolitana de Belém, Marajó, Nordeste, Baixo Amazonas, Sudoeste e Sudeste, de acordo com a figura¹⁵ a seguir:

Figura 1: mesorregiões do Estado do Pará



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

A seleção dos seis pontos de inquérito¹⁶ foi feita dentre os treze municípios da mesorregião que fazem parte dos pontos de investigação do projeto ALiPA¹⁷. Vale ressaltar que no projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA), a pesquisa de cunho dialetológico é realizada em localidades da zona rural, por meio da aplicação do QSL, com 256 perguntas e mais um relato de experiência pessoal, e abrange 50 (cinquenta) pontos geográficos do Estado do Pará.

¹⁵ Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora – NAEA/UFGPA).

¹⁶ No anexo B deste trabalho encontra-se o levantamento de dados históricos dos seis municípios selecionados para esta pesquisa.

¹⁷ O ALiPA é um projeto de pesquisa ligado ao laboratório de linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a coordenação do Professor Dr. Abdelhak Razky. Esse projeto está em funcionamento desde 1996 e tem por objetivo a construção do Atlas Geossociolinguístico do Pará.

O projeto ALiPA seleciona para entrevista, em cada ponto determinado, quatro informantes estratificados de acordo com o quadro abaixo:

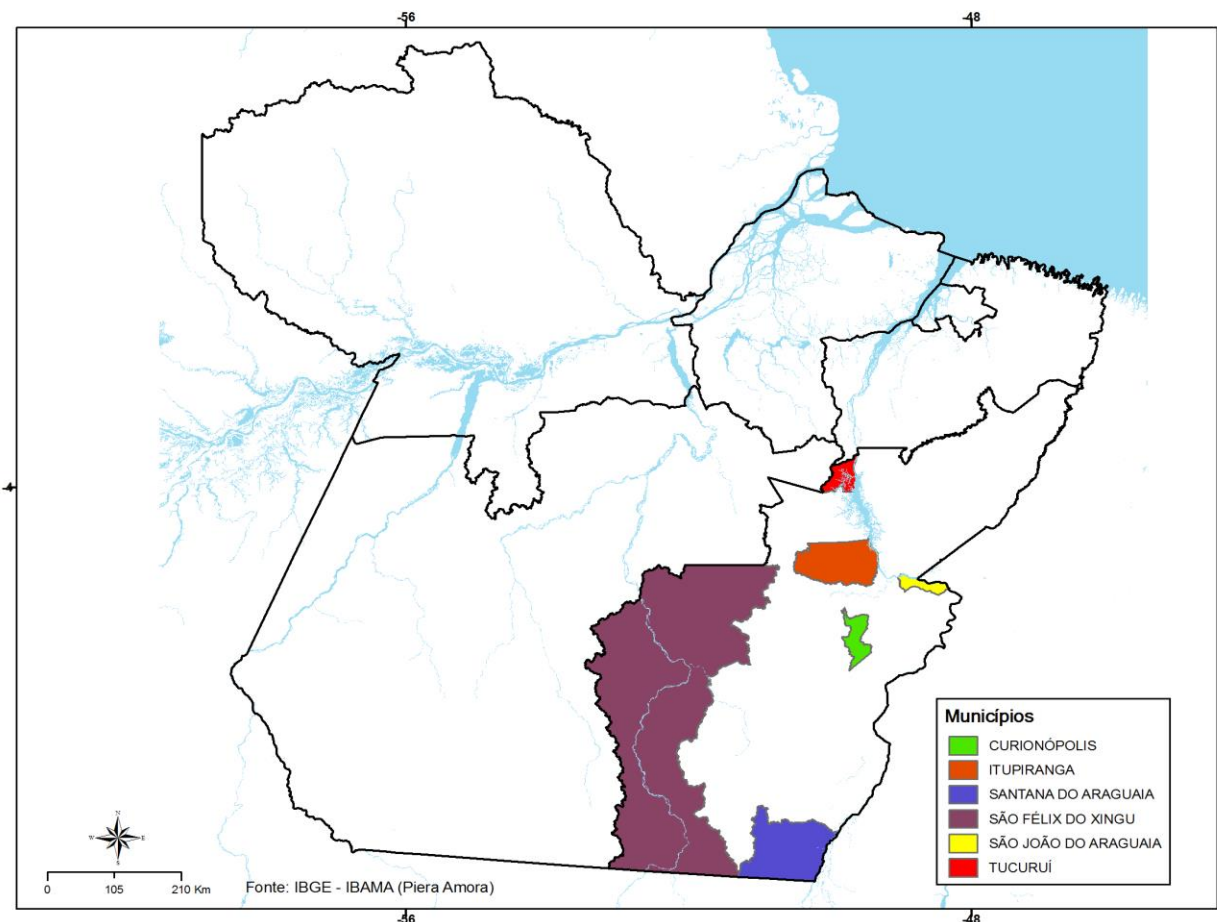
Quadro 1 – Perfil dos informantes do ALiPA.

Faixa etária	Gênero		Escolaridade
Faixa etária I 18 a 30 anos	01 homem	01 mulher	Analfabeto ou escolarizado até a 4ª série do Ensino Fundamental ¹⁸
Faixa etária II 40 a 70 anos	01 homem	01 mulher	Analfabeto ou escolarizado até a 4ª série do Ensino Fundamental
Total de informante por localidade: 04			

Seguindo a metodologia de trabalho adotada pelo projeto ALiPA, delimitamos a nossa pesquisa em seis pontos da mesorregião Sudeste Paraense, a saber: Curionópolis, Itupiranga, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia e Tucuruí. O mapa a seguir, figura 2, mostra a distribuição espacial dessas localidades:

¹⁸ Atualmente a 4ª série equivale ao 5º ano.

Figura 2: Pontos de Investigação Selecionados para a Pesquisa



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para a realização das entrevistas selecionamos quatro informantes por localidade, totalizando 22¹⁹ (vinte e dois). Durante a seleção dos informantes, considerando a peculiaridade da mesorregião referente ao processo de formação da população, tentamos nos aproximar ao máximo das exigências do nosso trabalho de dissertação, tarefa que não foi fácil, haja vista a região de nossa pesquisa apresentar características que a diferenciam do restante do Estado referente à zona rural. Nos municípios próximos à capital do Estado, encontramos uma população rural com traços característicos do nativo, com antecedência indígena, ou de nativos com colonizadores portugueses; no Sudeste Paraense há uma realidade diferente, pois a população

¹⁹ Vinte e dois porque em Curionópolis foram entrevistados apenas os dois informantes da primeira faixa etária.

rural em sua grande maioria é composta de pessoas naturais de outras regiões do Brasil, muitas vezes com histórico de residência na zona urbana.

Os critérios adotados neste trabalho seguem as orientações do projeto ALiPA:

- Todos os informantes devem possuir escolaridade igual ou inferior à 4ª série (5º ano) do ensino fundamental;
- Um informante do sexo masculino e um informante do sexo feminino, entre 18 e 30 anos; um informante do sexo masculino e um informante do sexo feminino entre 40 e 70 anos;
- Os informantes devem residir na localidade da pesquisa desde o seu nascimento até a data da entrevista, ou terem se tornados residentes na localidade desde os cinco anos de idade e não terem residido em outras localidades por mais de dois anos.

As outras exigências do projeto para a seleção dos informantes são: presença de dentição, ter perfeita dicção, não apresentar problemas de ordem neurológica capazes de afetar a articulação dos fonemas, os informantes não poderiam ter parentesco entre si, dentre outras exigências. Tarallo (1985, p. 27 - 28) corrobora essa exigência dizendo que:

[...] somente serão entrevistados aqueles indivíduos que ou tenham nascido na comunidade em questão ou a ela tenham chegado até os 5 anos de idade. Com isso você evitará que a escolaridade do informante em uma ou outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado.

Apesar do esforço para conseguirmos informantes que se enquadrassem no perfil estabelecido, foram muitas as dificuldades pelas quais passamos. Em Curionópolis, pelo fato de o município contar com pouco mais de três décadas de existência²⁰, não foi possível encontrar informantes da segunda faixa etária, de ambos os sexos, porque são pessoas mais velhas que o município. Mesmo assim entrevistamos dois informantes que são naturais de dois estados do Nordeste, e após consultarmos pesquisadores mais experientes como a professora Suzana Cardoso do projeto ALiB e o professor Abdelhak Razky do projeto GeoLinTerm, achamos melhor abandonar os dados desses dois informantes para evitar que interferissem no resultado da pesquisa.

Em decorrência do fato de não termos encontrado informantes da segunda faixa etária, no ponto 1 – Curionópolis, que se enquadrassem no perfil da nossa pesquisa, quando

20 Conforme relatos históricos do (IBGE, 2010), o município de Curionópolis surgiu no início da década de 80, momento em que começou a exploração do ouro em Serra Pelada.

trabalhamos nas cartas lexicais com dados referentes à variável extralinguística idade, temos os seguintes termos percentuais: os 12 informantes da primeira faixa etária (equivalem a 100% de possibilidades de ocorrências) e os dez informantes da segunda faixa etária (equivalem a 100% de possibilidades de ocorrências); ao passo que, com os dados referentes à variável extralinguística sexo, temos o seguinte: os 22 informantes equivalem a 100% de possibilidades de ocorrências para os dois sexos.

Assim, temos:

Varição diageracional - Faixa Etária 1: 100%; Faixa Etária 2: 100%

Varição diassexual - Homens + Mulheres: 100%

Diferente dos demais pontos de realização da pesquisa de campo, Itupiranga foi o ponto pesquisado no qual encontramos maior facilidade para localizar os informantes, não que este ponto não apresentasse as dificuldades presentes nos outros pontos de inquérito, mas logo que chegamos à sede do município fomos orientados a ir para uma localidade rural em que a maioria dos moradores são nascidos e criados no local e com muito pouca mobilidade, em regra, no máximo, vão para a sede do município.

Utilizamos, para as entrevistas, o questionário piloto de base semântico-lexical do projeto ALiPA, publicado em 1997. Este questionário foi elaborado tendo como base a primeira versão do questionário semântico-lexical elaborado para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), acrescido de itens dos questionários usados para a construção dos Atlas Linguísticos dos Estados de São Paulo (ALESP) e do Paraná (ALPR).

O QSL é composto de 256 perguntas e uma solicitação para que o informante faça um relato de experiência pessoal. As 256 perguntas do questionário estão distribuídas em 14 campos semânticos, descritos a seguir:

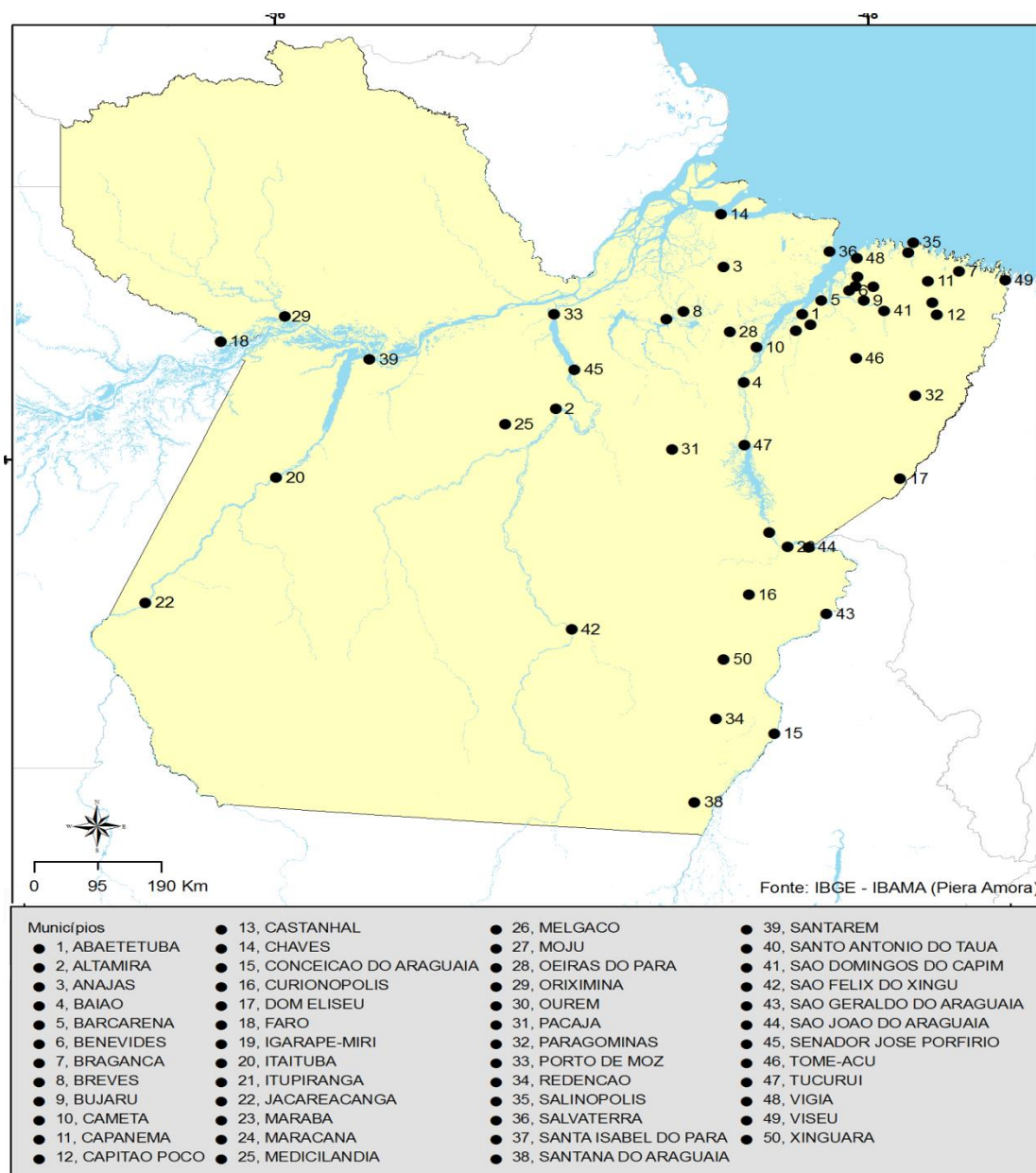
1. Natureza e Acidentes Geográficos
2. Fenômenos Atmosféricos
3. Astros e Tempo
4. Flora: árvores e frutos
5. Atividades Agropastoris (agricultura, instrumentos agrícolas)
6. Fauna
7. Corpo Humano: partes do corpo, funções, doenças etc.
8. Cultura e Convívio

9. Ciclos da Vida
10. Religião e Crenças
11. Festas e Divertimentos
12. Habitação
13. Alimentação e Cozinha
14. Vestuário

3.4 PESQUISA DE CAMPO

O projeto do Atlas Geossociolinguístico do Pará prevê atualmente a coleta de dados em 50 pontos de inquérito, conferir mapa abaixo. A coleta de dados já foi realizada em 34 destes pontos e com os seis pontos realizados para este trabalho, o projeto passa a totalizar 40 pontos de inquérito coletados.

Figura 3: Pontos de Investigação do Projeto ALiPA



Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

Esta pesquisa se reveste de importância, uma vez que possibilita o conhecimento das particularidades do português falado pela população da mesorregião Sudeste Paraense. São informações que precisam ser registradas, uma vez que se trata de uma região que vem passando por um rápido processo de transformações nas últimas décadas - consequência do elevado processo de exploração mineral, que alterou radicalmente a paisagem local - com a presença de

pessoas na região vindas de várias partes do país e com diferentes hábitos culturais, o que reflete diretamente na fala dos habitantes, por ser a linguagem um elemento muito suscetível a mudanças.

Os dados desta pesquisa foram coletados em seis pontos da mesorregião Sudeste Paraense. Em cada um destes pontos foram entrevistados quatro informantes. O *corpus* do trabalho constituiu-se de entrevistas com moradores da zona rural dos municípios objetos da pesquisa, considerando-se classe social, nível de escolarização, sexo e faixa etária.

A coleta foi feita por meio da aplicação do QSL, em entrevistas realizadas em locais sugeridos pelos informantes. As gravações das entrevistas foram realizadas com um gravador digital Linear PCM Recorder LS-10, e o *corpus* formado, compreende 22 gravações ao todo, totalizando 21h10min22s.

Antes de partirmos para as localidades das entrevistas, analisávamos cuidadosamente os detalhes para a viagem a campo, definimos que faríamos a pesquisa no mês de julho de 2011, deslocando-nos pelos seis pontos para colhermos as entrevistas de todos os informantes, mas ao tomarmos a estrada em direção ao primeiro, Santana do Araguaia, percebemos que seria uma tarefa difícil de realizar, por uma série de obstáculos que se nos impuseram.

Analisamos melhor a situação e decidimos que faríamos a pesquisa em três períodos: no primeiro momento, julho de 2011, realizamos as entrevistas nos municípios de Santana do Araguaia, São Félix do Xingu e Tucuruí; no segundo momento, fevereiro de 2012, nos municípios de Curionópolis e São João do Araguaia, e no terceiro momento, outubro de 2012, no município de Itupiranga.

Em Santana do Araguaia aplicamos o questionário na localidade de Barreiras do Campo, localidade às margens do Rio Araguaia; em São Félix do Xingu realizamos as entrevistas na sede do município, depois de combinarmos com os informantes, que vinham da zona rural, onde exercem suas atividades laborais, para dormirem na cidade; em Tucuruí aplicamos o questionário na localidade de Vila Rural; no município de Curionópolis entrevistamos os informantes na localidade de Serra Pelada; em São João do Araguaia fomos para a localidade Apinagés, às margens dos rios Araguaia e Tocantins; a última localidade foi Itupiranga, na localidade de Tauri, às margens do rio Tocantins.

Em muitos momentos contamos com a colaboração de pessoas que se dispuseram a deixar seus afazeres para colaborar com o nosso trabalho. Também contamos com a ajuda, para

encontrar informantes, de pessoas de alguns segmentos sociais, dentre os quais trabalhadores rurais e principalmente de funcionários da Empresa de Assistência e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER).

Realizamos todas as gravações contando em alguns poucos momentos com a ajuda de pessoas das localidades, que nos acompanhavam na busca pelos informantes, e que nos ajudavam durante as entrevistas, mas, na maioria das vezes, íamos sozinhos até o informante e fazíamos todo o trabalho, desde a abordagem, passando pelo convencimento até a realização da entrevista.

3.5 TRANSCRIÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS

Os dados coletados na pesquisa de campo foram transcritos foneticamente em conformidade com o *International Phonetic Alphabet* (IPA²¹). A partir dos quatorze campos semânticos do questionário, confeccionamos trinta cartas lexicais que registraram o maior número de frequência. A fonte utilizada para as transcrições fonéticas foi o SILDoulosIPA. Posteriormente, os dados foram cartografados.

As 30 cartas lexicais abrangem os quatorze campos semânticos do questionário aplicado na pesquisa. Em razão disso, selecionamos os 30 vocábulos que apresentam o maior número de ocorrências e de variações na mesorregião Sudeste Paraense. Essa escolha foi motivada em função de estas cartas representarem maiores possibilidades para a descrição, voltada para a dimensão diatópica, diasssexual e diageracional.

A carta que está servindo de base para a elaboração das cartas lexicais foi organizada por Piera Amora com fontes do IBGE/IBAMA, utilizando o *software* ArcGis 10. Para a confecção das cartas lexicais, o mapa foi alterado por nós com a colaboração de Regis Guedes no planejamento e edição, nos programas computacionais *Adobe Photoshop CS 8.0.1* e *Corel Draw X3 13*, o que possibilitou a inserção das cruces de estratificação social, dos símbolos e das caixas de legenda.

21 Alfabeto Fonético Internacional.

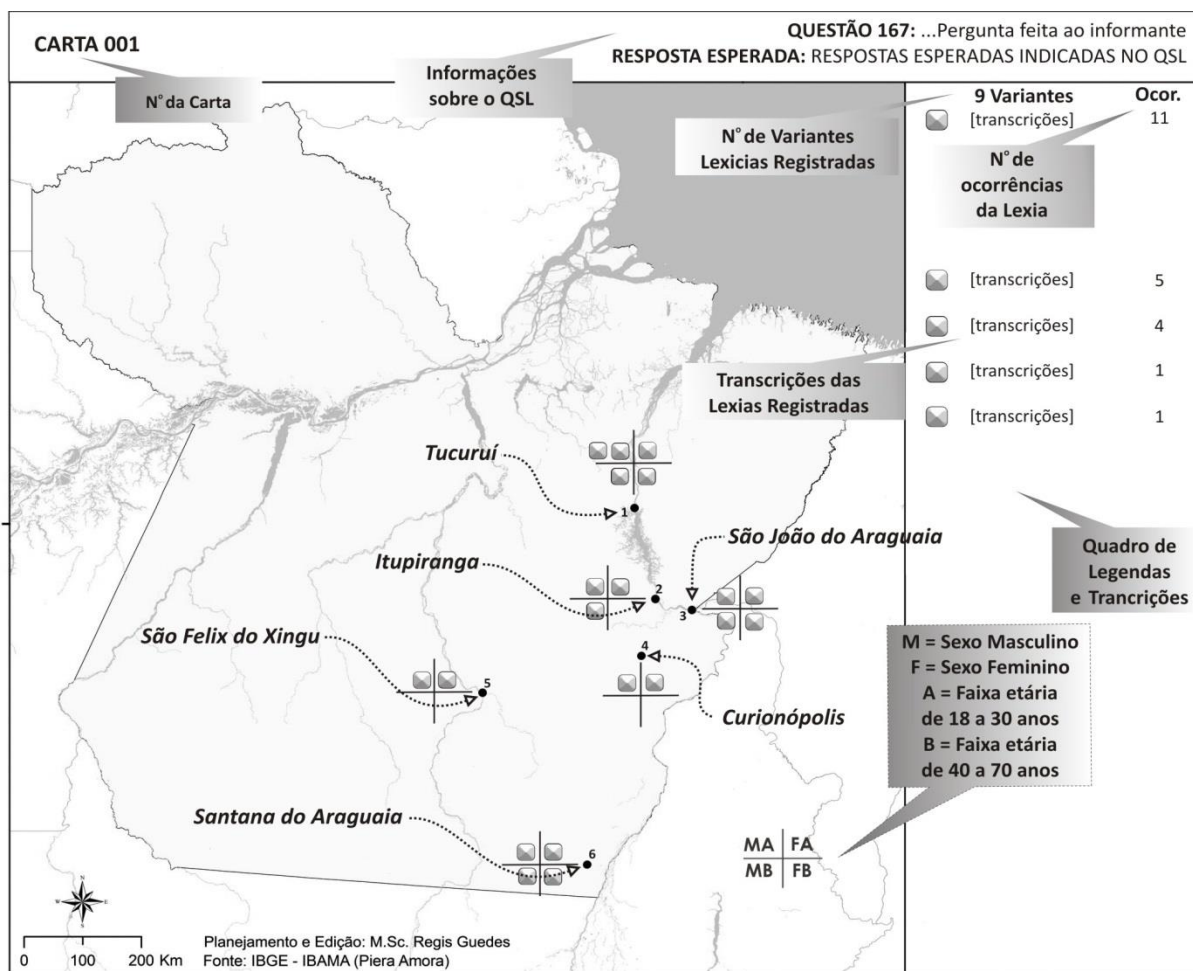
4 APRESENTAÇÃO DAS CARTAS E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos as cartas lexicais, que são resultado do trabalho de seleção dos dados do *corpus*. No total foram confeccionadas trinta cartas que apresentaram maior produtividade referente à variação lexical, as quais trazem informações relativas à variação do português falado na mesorregião Sudeste Paraense. As cartas apresentam informações dos campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical do ALiPA, aplicado nas entrevistas. Apresentamos uma carta explicativa com a intenção de direcionar a leitura das cartas lexicais selecionadas.

A carta explicativa (Figura 4), a seguir, foi elaborada para possibilitar a leitura clara e objetiva das cartas lexicais que compõem esta dissertação. A partir dela é possível entender a metodologia adotada para a apresentação dos dados nos pontos selecionados para a pesquisa realizada.

No lado direito das cartas, foram inseridas caixas de legendas, nas quais são apresentadas as variantes lexicais registradas. No espaço em que aparece “Ocor.”, estão os números que identificam a quantidade de ocorrências das lexias. Em cada lexia registrada aparece um símbolo correspondente somente a ela. A totalidade das variantes lexicais está na primeira linha do quadro, em negrito. Na parte superior das cartas há uma caixa de legendas que mostra: o número da carta; informações sobre as perguntas do questionário utilizado e as respostas esperadas. Na parte inferior direita da carta há uma cruz que identifica a estratificação social dos informantes.

Figura 4: Carta Explicativa



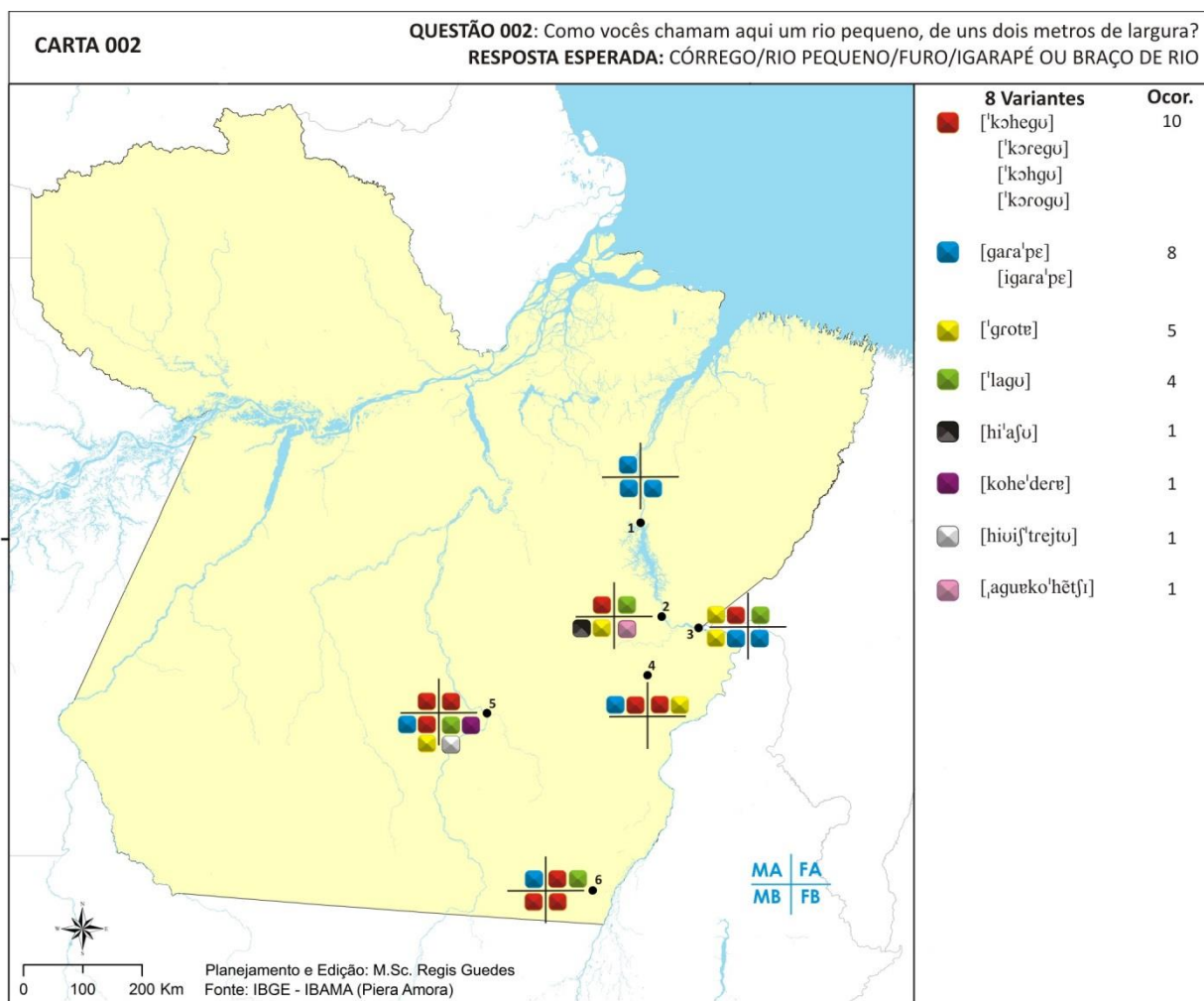
Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora - alterado)

As trinta cartas lexicais selecionadas para discussão nesta pesquisa estão dispostas a seguir, na ordem numérica crescente das questões do QSL utilizado para a coleta dos dados.

As discussões foram feitas com o objetivo de dar conta da multidimensionalidade dos dados, com observância da variação nas dimensões diatópica, diasssexual e diageracional. As cartas apresentam a quantificação de frequências das lexias²² mais recorrentes, para que haja uma leitura mais esclarecida dos fatores sociais, tais como: sexo e idade.

²² Um informante pode utilizar mais de uma lexia.

4.1 NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS



A carta 002 apresenta oito variantes lexicais, sendo a lexia “córrego” a mais frequente, com dez ocorrências, seguida da lexia “igarapé” com oito ocorrências. Verificamos ausência da lexia “córrego” apenas no ponto 1 – Tucuruí, e da lexia “igarapé” no ponto 2 - Itupiranga. No que diz respeito à dimensão diassexual, ocorreram quatro registros da lexia “lago”, com os quatro registros vindos de informantes do sexo feminino (100%).

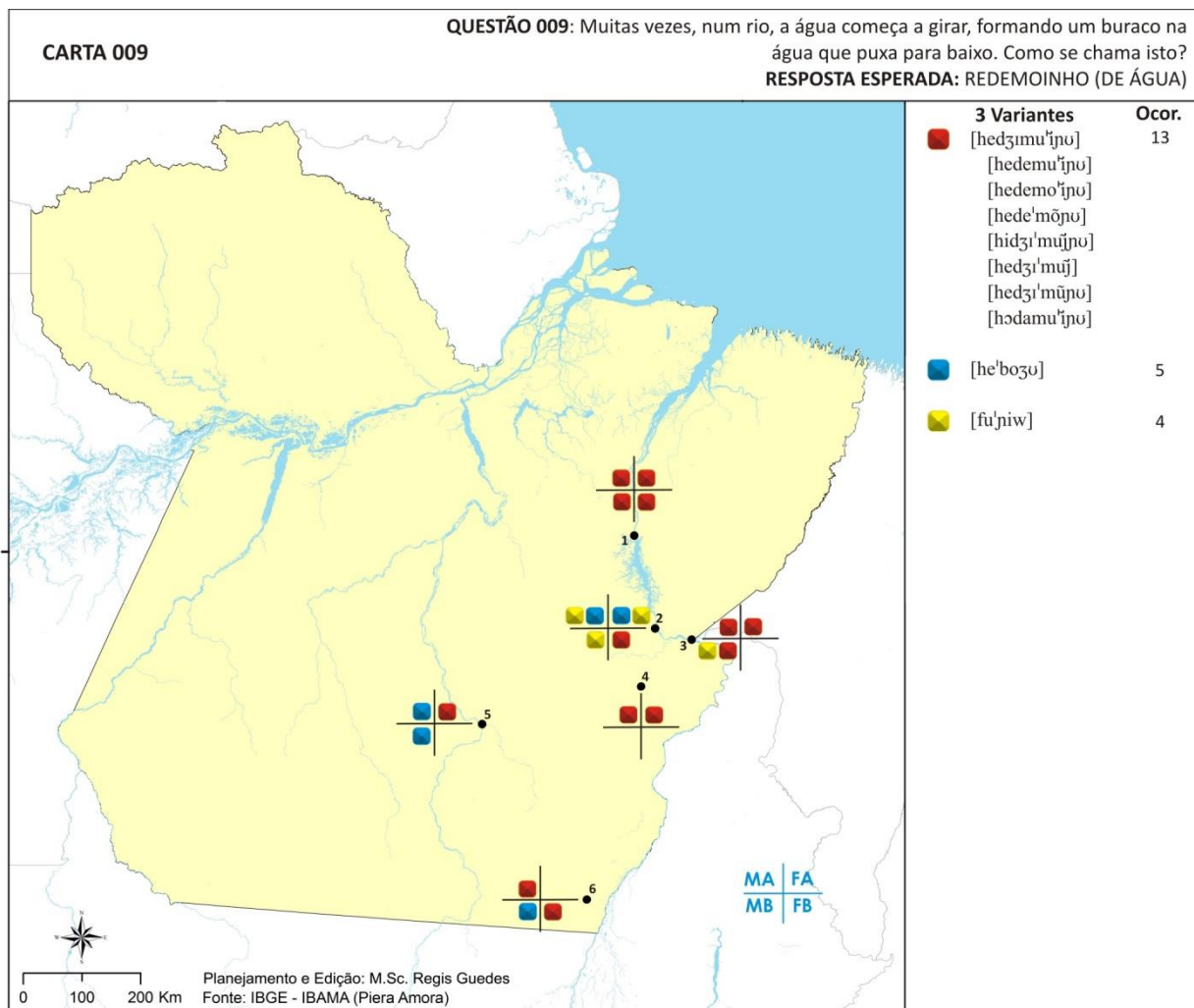
No ponto 1 - Tucuruí parece-nos relevante destacarmos que a lexia “igarapé” é a única a ser registrada pelos informantes e que há ausência da lexia “córrego” nesta localidade. A pergunta desta carta não é específica e, as lexias “córrego” e “igarapé” diferem basicamente na profundidade, no que o primeiro é bem raso e o segundo um pouco mais profundo.

Ao observarmos a variável extralinguística sexo, da lexia mais recorrente “córrego”, podemos verificar que houve 60% de registros para o sexo masculino e 40% de registros para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional, temos 58% de informantes pertencentes à primeira faixa etária e 30% de informantes pertencentes à segunda faixa etária. Observamos nesta carta, que os informantes que fazem uso da lexia “córrego” são expressivamente do sexo masculino e da primeira faixa etária.

A lexia “córrego”, a mais recorrente nesta carta, está dicionarizada por Ferreira (2009, p. 557) como “[Do lat. hisp. *corrugu*] **S. m.** 1. Regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes. [...]”. Consultando a tese de Cristianini (2007), também encontramos a lexia “córrego” como a mais recorrente na região do Grande ABC, segundo a autora esta lexia está presente na maioria dos pontos da pesquisa. Também encontramos a lexia “córrego” com maior frequência, no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (CUBA, 2009).

No que diz respeito à lexia “igarapé”, temos os seguintes resultados nesta carta semântica: para a dimensão diasssexual, houve predomínio de informantes do sexo masculino, com 75% de registros, e 25% de registros para informantes do sexo feminino; para a dimensão diageracional, são 25% de informantes da primeira faixa etária e 50% de informantes da segunda faixa etária. Observamos que a maioria dos informantes que faz uso desta lexia é do sexo masculino e da segunda faixa etária.

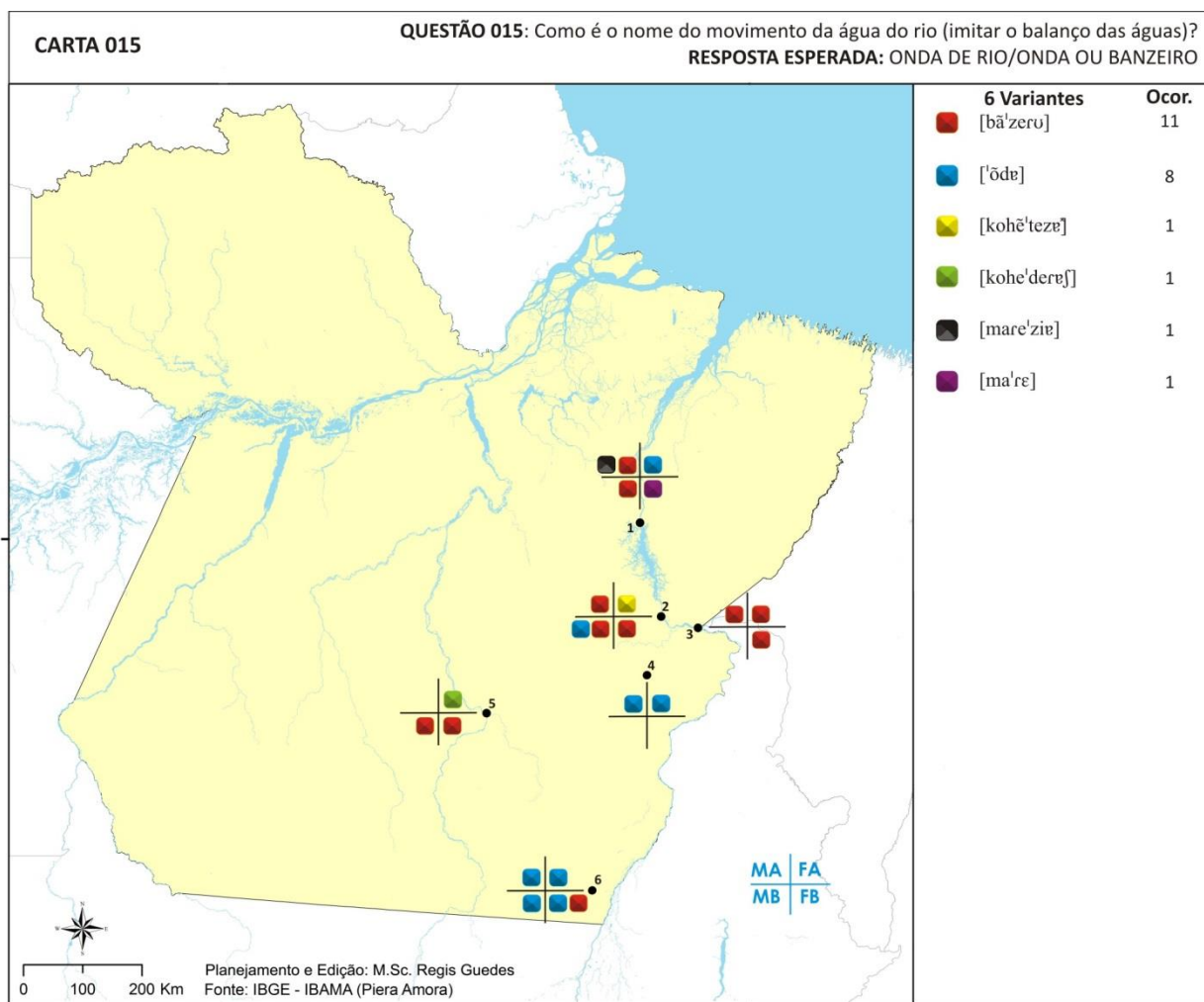
As lexias “riacho” e “corredeira”, e as expressões “rio estreito” e “água corrente” registraram uma ocorrência cada, e os quatro informantes que as responderam são da segunda faixa etária. Isso pode ser um indício de que estas formas estão deixando de ser usadas.



A carta 009 apresenta três variantes lexicais, sendo a lexia “redemoinho” a mais recorrente, com 13 registros, portanto predominante na mesorregião Sudeste Paraense, pois está registrada em todos os pontos da pesquisa. A lexia “rebojo” com cinco ocorrências, está presente nos pontos 2 - Itupiranga, 5 - São Félix do Xingu e 6 - Santana do Araguaia. Dos cinco informantes que registraram a referida lexia, há predominância do sexo masculino, com 80%, ao passo que 20% são do sexo feminino.

No que diz respeito à dimensão diasssexual da lexia mais recorrente “redemoinho”, verificamos que esta apresenta 46% de registros para informantes do sexo masculino e 54% de registros para informantes do sexo feminino. Para a dimensão diageracional, temos 67% de ocorrências para a primeira faixa etária e 50% de ocorrências para a segunda faixa etária. O que significa que a maioria dos informantes que respondeu a lexia é do sexo feminino e da primeira

faixa etária. Observamos que não houve disparidade nesta variante, tanto para sexo, quanto para faixa etária.



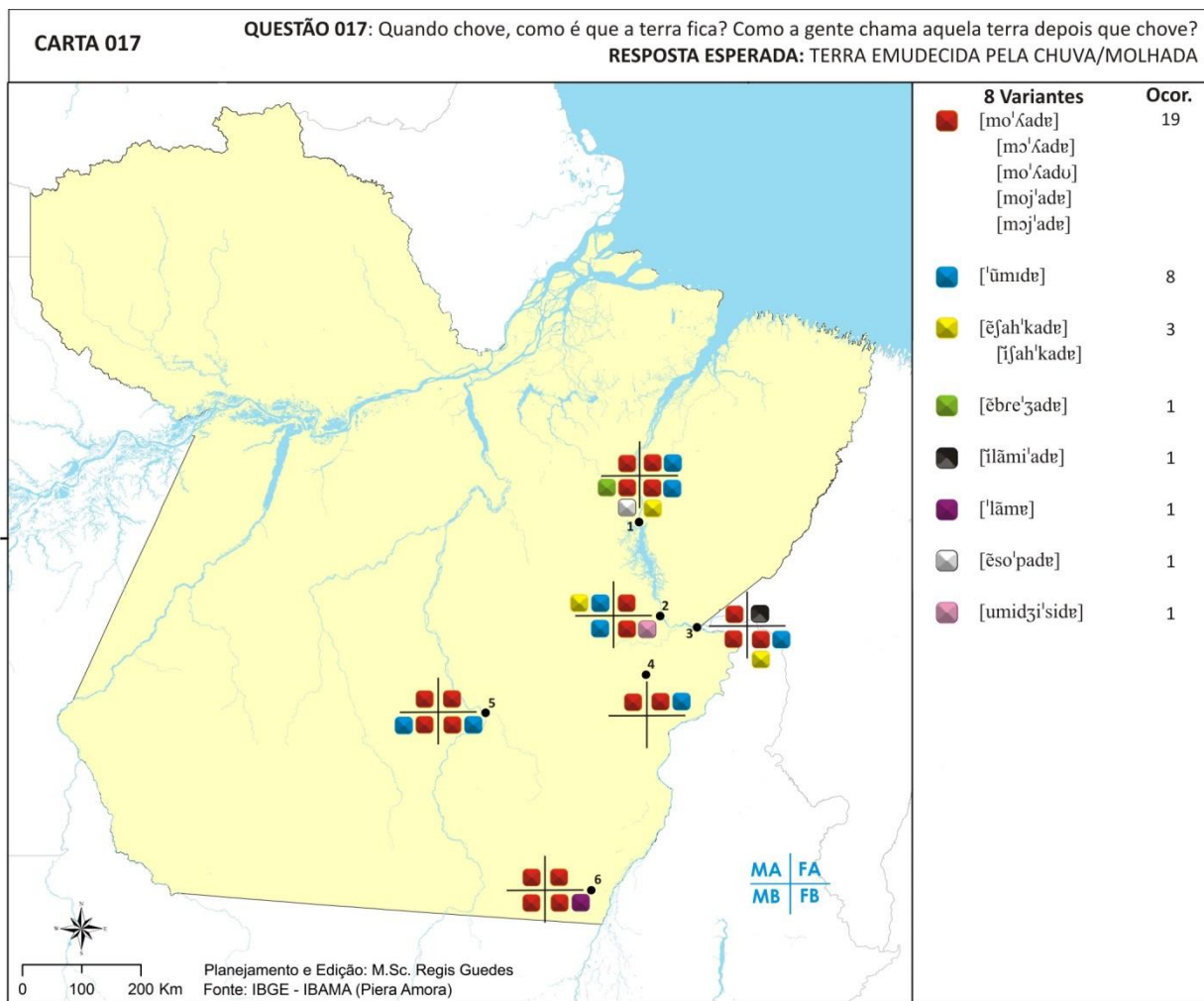
A carta 015 apresenta seis variantes lexicais, com a lexia “banzeiro” apresentando o maior número de registros, 11 ao todo. Dos seis pontos da pesquisa, somente no ponto 4 - Curionópolis não houve registro de ocorrência desta lexia, talvez pelo fato de esta localidade só contar com os dois informantes da primeira faixa etária. Em seguida aparece a lexia “onda”, com 8 registros em quatro pontos da pesquisa.

No que diz respeito à dimensão diasssexual, a lexia “banzeiro” apresenta uma pequena diferença no registro entre os sexos: com 55% de ocorrências vindas de informantes do sexo

masculino e 45% de ocorrências de informantes do sexo feminino. Para a dimensão diageracional, houve uma diferença acentuada, com 33% de ocorrências vindas de informantes da primeira faixa etária e 70% de ocorrências de informantes da segunda faixa etária, o que significa que a lexia “banzeiro” predomina entre os informantes do sexo masculino e da segunda faixa etária.

A lexia “onda” registra simetria nos dados no que diz respeito à dimensão diasssexual, com 50% de frequência para ambos os sexos. Para a dimensão diageracional, temos 42% de registros para a primeira faixa etária e 30% de registros para a segunda faixa etária. Ao compararmos nossos dados com o resultado dos dados de Guedes (2012), observamos que há semelhança nos resultados, pois na página 72 do trabalho deste autor, está registrado “A lexia *onda*, por sua vez, apresentou percentual igual a 50% (cinco ocorrências) para o sexo masculino e 50% (cinco ocorrências) para o sexo feminino, 60% (seis ocorrências) para a primeira faixa etária e 40% (quatro ocorrências) para a segunda faixa etária.”.

Do ponto de vista diatópico, comparamos este trabalho com o trabalho de Guedes (2012) e observamos que existe uma relação entre os dados referentes à lexia “maresia” que predomina na dissertação daquele autor e está concentrada no Norte e Noroeste do Estado do Pará, enquanto que no nosso trabalho houve apenas um registro no ponto 1 - Tucuruí que está localizado mais ao norte da mesorregião. Falando pelos dois trabalhos de pesquisa, talvez seja possível inferirmos de modo preliminar que haveria uma divisão dessas lexias no Estado, com “maresia” predominando na metade norte e “banzeiro” predominando na metade sul.



Observamos na carta 017 a presença de oito variantes lexicais, com a predominância da lexia “molhada” que foi respondida em todos os pontos da pesquisa, totalizando 19 ocorrências. Os dados nos mostram que esta lexia, com 96% de frequência, predomina na mesorregião Sudeste Paraense.

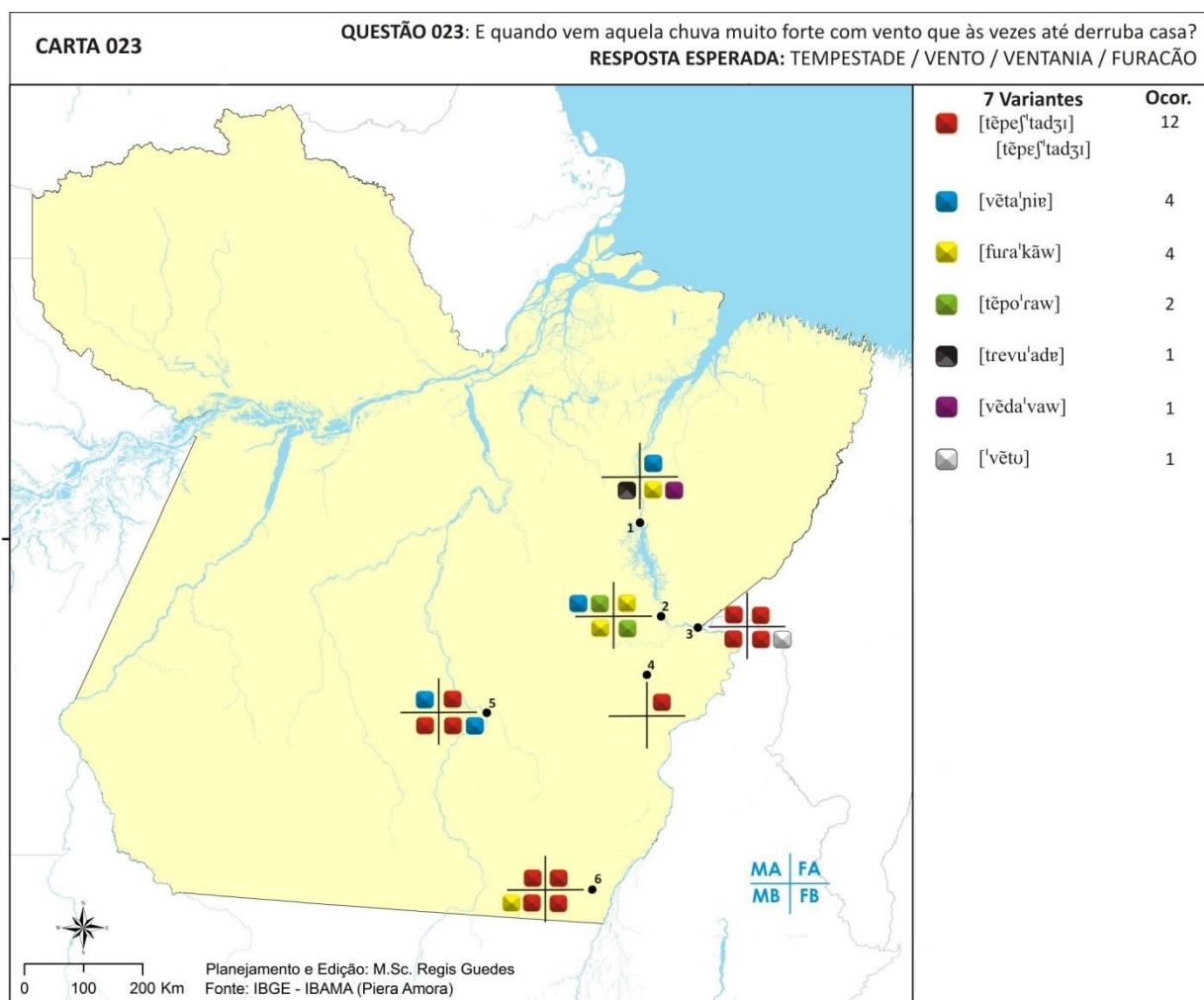
Constatamos ainda que a lexia “úmida” apresenta oito ocorrências, sendo a segunda mais presente nesta carta, com 37,5% para o sexo masculino, contra 72,5% para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional a lexia apresenta 25% de registros para a primeira faixa etária e 50% de registros para a segunda faixa etária. Verificamos que esta lexia foi falada em sua maioria por informantes do sexo feminino e da segunda faixa etária.

No que diz respeito à dimensão diasssexual, observamos o seguinte resultado referente ao sexo na lexia “molhada”, em que 47% dos informantes são do sexo masculino e 53%

dos informantes são do sexo feminino. Do ponto de vista da dimensão diageracional, observamos que a primeira faixa etária apresenta 83% de ocorrências, enquanto que a segunda faixa etária apresenta 90% de ocorrências.

No que diz respeito à comparação diatópica da pesquisa que realizamos com a tese de Encarnação (2010, p. 174) sobre quatro municípios do litoral Norte de São Paulo, observamos que as lexias “molhada” e “úmida” apresentam maior número de ocorrências nos referidos trabalhos acadêmicos. Encarnação: molhada (dez registros) e úmida (cinco registros); Gomes: molhada (19 registros) e úmida (oito registros). A comparação se dá entre espaços geográficos em diferentes pontos do Brasil, o que mostra a possibilidade de essas lexias serem produtivas nacionalmente.

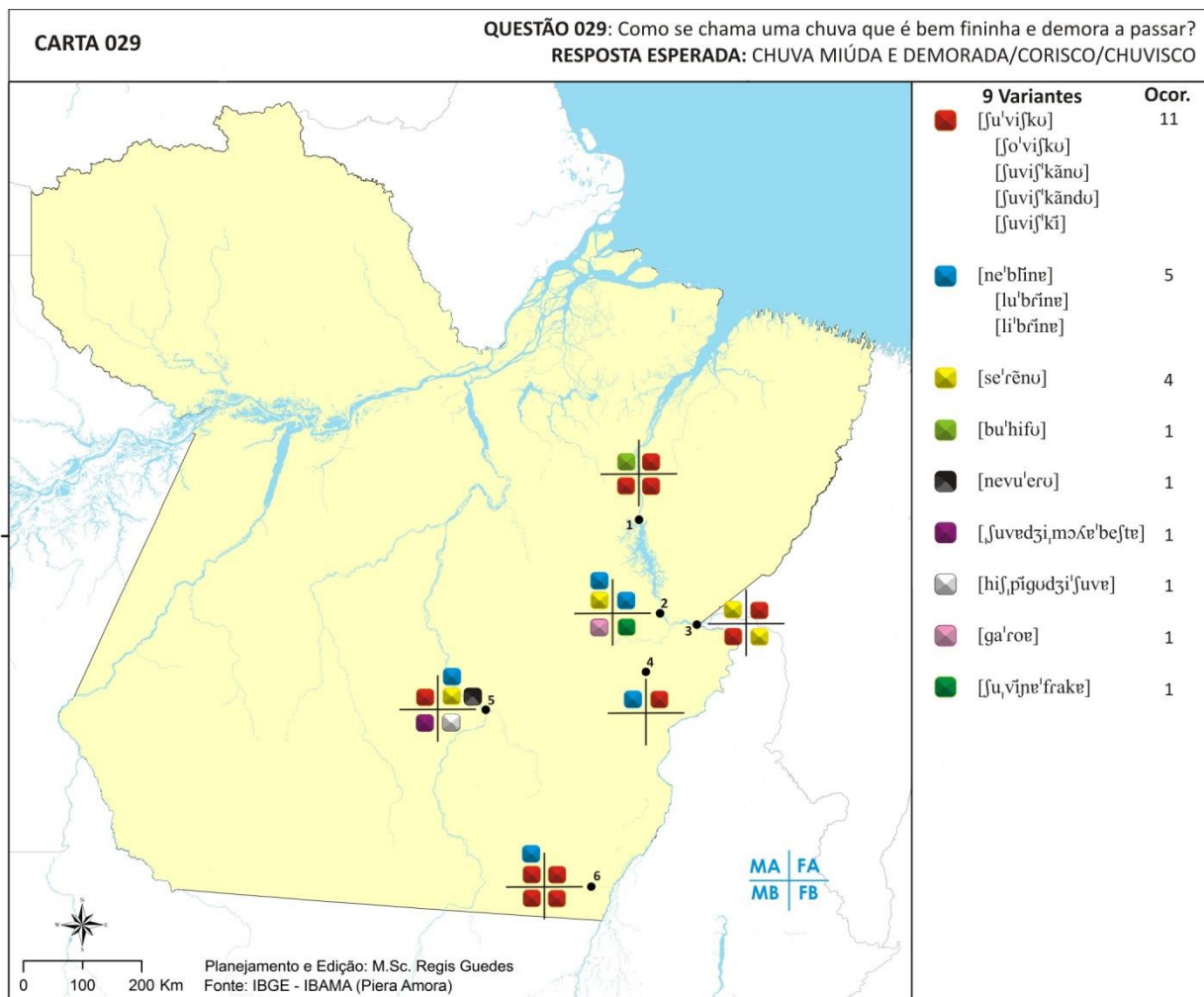
4.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS



A carta 023 apresenta sete variantes lexicais, sendo a lexia “tempestade” com 12 registros a mais produtiva. “Ventania”, a segunda lexia com maior frequência, apresenta quatro registros, e a lexia “furacão” também apresenta quatro registros. A lexia “temporal” apresenta dois registros no ponto 2 – Itupiranga. A lexia “tempestade” mostra-se concentrada mais ao sul da mesorregião Sudeste Paraense.

A lexia “tempestade” na dimensão diasssexual registra 42% de informantes do sexo masculino e 58% de informantes do sexo feminino. No que diz respeito à dimensão diageracional, a lexia apresenta 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 60% de ocorrências para a segunda faixa etária. Pelo que podemos verificar nos dados referentes a esta carta, a maioria das ocorrências foi registrada por informantes do sexo feminino e pertencentes à segunda faixa etária.

As lexias “trovoada”, “vendaval” e “vento”, registraram uma ocorrência cada, e os três informantes que as responderam são da segunda faixa etária. Isso pode ser um indício de que estas formas estão caindo em desuso.



A carta 029 apresenta um total de nove variantes lexicais, sendo a lexia “chuvisco” a mais recorrente, com 11 informantes, tendo sido registrada em cinco pontos da pesquisa, ausente apenas no ponto 2 - Itupiranga. A lexia “neblina” aparece em segundo lugar com cinco registros, em quatro pontos de inquérito, e a lexia “sereno” apresenta quatro registros em três pontos de inquérito.

No que diz respeito à dimensão diageracional, observamos que os cinco informantes que registraram “neblina” são todos da primeira faixa etária (100%). Já que esta lexia é utilizada na mesorregião Sudeste Paraense, por informantes da primeira faixa etária, o que indica que está em pleno uso.

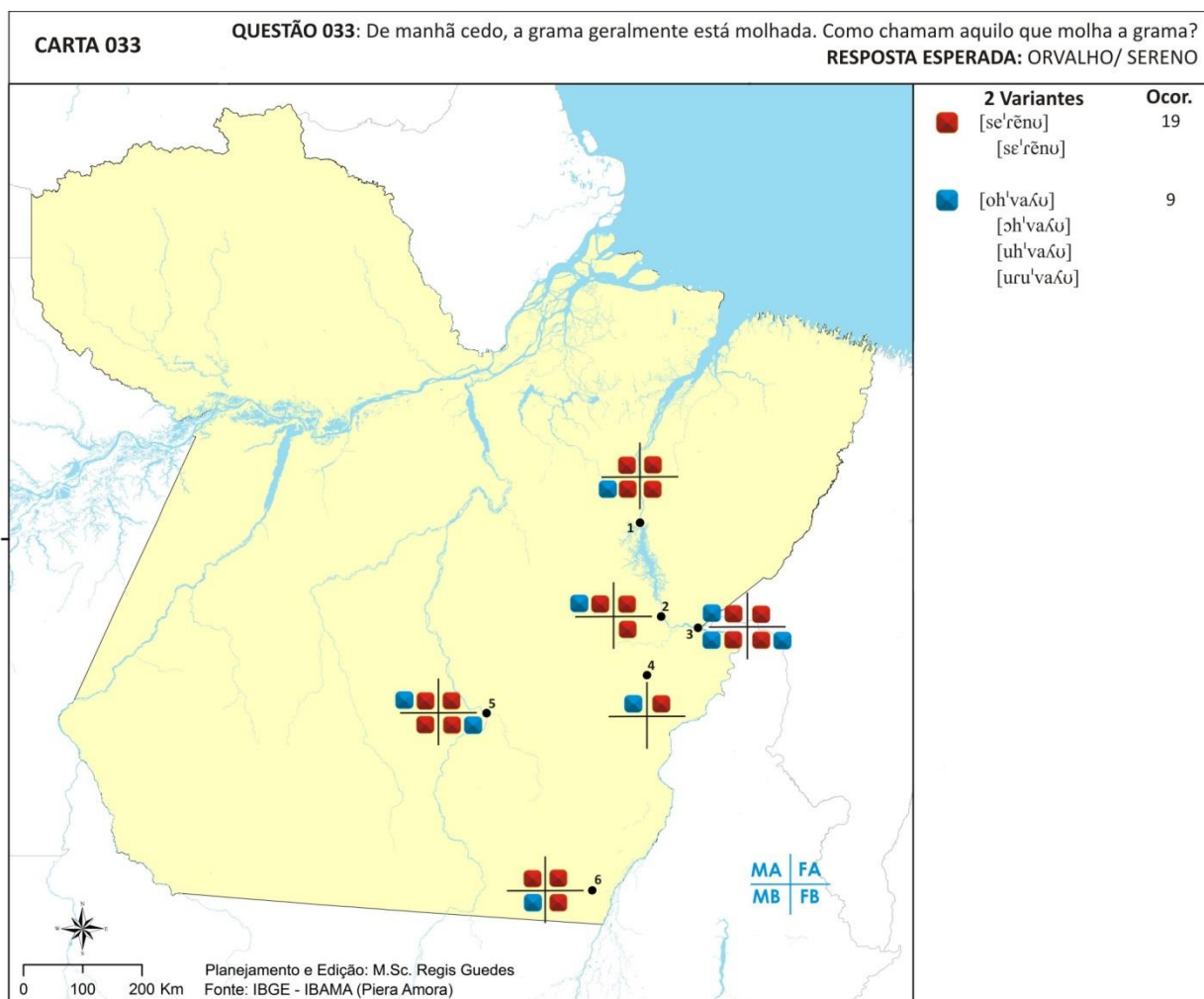
A lexia com maior número de registros “chuvisco” apresenta 45% de ocorrências para o sexo masculino e 55% de ocorrências para o sexo feminino. No que diz respeito à

dimensão diageracional, há simetria nos dados, o que significa dizer que não há disparidade entre as faixas etárias.

Observando o trabalho de Guedes (2012), observamos que os dados da carta 029 se aproximam bastante dos nossos dados, uma vez que as variantes com maior frequência “chuvisco” e “neblina” se repetem em ambos os trabalhos. A lexia “chuvisco” aparece em todos os informantes do ponto 6 - Santana do Araguaia da nossa pesquisa; em três informantes do ponto 11 - Redenção e, um informante do ponto 12 - Conceição do Araguaia na dissertação de Guedes (2012). A lexia “neblina” também ocorre nos três pontos das referidas pesquisas.

Outra semelhança que se apresenta entre os trabalhos de Guedes (2012) e o trabalho que realizamos, é referente à lexia “chuva de molhar besta”, pois ambos registram apenas uma ocorrência desta, de dois falantes do sexo masculino: Altamira, em Guedes (2012) e São Félix do Xingu, na nossa dissertação. São pontos de pesquisa que estão relativamente próximos e que formavam no passado, antes do desmembramento, apenas um município.

Comparando os dois trabalhos citados acima com a tese de Cristianini (2007) referente à região do grande ABC, constatamos que a lexia com maior ocorrência nos dados desta autora, “garoa”, tem presença muito discreta em nossos dados e nos de Guedes (2012); assim como “chuvisco” que se apresenta recorrente em nosso trabalho, quase não aparece nos dados de Cristianini, o que mostra uma divisão muito evidente entre o Estado do Pará e a região do grande ABC nas formas de nomear o fenômeno.

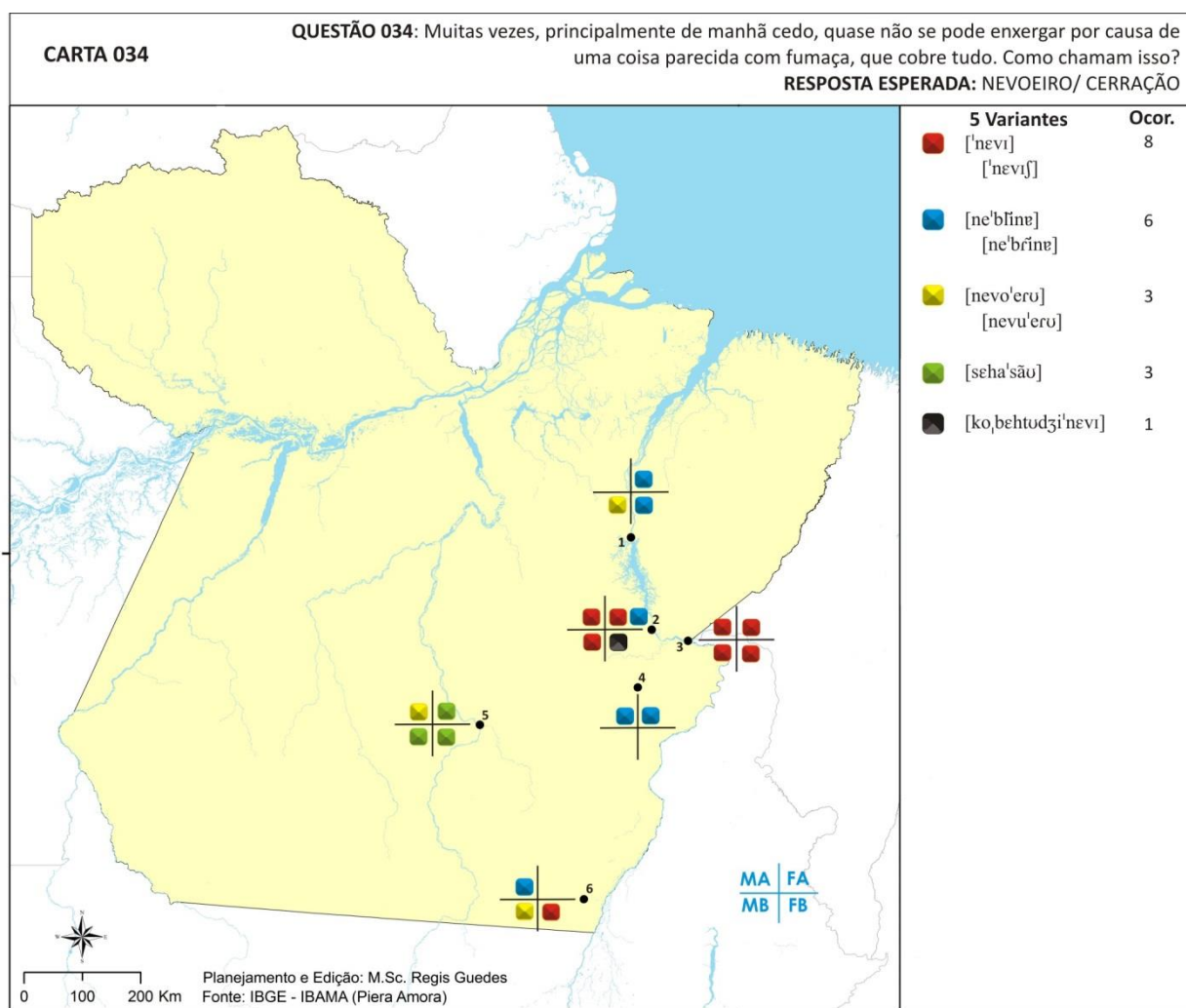


A carta 033 apresenta duas variantes lexicais, com maior recorrência da lexia “sereno”, que contabilizou 19 registros, seguida da lexia “orvalho”, com nove registros. As duas lexias estão presentes em todos os pontos de inquérito, por isso podem ser consideradas como predominantes na mesorregião Sudeste Paraense.

A lexia de maior recorrência, “sereno”, apresenta para a dimensão diasssexual, 42% de registros para informantes do sexo masculino e 58% de registros para informantes do sexo feminino. Já a dimensão diageracional apresenta 92% de ocorrências para a primeira faixa etária e 80% de ocorrências para a segunda faixa etária. Esta lexia foi registrada por informantes do sexo feminino e da primeira faixa etária.

Considerando a dimensão diasssexual, a lexia “orvalho” registra disparidade entre os sexos, com 78% de ocorrências para o sexo masculino e 22% de ocorrências para o sexo

feminino. Para a dimensão diageracional, temos: 33% de ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária. A lexia foi falada predominantemente por informantes do sexo masculino, e uma ligeira maioria de informantes da segunda faixa etária.



A carta 034 apresenta cinco variantes lexicais, com a variante “neve” presente em maior número de vezes, oito registros, seguida pela lexia “neblina” com seis registros, “nevoeiro” com três registros e “cerração” também com três registros.

A lexia de maior ocorrência “neve” embora seja a mais recorrente, não se mostra com destaque na mesorregião, haja vista só ter sido falada pelos informantes de três pontos (2 - Itupiranga, 3 - São João do Araguaia e 6 – Santana do Araguaia). No que diz respeito à dimensão

diassexual, encontramos simetria nos dados desta lexia, não havendo disparidade entre os sexos masculino e feminino, ao passo que para a dimensão diageracional, temos 25% de ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária.

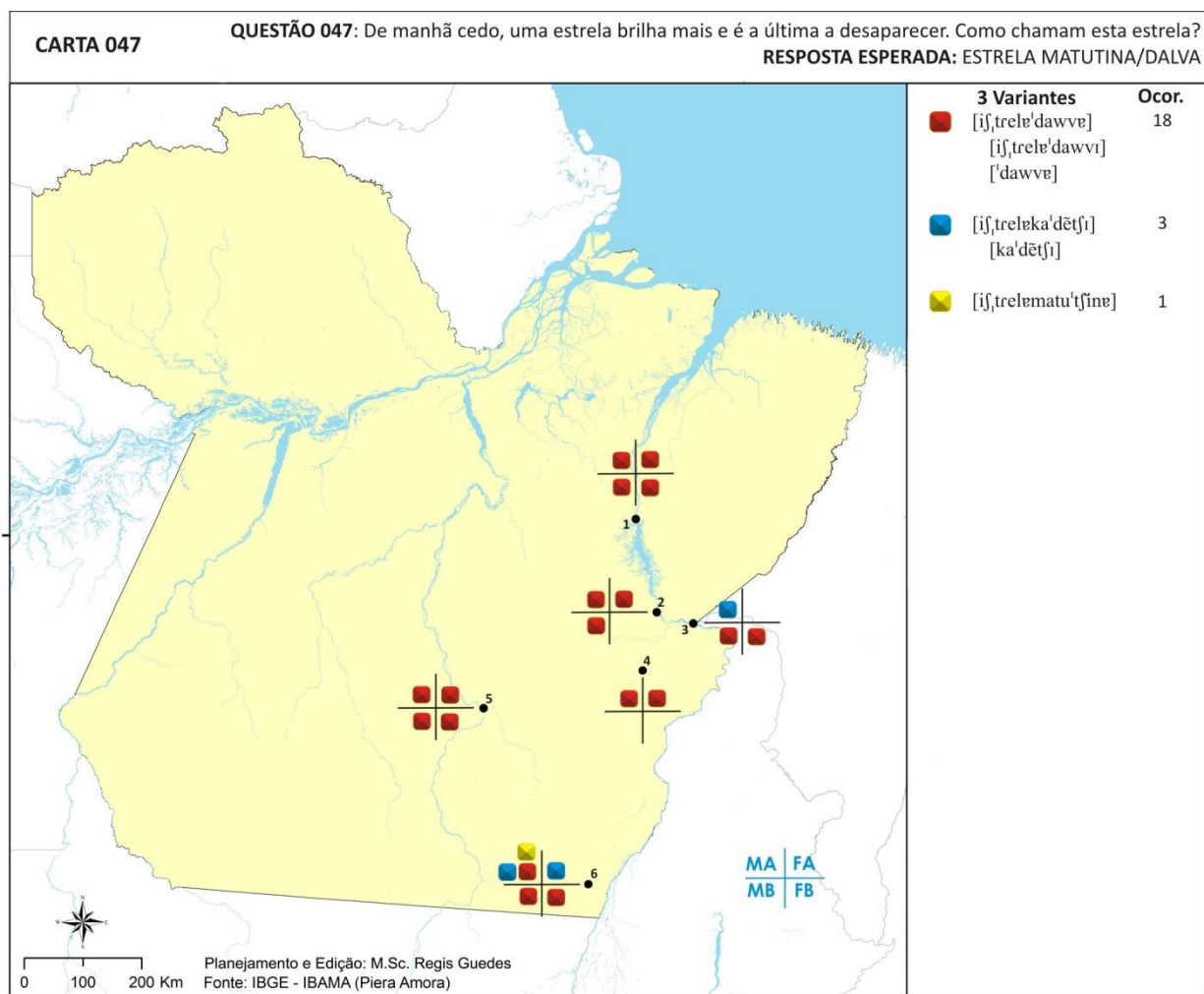
O fato de a lexia “neve” apresentar maior número de ocorrências em nossos dados nos causou certa surpresa, tanto pela irregularidade da distribuição, quanto pela falta de ocorrência do fenômeno nesta região do estado, porém temos que levar em consideração que é um número considerável de informantes que a registrou e que em alguns momentos quando o informante fala neve, ele pode estar usando a forma reduzida da lexia “nevoa”, que passou a “neve”.

Para a lexia “neblina” houve registro em quatro pontos da pesquisa. No que diz respeito à dimensão diassexual, observamos 33,3% de frequência para informantes do sexo masculino e 66,7% de frequência para informantes do sexo feminino. Para a dimensão diageracional, observamos 42% de ocorrências para informantes da primeira faixa etária e 10% de ocorrências para informantes da segunda faixa etária. Pelos dados percebemos que houve predominância para esta lexia, de informantes do sexo feminino e da primeira faixa etária.

Nas lexias “nevoeiro” e “cerração”, observamos a seguinte situação: em “nevoeiro” os três registros são de informantes do sexo masculino, e em “cerração” os três registros ocorreram no ponto 5 - São Félix do Xingu, nesta última situação talvez a motivação seja o número significativo de migrantes da região Sul do Brasil, presente na localidade.

Ao observarmos as respostas para a carta 33 do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), verificamos que a lexia “cerração” predomina e está distribuída de forma regular em praticamente todos os 65 pontos de pesquisa do Atlas. Também verificamos que na carta 034 do volume três do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (MARGOTTI *et al*, 2012), houve predomínio da lexia “cerração”, com distribuição regular na maioria dos pontos dos três estados contemplados pela pesquisa. Outro atlas que a lexia “cerração” teve significativa frequência foi o de Cristianini (2007), em que a lexia foi a segunda mais registrada; por outro lado, na (carta 13, p. 468) do Atlas Linguístico da mesorregião Sudeste de Mato Grosso, verificamos que houve poucos registros da lexia “cerração”. Verificamos também nos dados de Encarnação (2010, p. 178), que das 16 respostas para a pergunta, houve apenas três registros da lexia “cerração”. Dados que sugerem que a lexia é mais frequente na Região do Sul do Brasil.

4.3 ASTROS E TEMPO



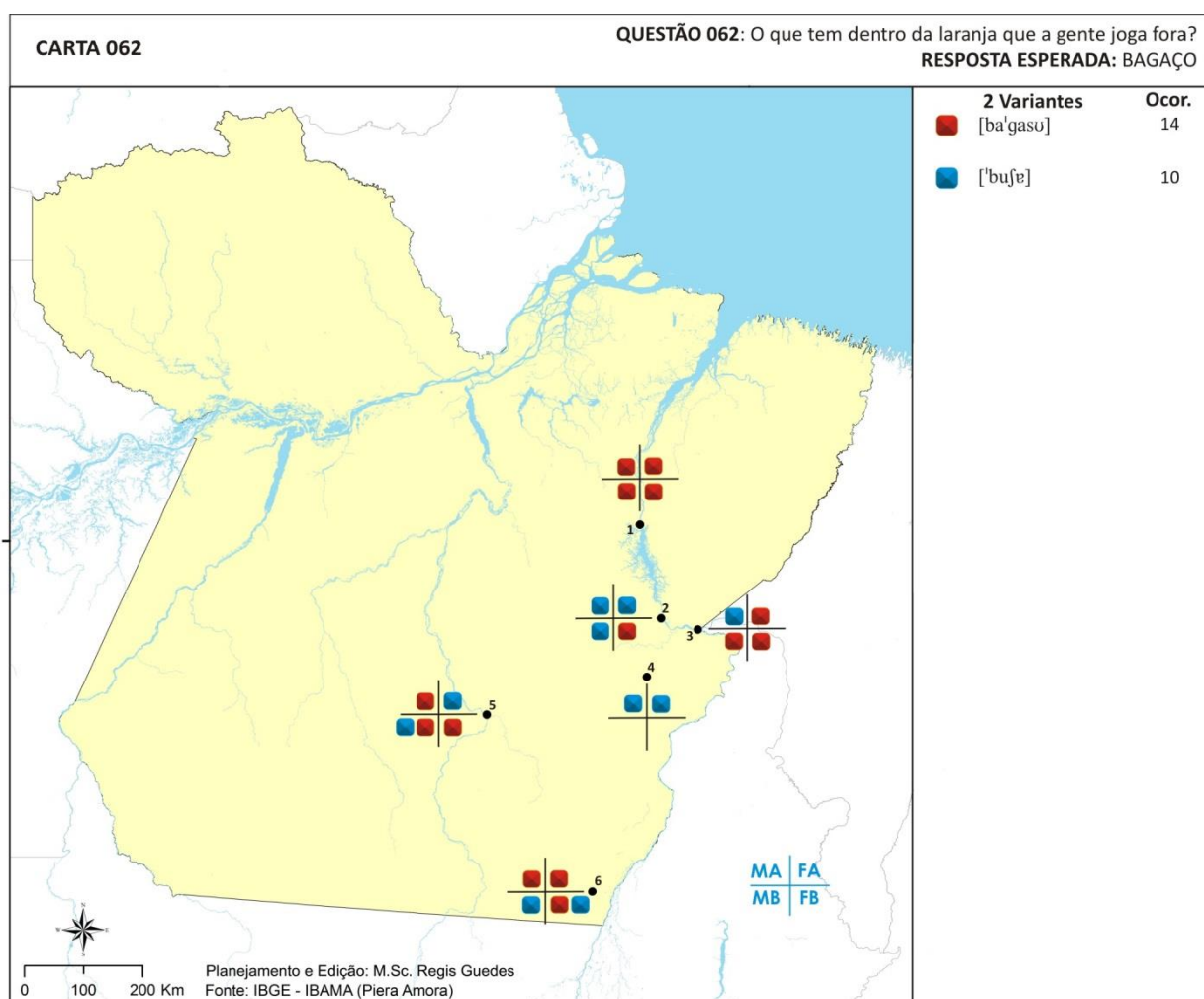
A carta 047 apresenta três variantes lexicais, das quais a mais recorrente é “estrela d’alva” com 18 registros e mostra-se predominante na mesorregião Sudeste Paraense, pois está presente de forma regular nos seis pontos da pesquisa, sendo a única em quatro pontos. Em seguida aparece a lexia “estrela cadente” com apenas três ocorrências. No que diz respeito à dimensão diageracional, a lexia “estrela cadente” foi registrada apenas por informantes da primeira faixa etária, nos pontos 3 - São João do Araguaia e 6 - Santana do Araguaia, o que aponta para duas possibilidades: os mais jovens desconhecem as denominações para esta estrela, ou estrela cadente, na fala dos jovens, ampliou seu significado.

Para a lexia “estrela d’alva”, a mais recorrente, há a seguinte configuração: em relação à dimensão diasssexual, houve 55,5% de ocorrências vindas de informantes do sexo

masculino e 45,5% de ocorrências de informantes do sexo feminino; na dimensão diageracional, houve 75% de ocorrências para a primeira faixa etária e 90% de ocorrências para a segunda faixa etária. O maior número de ocorrências para esta lexia é predominantemente de informantes do sexo masculino, e ligeiramente maior entre informantes da segunda faixa etária.

Observamos nesta carta que a lexia de maior ocorrência “estrela d’alva” também aparece na tese de Cristianini (2007) como a mais presente e em todos os pontos de inquérito. Isso sugere que esta lexia é muito falada pelo menos em boa parte do Brasil.

4.4 FLORA: ÁRVORES E FRUTOS



A carta 062 apresenta apenas duas variantes lexicais, “bagaço” com 14 ocorrências e “bucha” com dez ocorrências. Não houve registro da lexia “bagaço” apenas no ponto 4 - Curionópolis, ao passo que não houve registro da lexia “bucha” apenas no ponto 1 - Tucuruí.

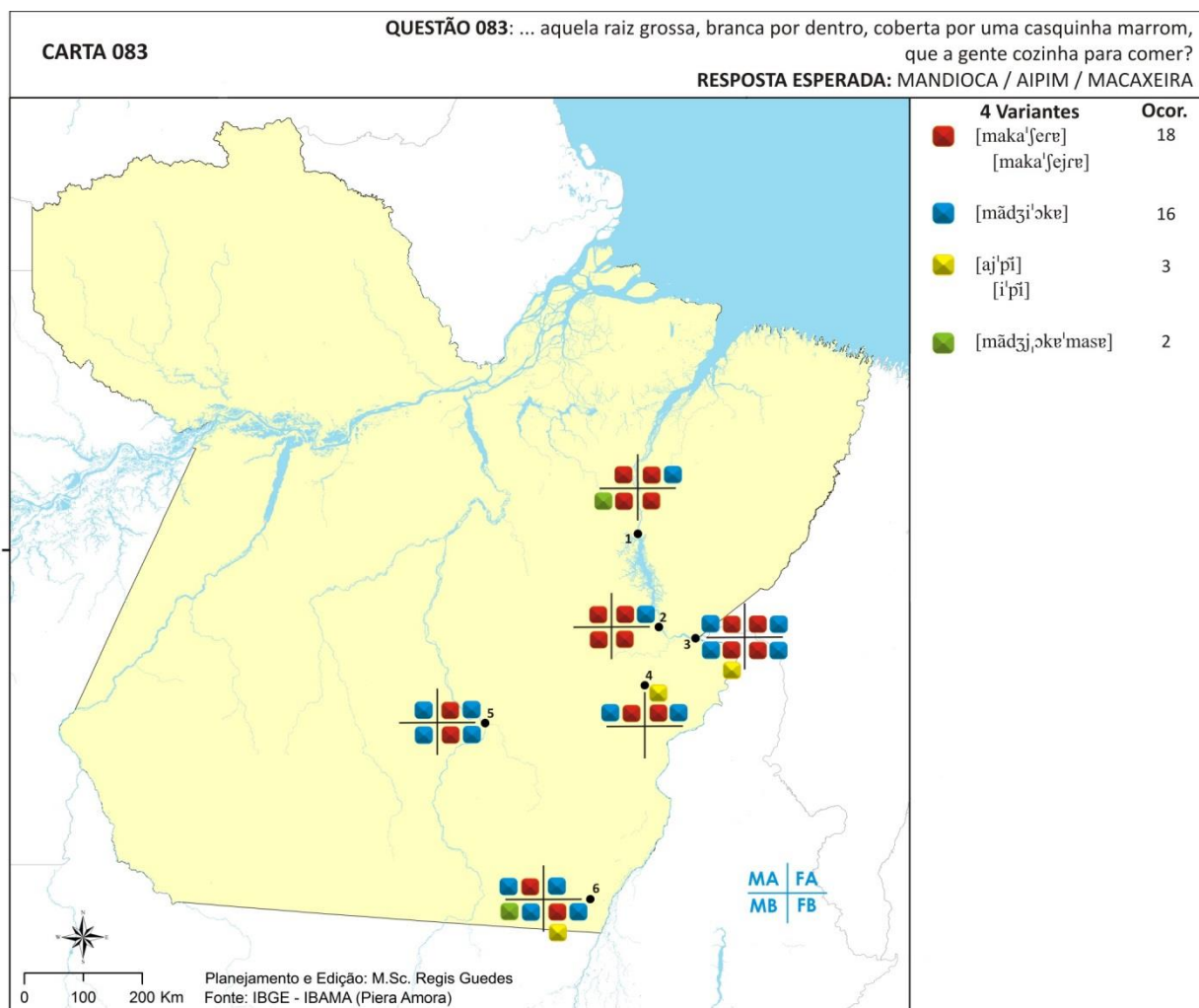
No que diz respeito à dimensão diasssexual, na lexia “bagaço” com 43% foi registrada na fala masculina, e com 57% na fala feminina. Para a dimensão diageracional, observamos que houve disparidade entre as faixas etárias, com 50% de registros para a primeira faixa etária e 80% dos registros para a segunda faixa etária.

Para a lexia “bucha” ocorreram os seguintes resultados: para a dimensão diasssexual 60% dos homens registraram esta forma e 40% das mulheres. Para a dimensão diageracional, temos 50% dos informantes da primeira faixa etária e 40% dos informantes da segunda faixa etária.

Em Ferreira (2009), encontramos a definição para a lexia *bagaço*. “[De *baga* + *aço*.] **S. m. 1.** Resíduo de frutos ou de outras substâncias depois de extraído o suco; engaço. **2. P. ext.** Coisa usada demais, velha, surrada. [...]”. Na entrada *bucha* (FERREIRA, 2009), nenhuma das definições apresenta o sentido da resposta dada pelos informantes.

Comparando a recorrência de ambas as variantes, “bagaço” foi registrada com predominância entre os informantes da segunda faixa etária, enquanto “bucha” predominou entre os homens mais jovens.

4.5 ATIVIDADES AGROPASTORIS (AGRICULTURA, INST. AGRÍCOLAS)



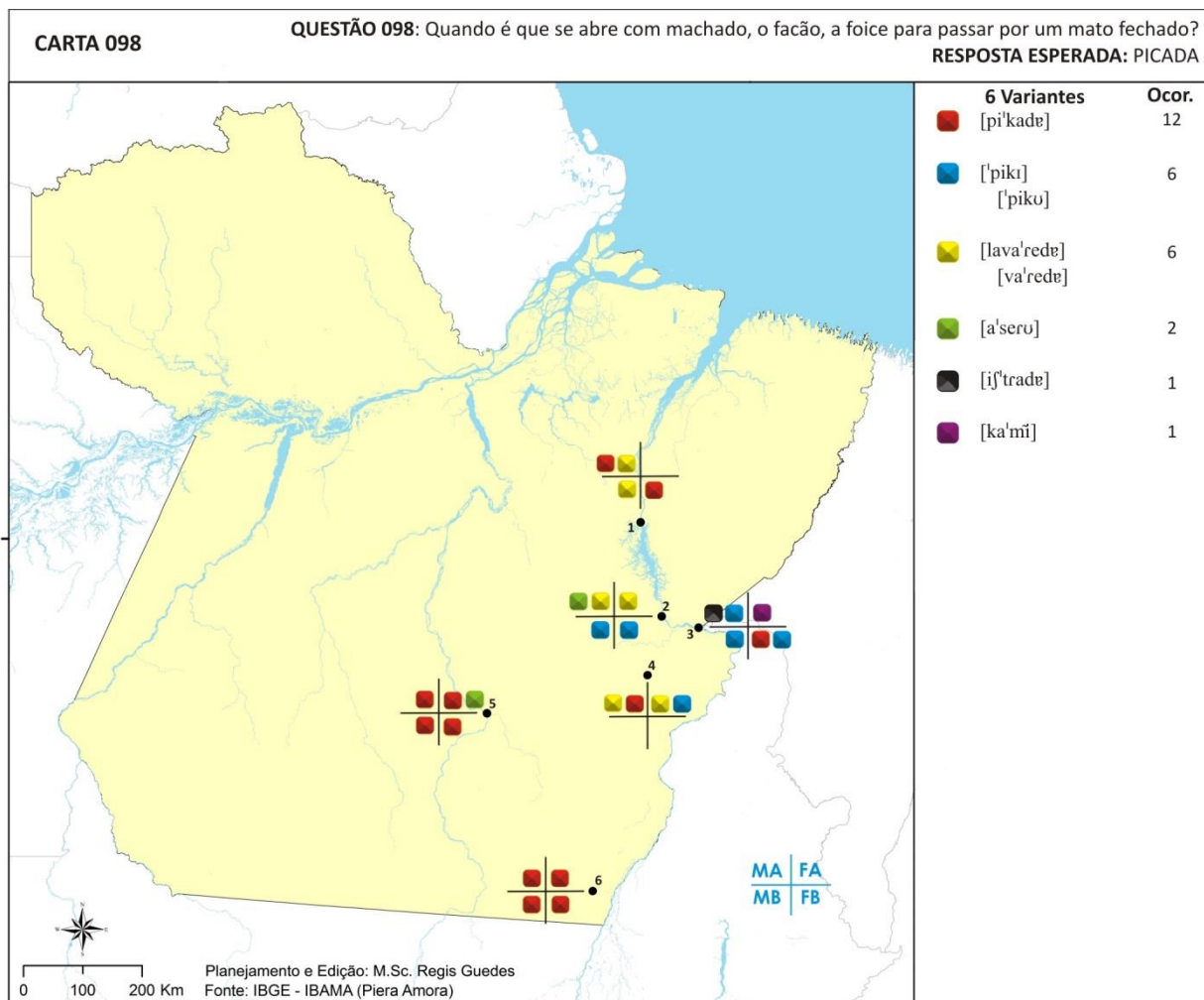
A carta 083 apresenta quatro variantes lexicais, sendo “macaxeira” a mais frequente com 18 ocorrências, seguida de “mandioca” com 16 ocorrências. O ponto 3 - São João do Araguaia é o único em que todos os informantes responderam tanto a lexia “macaxeira”, quanto à lexia “mandioca”.

No que diz respeito à dimensão diasssexual da lexia “macaxeira”, observamos que há relativa disparidade de informantes do sexo feminino sobre o masculino, com registros de 44% de ocorrências entre informantes do sexo masculino e 66% de ocorrências para informantes do sexo feminino. E para a dimensão diageracional os registros são 92% de ocorrências para a primeira faixa etária e 80% de ocorrências para a segunda faixa etária.

Em relação à dimensão diasssexual, a lexia “mandioca” apresenta 44% de ocorrências de informantes do sexo masculino e 56% de ocorrências de informantes do sexo feminino, ao passo que para a dimensão diageracional, houve disparidade entre as faixas etárias, com 92% de ocorrências para a primeira faixa etária e 60% de ocorrências para a segunda faixa etária. Na tese de Encarnação (2010), os dados de quatro municípios do litoral Norte de São Paulo mostram “mandioca” como única variante, enquanto na tese de Almeida (2009), sobre a mata sul de Pernambuco, predomina a forma “macaxeira”, resultado que pode sugerir a divisão Norte/Nordeste, com “macaxeira” e Sul, com “mandioca”, quanto à distribuição de variantes lexicais para este conceito.

As lexias “macaxeira” e “mandioca” alternam-se predominantes na mesorregião Sudeste Paraense. Em ambas os registros das lexias apresentam uma maior presença de informantes do sexo feminino e da primeira faixa etária.

Observamos nos dados da carta acima que os dois pontos da pesquisa que ficam mais ao norte da mesorregião registraram mais ocorrências da lexia “macaxeira”, ao passo que os pontos que ficam mais ao sul da mesorregião registraram mais ocorrências da lexia “mandioca”, o que aponta para a gradativa influência dos falares do Sul.



A carta 098 apresenta seis variantes lexicais. A lexia mais recorrente é “picada”, com 12 registros, seguida pelas lexias “pique” e “lavareda” com seis registros cada. A lexia “picada” está presente em cinco pontos da pesquisa, estando ausente apenas no ponto 2 - Itupiranga.

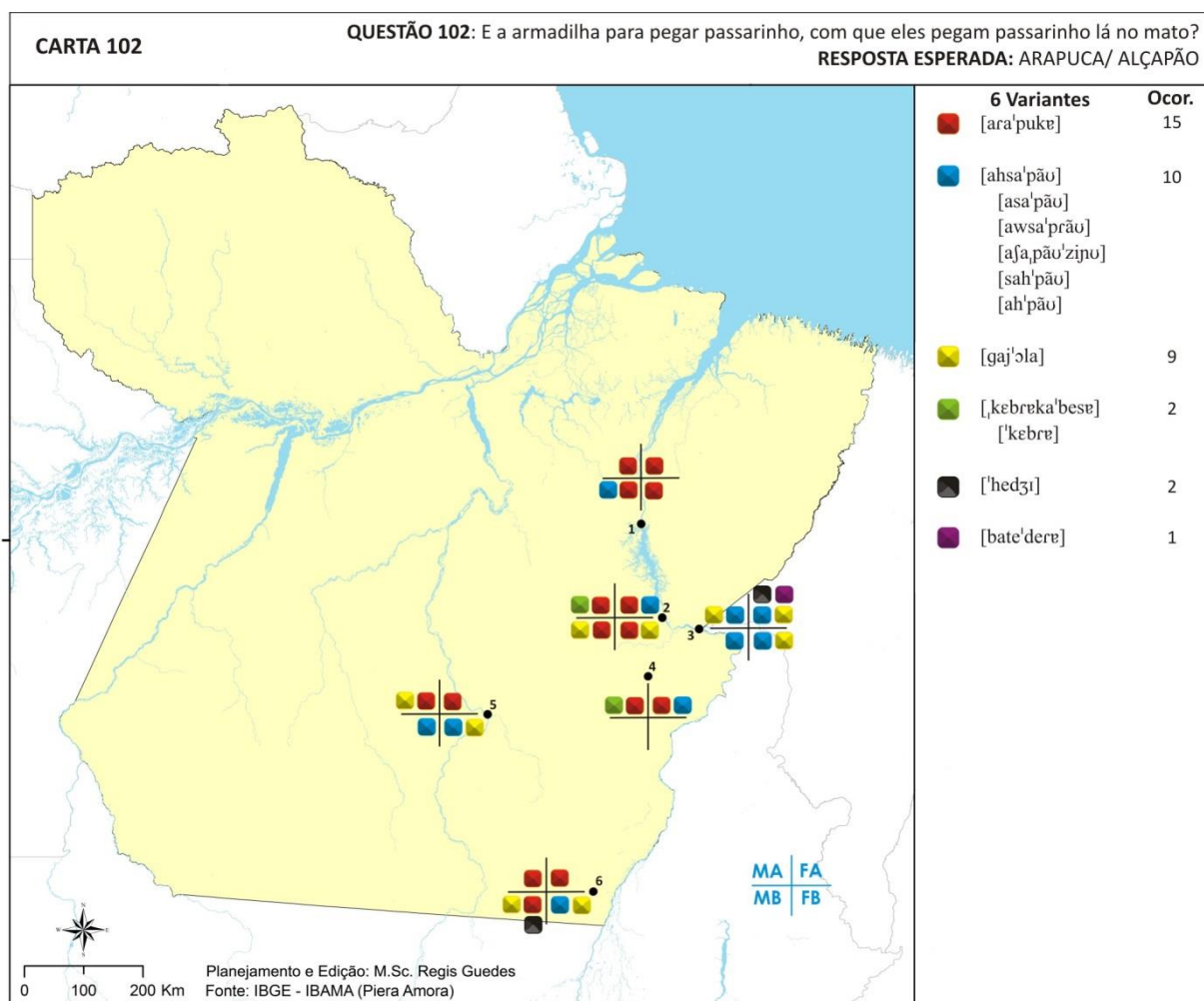
No que diz respeito à dimensão diasssexual da lexia “picada”, registramos que há simetria entre os sexos, pois os resultados mostram que não há disparidade relacionada a homem e mulher. Em relação à dimensão diageracional, aparecem os seguintes resultados: 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 60% de ocorrências para a segunda faixa etária. Verificamos que o maior número de ocorrências para esta lexia vem de informantes da segunda faixa etária.

Para a lexia “pique”, a dimensão diasssexual é a seguinte: 50% de ocorrências para cada sexo. Para a dimensão diageracional houve disparidade nas respostas, com 17% de

ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária. O maior número de ocorrências para esta lexia é de informantes da segunda faixa etária.

Para a lexia “lavareda”, a dimensão diasssexual apresenta disparidade entre os sexos, com o seguinte resultado: 67% de ocorrências para o sexo masculino e 33% de ocorrências para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional da lexia, também houve disparidade, pois, as ocorrências são: 42% para a primeira faixa etária e apenas 10% para a segunda faixa etária. Pelos números apresentados é possível percebermos que esta lexia é mais utilizada pelos informantes do sexo masculino e da primeira faixa etária.

4.6 FAUNA

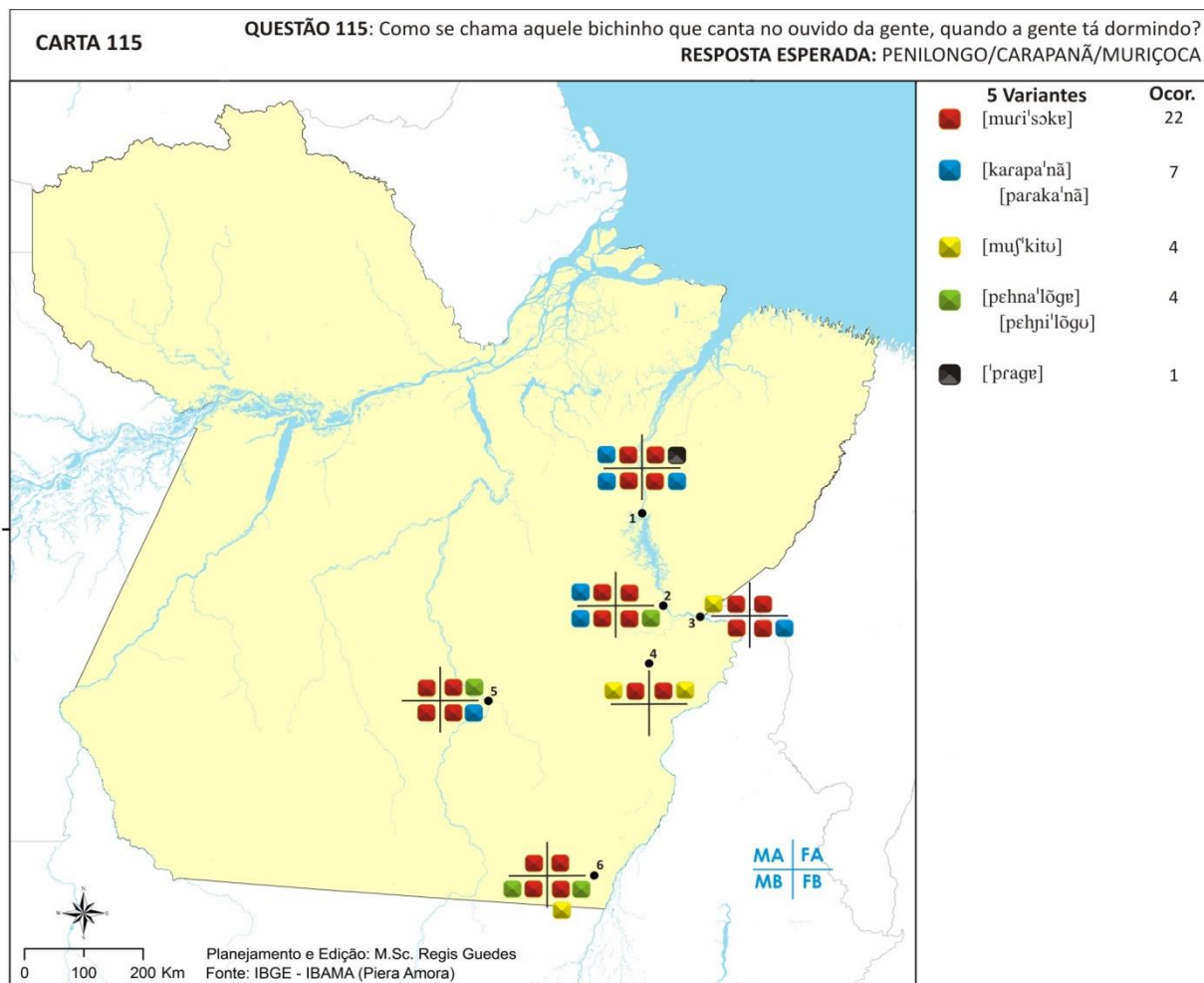


A carta 102 apresenta seis variantes lexicais, com o maior número de ocorrências para a lexia “arapuca” (15 registros), seguida por “alçapão” (dez registros) e “gaiola” (nove registros). A lexia “arapuca” só está ausente no ponto 3 - São João do Araguaia. Das três lexias que apresentam maior frequência na carta, “arapuca” é a que melhor representa a pergunta da questão, pois está dicionarizada em Ferreira (2009, p. 178) como: “[Do tupi] *S.f. Bras. 1.* Armadilha para apanhar pássaros pequenos, formada de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal [...]”.

Em Ferreira (2009, p. 86) há o registro da lexia alçapão, como: “[...] 6. *Bras.* Armadilha para apanha pássaros: gaiola, ou caixa cuja parte superior tem uma portinhola que desarma automaticamente quando a ave nela pousa. [...]”. Nesta variante está registrada a variável arpão, que em Ferreira, (2009, p. 191), apresenta a seguinte definição “*S.m. 1.* O conjunto formado por um ferro em feitio de seta fixado a um cabo, e que se destina a usos diversos, como na caça submarina, a pesca de peixes grande porte ou de cetáceos etc. [...]”. Esta definição mostra que o informante que respondeu “arpão”, parece não ter entendido a pergunta ou não conhece a diferença entre as duas lexias.

No que diz respeito à dimensão diassexual, percebemos que a lexia “arapuca” apresenta uma pequena superioridade percentual na fala dos informantes do sexo masculino, com 53,3% de ocorrências, contra 46,7% de ocorrências na fala dos informantes do sexo feminino. Para a dimensão diageracional, percebemos que há significativo predomínio de registros para a primeira faixa etária, 85% de ocorrências e 50% de ocorrências para a segunda faixa etária. Apenas no ponto 3 - São João do Araguaia não houve nenhum registro da lexia “arapuca”. De acordo com os dados, a maior frequência desta lexia é de informantes do sexo masculino e da primeira faixa etária.

A lexia “alçapão” embora não seja a que apresentou maior número de registros, mas é a que está mais bem distribuída, presente em todos os pontos da pesquisa. Para a dimensão diassexual desta lexia, temos 40% de ocorrências para o sexo masculino e 60% de ocorrências para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional, temos 33,3% de ocorrências da primeira faixa etária e 60% de ocorrências da segunda faixa etária. Houve nesta lexia, predominância de frequências do sexo feminino e da segunda faixa etária.



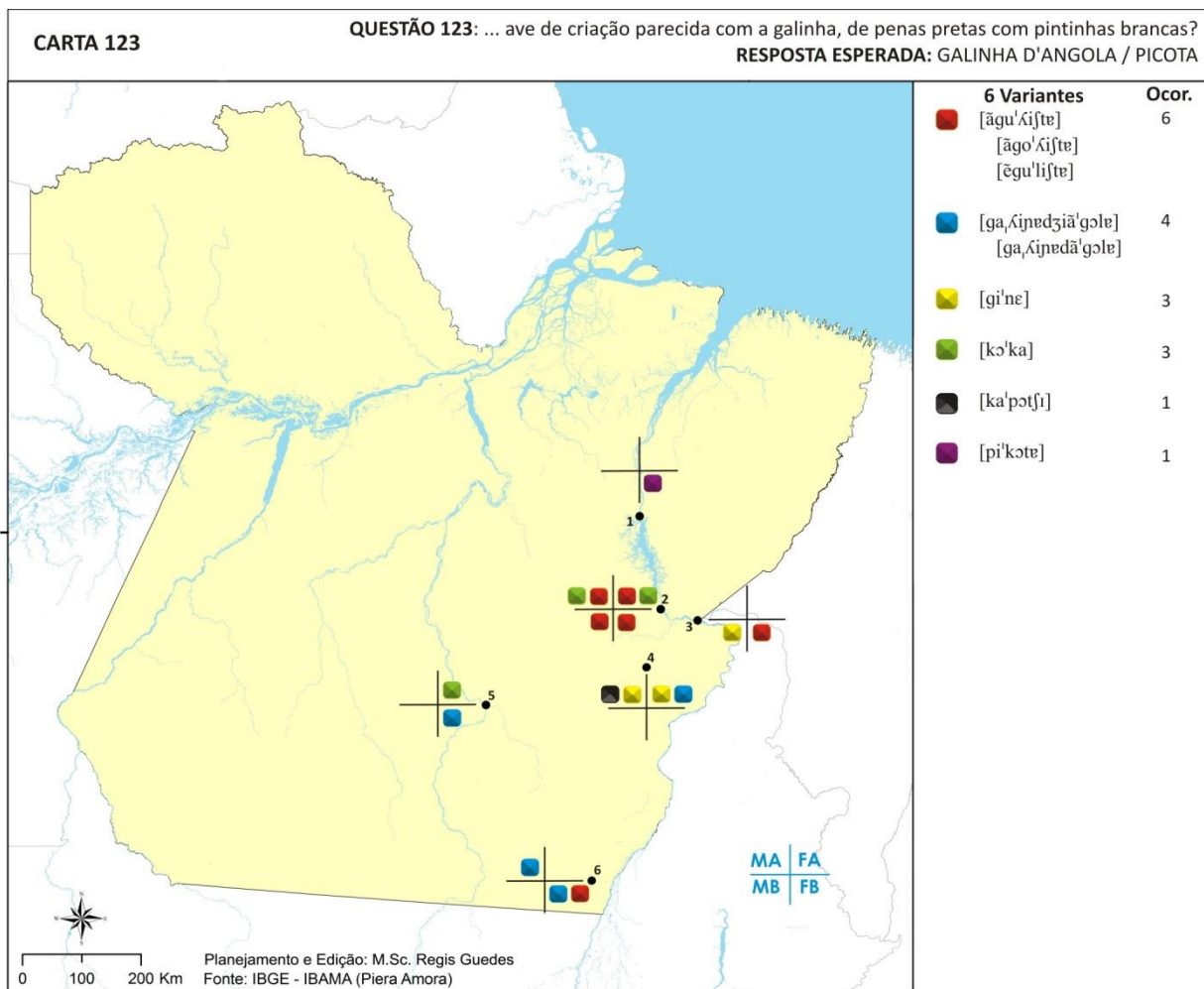
A carta 115 apresenta cinco variantes lexicais, com predominância da lexia “muriçoça”, com 22 ocorrências, seguida da lexia “carapanã” com sete ocorrências.

Ao analisarmos a distribuição diatópica da lexia “muriçoça” na mesorregião, observamos que todos os informantes dos seis pontos da pesquisa utilizam esta lexia - 100% de ocorrências tanto para a dimensão diasssexual quanto para a dimensão diageracional - o que corrobora o que está registrado na dissertação de Guedes (2012, p. 90), “[...] *murisóca* ocorre em todas as mesorregiões do Estado, sendo essa, inclusive, a mais recorrente na mesorregião Sudeste do Estado do Pará.”. Também encontramos na carta 22 do Atlas do Sudeste do Mato Grosso, de Cuba (2009, p. 486), a predominância da lexia “muriçoça”, com mais de 50% de registros.

Verificamos também que a lexia “carapanã”, a segunda mais falada pelos informantes, confirma o que está registrado em Guedes (2012), com maior número de ocorrências

entre informantes do sexo masculino e da segunda faixa etária. No que diz respeito à dimensão diasssexual, a lexia registra 57% de ocorrências para o sexo masculino e 43% de ocorrências para o sexo feminino. Pela dimensão diageracional, verificamos disparidade entre as faixas etárias, com 16,7% de ocorrências para a primeira faixa etária e 50% de ocorrências para a segunda faixa etária.

De acordo com informações contidas na Figura 34: Variantes para “Pernilongo”, de autoria de Isquierdo *et al* (2010), há o registro, nos dados do ALiB referentes às capitais brasileiras, da variante “carapanã” com absoluta ocorrência no Estado do Pará, enquanto que os dados da carta 115 do trabalho que realizamos, mostram a predominância de “muriçoca” na mesorregião Sudeste do Estado. Os resultados dos dois trabalhos deixam claro que é preciso compilar os dados de todos os pontos de inquérito do estado, para que tenhamos maior clareza quanto ao predomínio de uma ou de outra lexia.

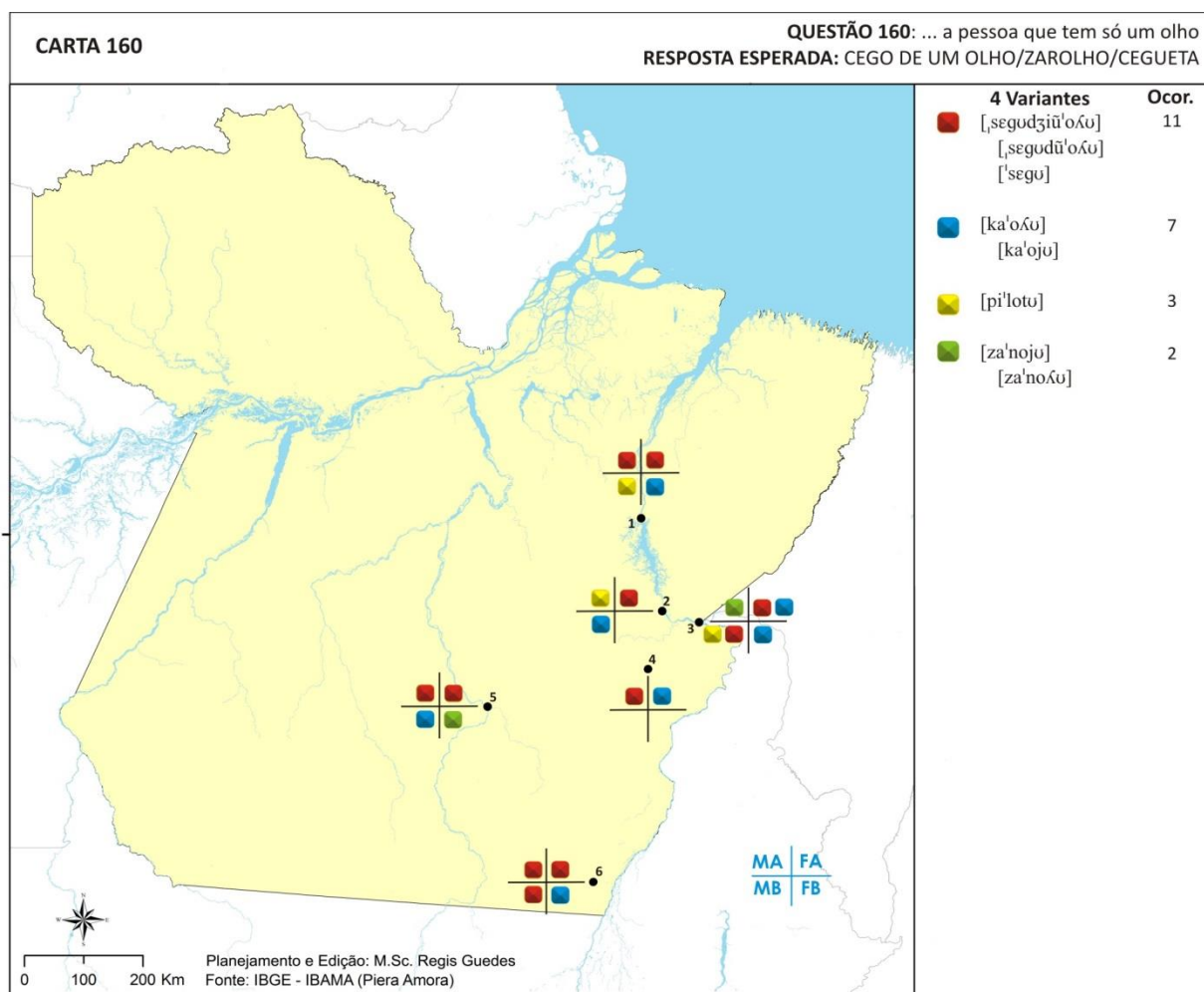


A carta 123 apresenta seis variantes lexicais, sendo a lexia “angolista” a que registra o maior número de ocorrências, seis no total, vindo em seguida a lexia “galinha d’angola” com quatro registros.

A lexia de maior ocorrência, “angolista”, foi registrada em apenas três pontos de inquérito e apresenta disparidade entre os sexos, com 33,3% de ocorrências para o sexo masculino e 66,7% de ocorrências para o sexo feminino; para a dimensão diageracional, também houve disparidade, com 16,6% de ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária. Pelos dados, observamos que a lexia apresenta uma discreta frequência na mesorregião, pois somente seis informantes, em apenas três pontos da pesquisa, registraram-na. Verificamos que foi somente no ponto 2 - Itupiranga que os quatro informantes responderam “angolista”.

A lexia “cocar” chama a atenção porque as três ocorrências vêm de informantes da primeira faixa etária. Por outro lado, a lexia “picota” ocorre apenas uma vez, no ponto 1 - Tucuruí, essa baixa frequência de picota pode ser vista nos dados de Guedes (2012), em que não há registro de uso desta lexia pelos informantes da mesorregião Sudeste do Pará. Talvez esse pouco registro se deva ao desconhecimento, pelos informantes, desta forma.

4.7 CORPO HUMANO: PARTES DO CORPO, FUNÇÕES, DOENÇAS ETC.



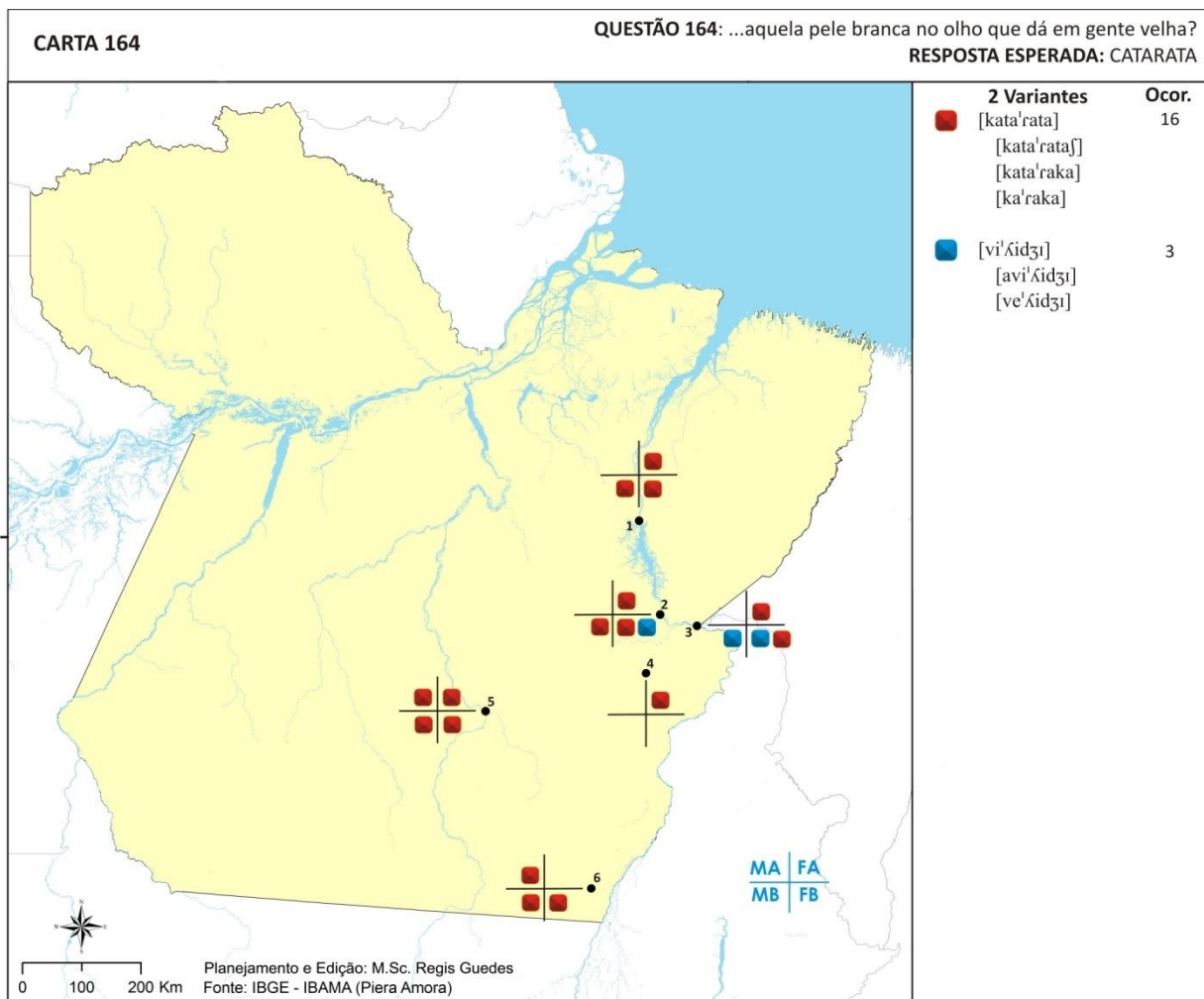
Na carta 160 detectamos quatro variantes, e a expressão “cego de um olho” foi a que registrou maior frequência, 11 informantes responderam-na, seguida pela lexia “caolho” com sete ocorrências. Em Ferreira (2009), estão registradas três das quatro resposta a esta pergunta: “cego”, “caolho” e “zarolho”, mas a lexia “piloto” com a acepção de ausência de um olho remete

o leitor a zarolho, o que nos leva a crer que a denominação se dê pela dificuldade que a pessoa que só possui a visão de um olho encontra para enxergar.

As duas maiores ocorrências, “cego de um olho” e “caolho”, foram registradas em todos os pontos da pesquisa, mostrando-se predominantes na mesorregião. No que diz respeito à dimensão diasssexual da expressão “cego de um olho”, notamos que houve o registro de 54,5% de ocorrências para o sexo masculino e 45,5% de ocorrências para o sexo feminino. E para a dimensão diageracional houve 75% de ocorrências para a primeira faixa etária e 20% de ocorrências para a segunda faixa etária. Os dados nos mostram que esta lexia é ligeiramente mais frequente na fala dos informantes do sexo masculino e com predominância da primeira faixa etária.

A expressão “cego de um olho” e a lexia “caolho” remetem ao mesmo significado, que é a ausência de um dos olhos. No entanto, nesta carta adotamos os registros como duas variantes diferentes, uma vez que a maioria dos informantes respondeu apenas uma das duas formas.

A lexia “piloto” registrou três ocorrências, e todas na fala de informantes do sexo masculino, o que pode significar, de acordo com os dados, que é uma palavra utilizada somente por homens.



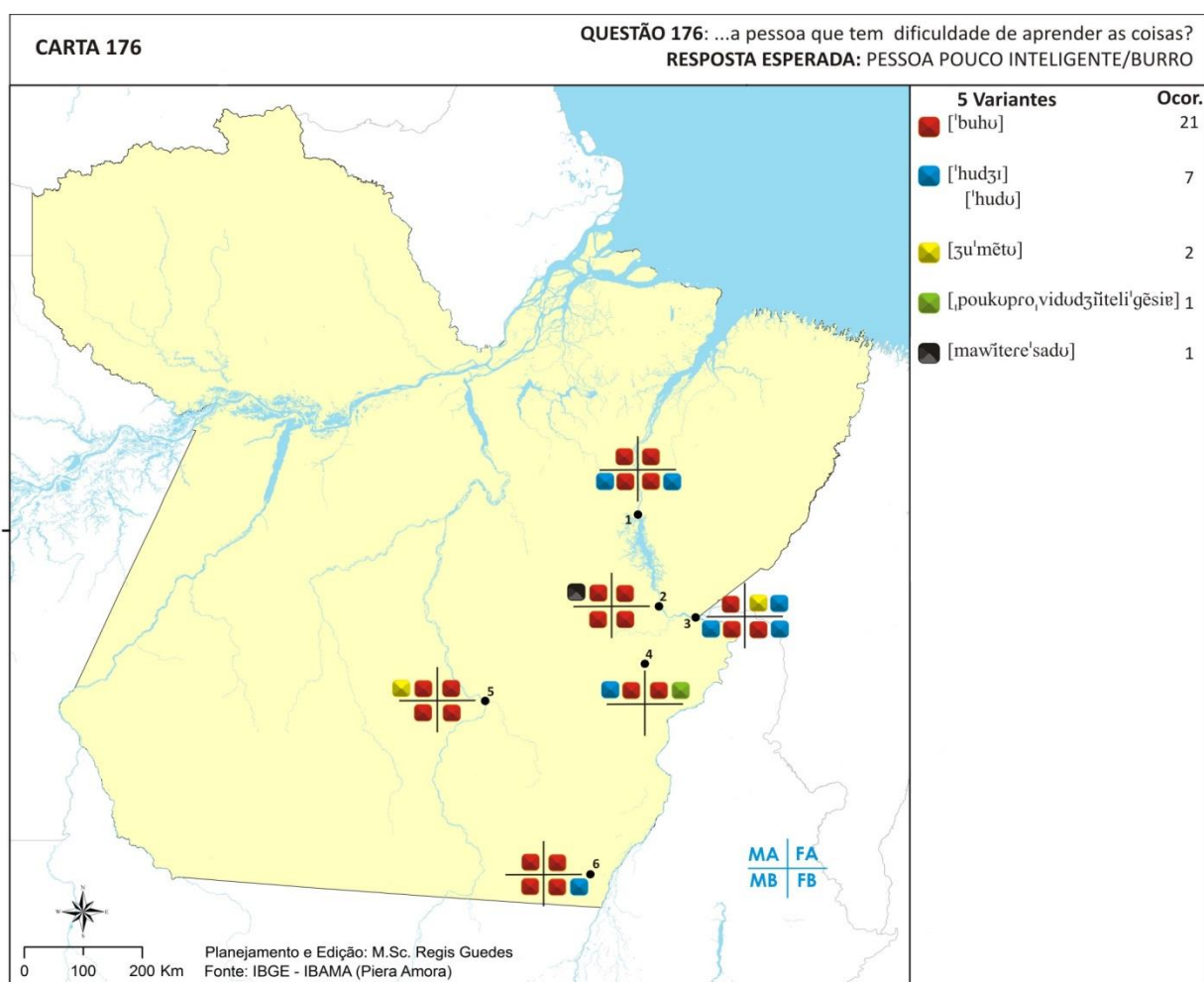
Para a carta 164 foram registradas apenas duas variantes lexicais. A lexia “catarata”, que obteve 16 registros, e a lexia “velhide”, que obteve três registros. Cabe observarmos que a ausência de respostas para esta pergunta, é maior entre os informantes da primeira faixa etária e principalmente do sexo masculino, enquanto que para a segunda faixa etária, não há ausência de respostas.

A lexia “catarata” foi registrada em todos os seis pontos da pesquisa, mostrando-se predominante na mesorregião Sudeste Paraense. Já a lexia “velhide” só foi registrada em dois pontos da pesquisa, 2 - Itupiranga e 3 - São João do Araguaia, e os três informantes são da segunda faixa etária. Os dados não representam uma amostra suficiente para dizermos que esta lexia esteja em declínio. Não encontramos nos atlas nos quais pesquisamos o registro da lexia

“velhide”, o que nos impossibilita de afirmarmos que poderia ser um também um caso de inovação causada pelo contato.

Cabe observarmos que a lexia “catarata” apresenta alta frequência entre os informantes do sexo feminino e da segunda faixa etária. Assim, no que diz respeito à dimensão diasssexual, temos 37,5% de ocorrências para o sexo masculino e 62,5% de ocorrências para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional, temos 58% de ocorrências para a primeira faixa etária e 90% de ocorrências para a segunda faixa etária.

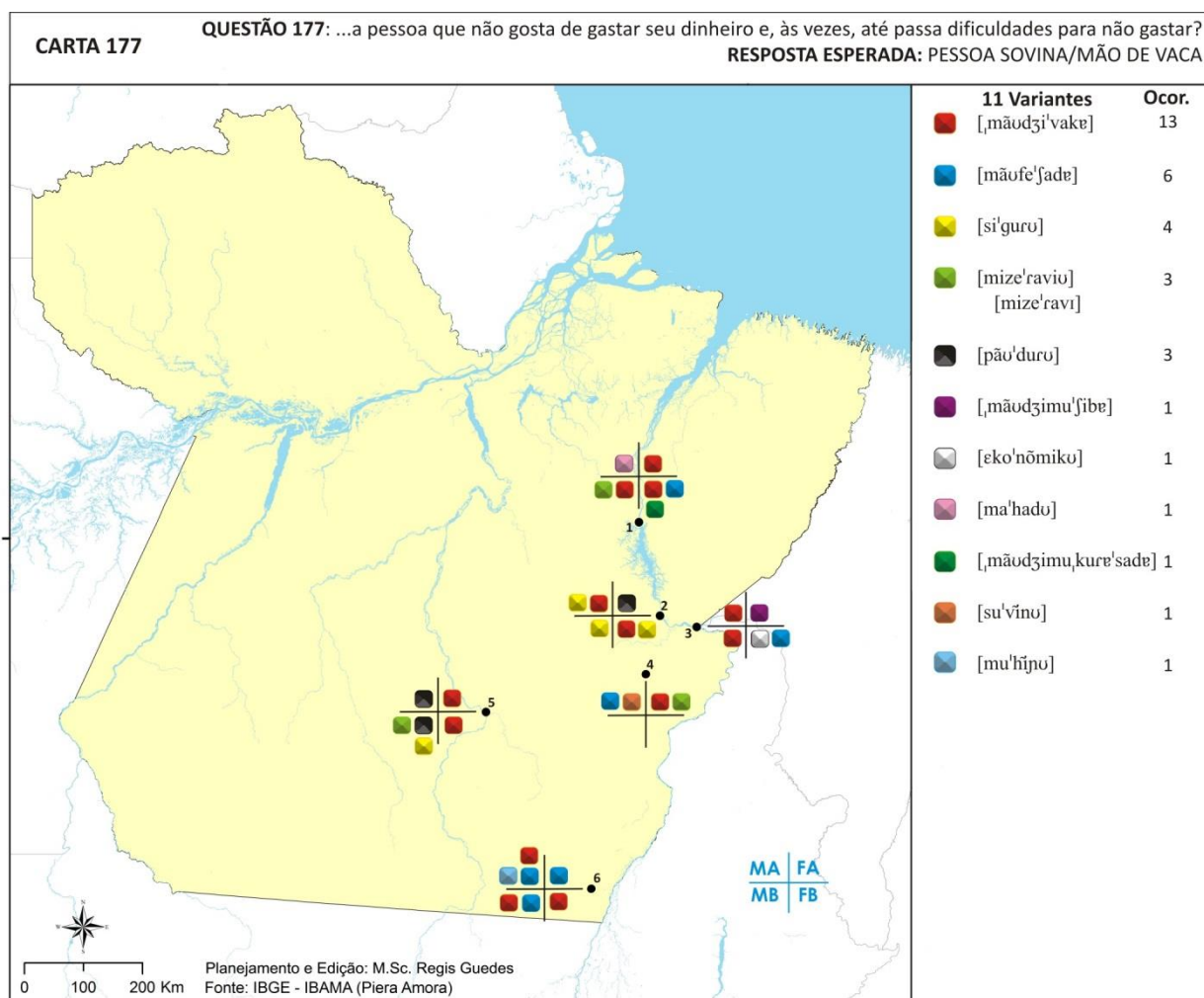
4.8 CULTURA E CONVÍVIO



A carta 176 apresenta cinco variantes lexicais, e pelo que podemos observar a lexia “burro” é que registra o maior número de ocorrências, 21 ao todo, em seguida aparece a lexia

“rude” com sete ocorrências. Pela presença em todos os pontos da pesquisa e por ter sido falada por 21 dos 22 informantes, esta lexia mostra-se predominante na mesorregião Sudeste Paraense.

No que diz respeito à dimensão diasssexual da lexia “burro”, constatamos que 52,4% dos informantes são do sexo masculino, ao passo que 47,6% são do sexo feminino. Para a dimensão diageracional, constatamos que 91,6% dos informantes são da primeira faixa etária e que 100% dos informantes são da segunda faixa etária. Pelos dados, observamos que há uma discreta maioria de informantes do sexo masculino e da segunda faixa etária para esta lexia.



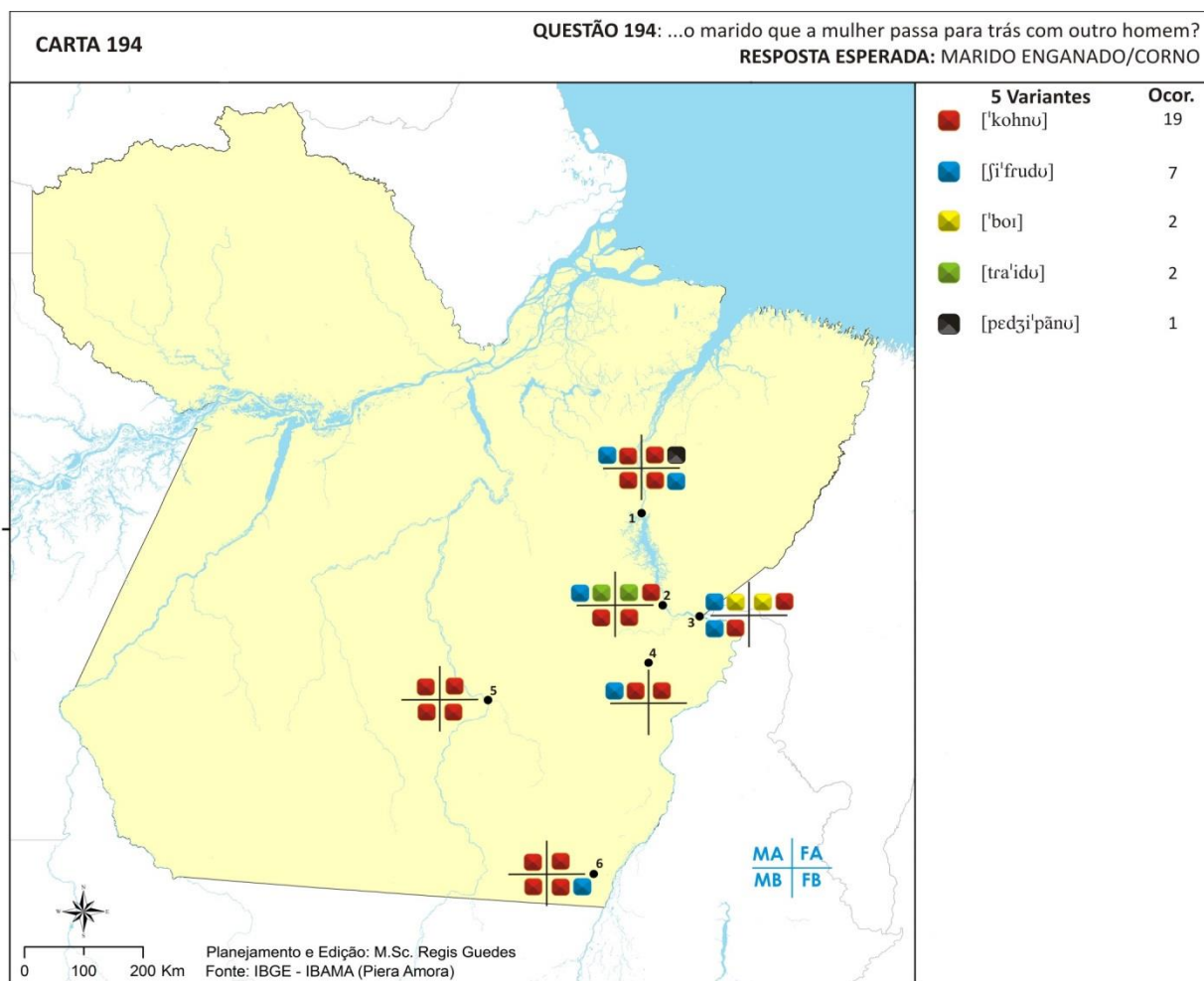
Verificamos 11 lexias diferentes para a questão 177. A lexia “mão-de-vaca” foi a que mais vezes ocorreu, com 13 registros, e a lexia “mão-fechada”, com seis registros, foi a segunda

mais falada. A lexia “mão-de-vaca” está presente nos seis pontos de investigação desta pesquisa, o que mostra a sua predominância na mesorregião Sudeste Paraense.

No que diz respeito à dimensão diatópica, consultamos os trabalhos de Cristianini (2007, p. 266), Encarnação (2010, p. 334) e Guedes (2012, p. 107), e verificamos que nos três trabalhos a lexia “mão-de-vaca” aparece como a que mais registros obteve, mas constatamos na carta 31 do ALMASPE, Almeida (2009, p. 102) que a lexia “mão-de-vaca” foi a segunda mais recorrente e com poucos registros, e na carta 249 do volume três do ALERS, Margotti *et al* (2012), que a lexia mão-de-vaca foi apenas a quinta mais recorrente, com poucos registros, as lexias “pão-duro” e “seguro” foram as mais recorrentes neste Atlas. As lexias “pão-duro” e “sovina” estão dicionarizadas em Ferreira (2009, p. 236), como sinônimos de avaro. “[Do lat. *avarus*] **Adj. 1.** Que tem avareza, que é sórdido e excessivamente apegado ao dinheiro. [...]”.

Verificamos nas dimensões diassexual e diageracional que a lexia “mão-de-vaca”, com a maior frequência, apresentou os seguintes percentuais: 46% de ocorrências para o sexo masculino e 54% de ocorrências para o sexo feminino; 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 70% de ocorrências para a segunda faixa etária. Foram informantes do sexo feminino e da segunda faixa etária que mais registraram a forma.

4.9 CICLOS DA VIDA

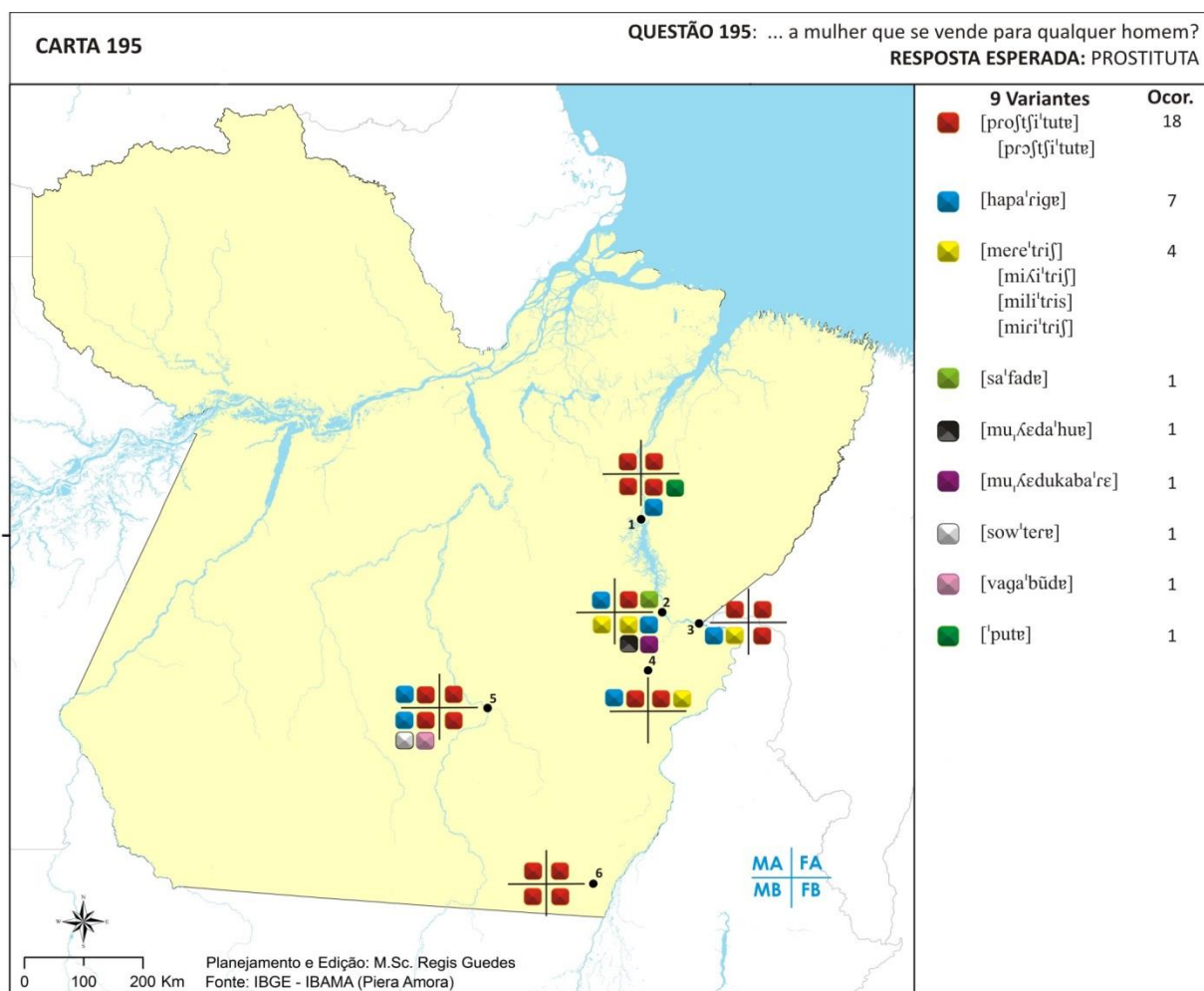


A carta 194 apresenta cinco variantes lexicais, com a forma “corno” registrando 19 ocorrências, e “chifrudo” registrando sete ocorrências. A variante “corno” ocorreu em todos os pontos da pesquisa. No ponto 5 - São Félix do Xingu, todas as ocorrências foram da lexia “corno”. Esta lexia está dicionarizada em Ferreira (2009, p. 553), como: “[Do lat. *cornu*.] **S.m.** [...] **9.** *Chulo* Marido de adúltera; cabrão, aspudo, cervo, faz de conta, cornudo chifrudo, galheiro, galhudo, cabrum, mu-mu. [...]”.

No que diz respeito à dimensão diasssexual da lexia mais recorrente “corno”, verificamos que houve pouca diferença, com 47,4% de ocorrências para o sexo masculino, enquanto que para o sexo feminino houve 52,6% de ocorrências; na dimensão diageracional da

lexia, verificamos também que houve uma pequena diferença, com 84% de ocorrências da primeira faixa etária e 90% de ocorrências da segunda faixa etária.

A lexia “chifrudo” está ausente somente no ponto 5 - São Félix do Xingu e apresenta os seguintes resultados: para a dimensão diasssexual, houve disparidade entre os sexos, com 71,5% de registros para informantes do sexo masculino e 28,5% de registros para informantes do sexo feminino; para a dimensão diageracional, 33,3% de registros para a primeira faixa etária e 30% de registros para a segunda faixa etária.



A carta 195 registra nove variantes lexicais, sendo a lexia “prostituta” a mais recorrente, totalizando 18 registros, com presença em todos os pontos de inquérito. A segunda

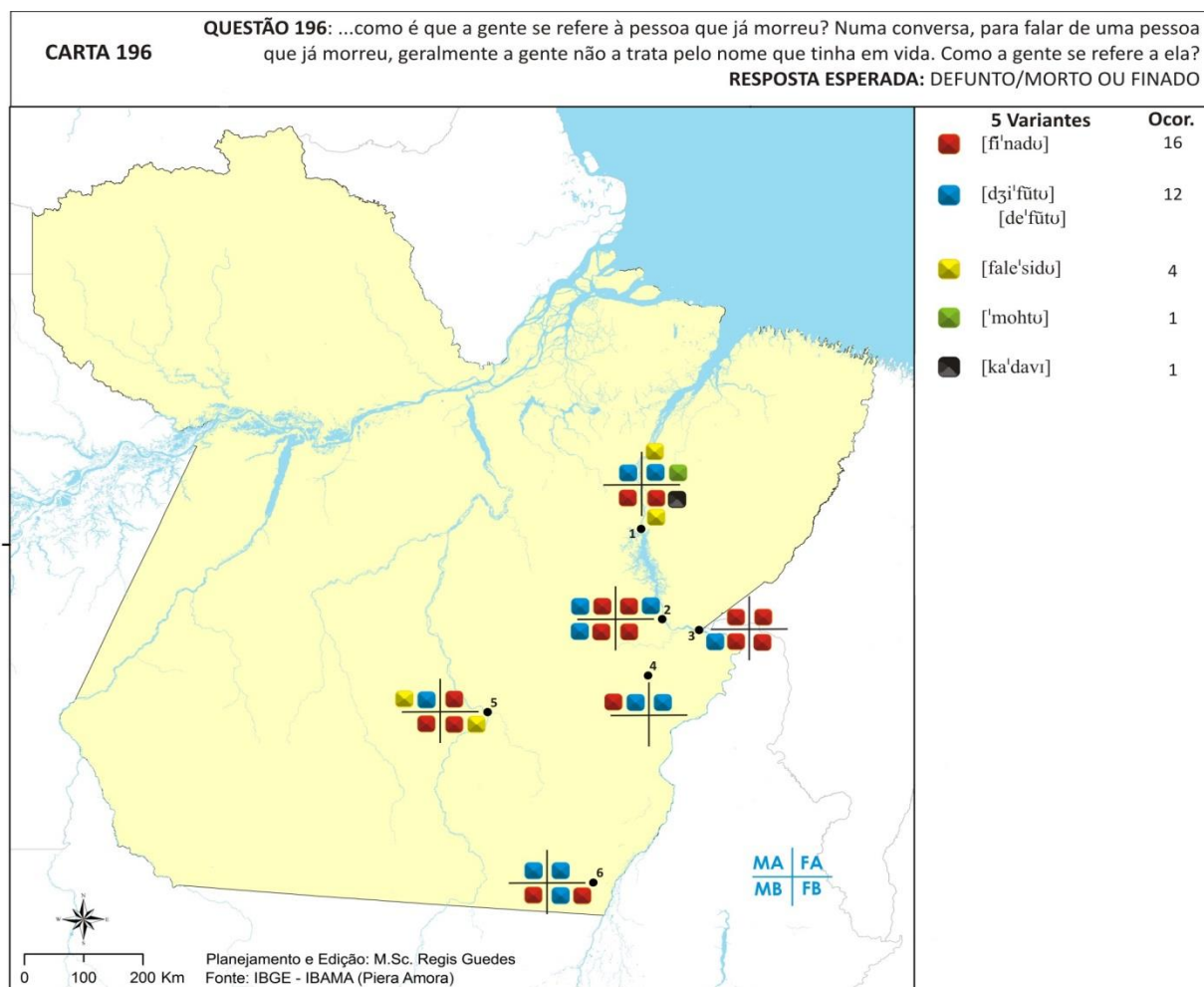
mais recorrente foi a lexia “rapariga”, com sete registros. Observamos que a lexia “prostituta” apresenta distribuição regular, com presença em todos os pontos da pesquisa. Observamos também que esta lexia foi a mais recorrente e presente em todos os pontos de inquérito, nas pesquisas de Cristianini (2007, p. 269) e de Guedes (2012, p. 111). Em Almeida (2009), encontramos o registro da lexia “prostituta” como a mais frequente. Pelo registrado no trabalho de Guedes (2012) e em nossa pesquisa referente à lexia “prostituta”, concluímos que esta predomina no Estado do Pará.

No que diz respeito à dimensão diassexual, verificamos pequena diferença, com a lexia “prostituta” apresentando 44,5% de registros para informantes do sexo masculino e 55,5% de registros para informantes do sexo feminino. Pela dimensão diageracional, verificamos que a lexia apresenta 91,7% de registros na primeira faixa etária e 70% de registros na segunda faixa etária.

Pela dimensão diassexual da lexia “rapariga”, verificamos disparidade, com 71,4% dos registros de informantes do sexo masculino e 28,6% de registros de informantes do sexo feminino. Pela dimensão diageracional, verificamos que a lexia apresenta 25% de registros na primeira faixa etária e 40% de registros na segunda faixa etária.

Pelos dados apresentados, constatamos que a lexia “prostituta” predomina na fala dos informantes da primeira faixa etária, e que a lexia “rapariga” predomina na fala dos informantes do sexo masculino e da segunda faixa etária. Isso mostra, pelo menos neste caso, que as mulheres tendem a utilizar a forma de maior aceitação no meio social, a mais culta.

As expressões “mulher da rua” e “mulher do cabaré”, e as lexias “solteira”, “vagabunda” e “puta” registraram uma ocorrência cada, e os cinco informantes que as responderam são da segunda faixa etária. Isso pode ser um indício de que estas formas podem desaparecer nas localidades pesquisadas.



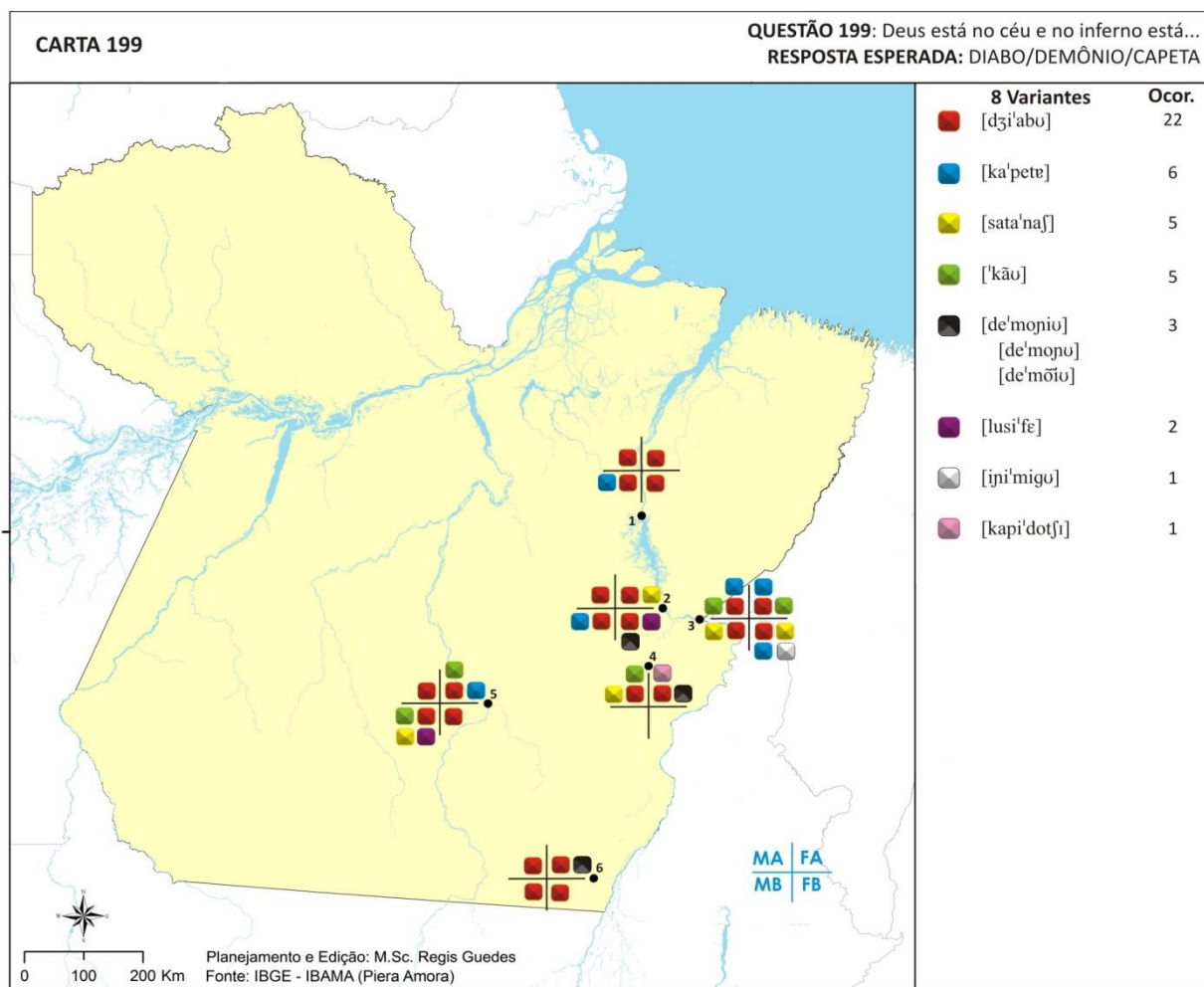
A carta 196 apresenta cinco variantes lexicais, com predominância das lexias “finado” com 16 ocorrências, e “defunto” com 12 ocorrências. As duas lexias apresentam uma distribuição regular na mesorregião, sendo utilizadas em todos os pontos da pesquisa, o que as coloca em evidência na mesorregião Sudeste Paraense.

A forma “finado” apresenta os seguintes resultados: para a dimensão diasssexual, há simetria entre os sexos, com 50% de ocorrências para cada lado; enquanto que para a dimensão diageracional, há disparidade, com 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 100% para a segunda faixa etária, o que significa que todos os informantes da segunda faixa etária responderam a lexia “finado” para a pergunta do questionário.

A forma “defunto” apresenta os seguintes resultados: para a dimensão diasssexual, 58% de ocorrências de informantes do sexo masculino e 42% de informantes do sexo feminino,

ao passo que a dimensão diageracional, apresenta 75% de registros para a primeira faixa etária e 30% para a segunda faixa etária, o que significa que a maioria dos informantes que responderam a lexia “defunto” é do sexo masculino e da segunda faixa etária.

4.10 RELIGIÃO E CRENÇAS

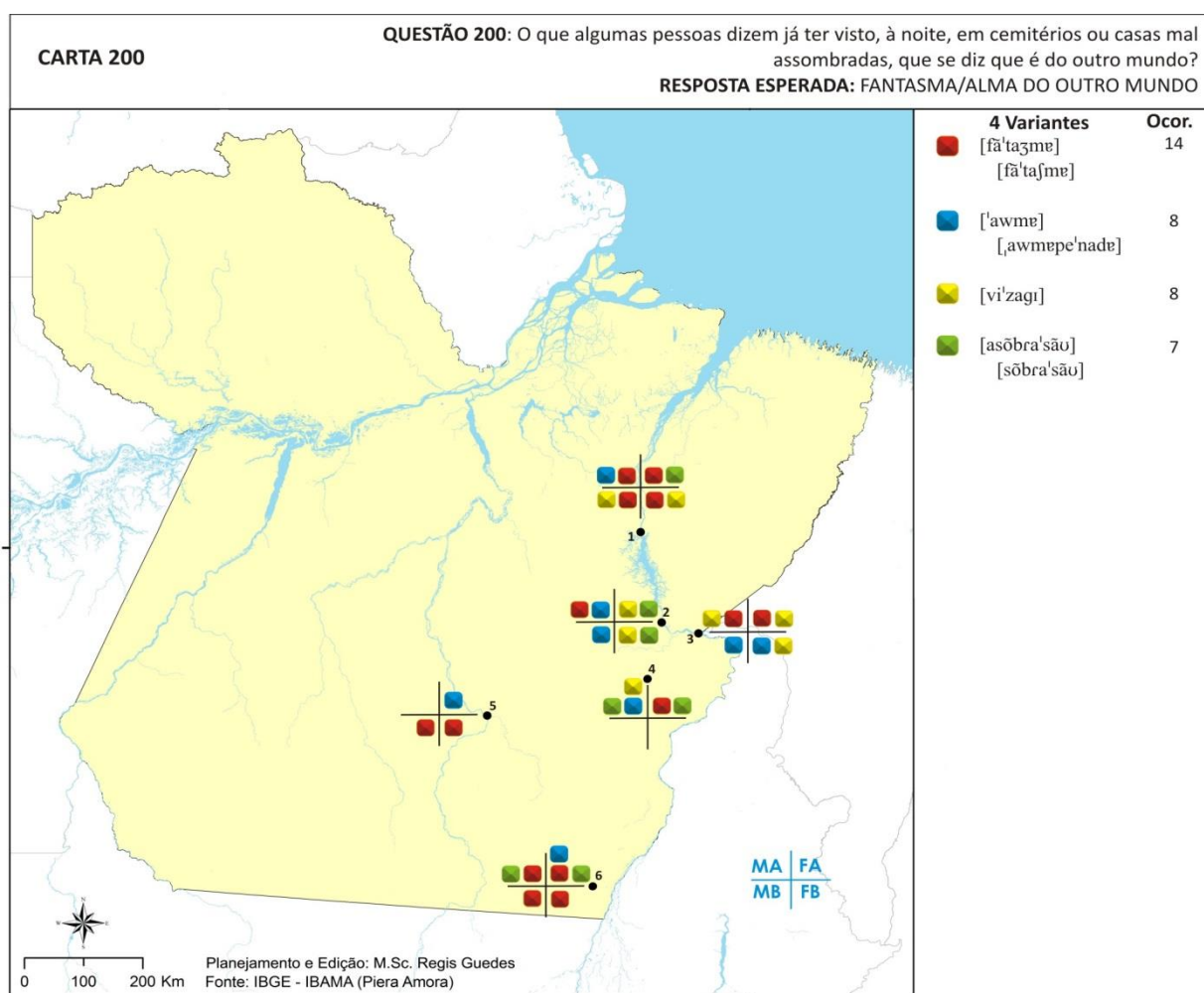


A carta 199 apresenta oito variantes lexicais e a lexia “diabo” é a que registrou o maior número de ocorrências, com 22 ao todo, seguida pela lexia “capeta” com seis variantes, “satanás” e “cão” com cinco variantes cada.

A lexia “diabo” apresenta alta frequência, pois foi registrada em todos os pontos da pesquisa e por todos os informantes, por isso se constitui como predominante na mesorregião Sudeste Paraense. Como todos os informantes utilizaram esta forma, houve simetria em relação

às variáveis extralinguísticas, tanto para a dimensão diasssexual, quanto para a dimensão diageracional, com 100% de frequência.

As lexias “capeta” e “satanás” apresentam um relativo equilíbrio entre sexo e faixa etária. A lexia “cão” registra 33% de ocorrências para a primeira faixa etária e 10% de ocorrências para a segunda faixa etária. A lexia “demônio” registra três ocorrências, todas para o sexo feminino.



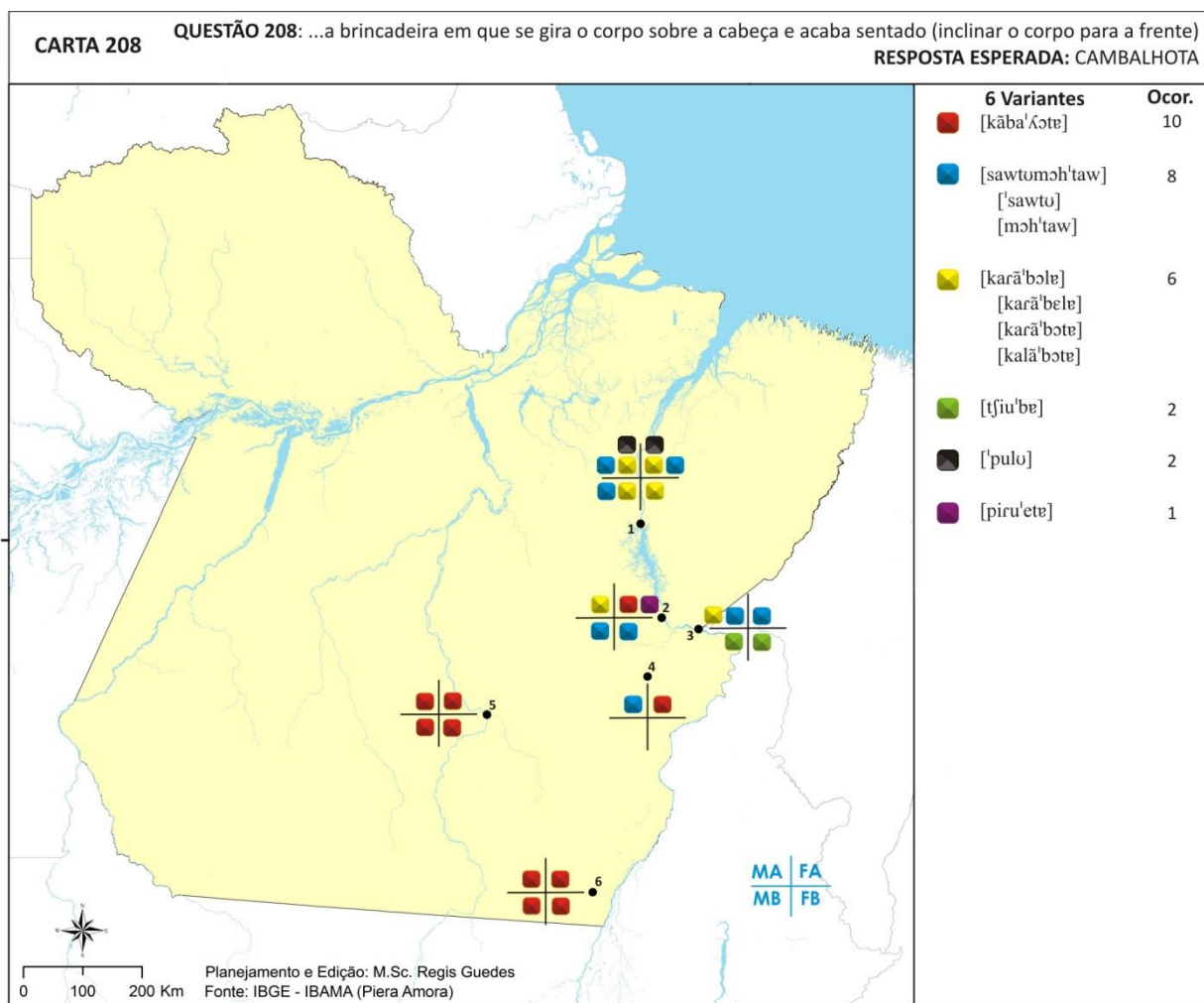
A carta 200 apresenta quatro variantes lexicais, sendo “fantasma” a lexia mais recorrente, com 14 registros, seguida pela lexia “alma” com oito registros, “visagem” com oito

registros e “assombração” com sete registros. As lexias “fantasma” e “alma” estão presentes em todos os pontos da pesquisa, definindo-se como predominantes na mesorregião Sudeste Paraense.

A lexia mais recorrente “fantasma” apresenta equilíbrio no que diz respeito à dimensão diasssexual, com 50% de ocorrências para cada sexo. Para a dimensão diageracional, há um relativo equilíbrio, com 66,6% de ocorrências para a primeira faixa etária e 60% de ocorrências para a segunda faixa etária.

A lexia “alma” predomina entre informantes do sexo masculino, com 62,5% de registros, contra 37,5% de registros entre informantes do sexo feminino, e também entre os da primeira faixa etária, com 41,6% de registros, contra 30% de registros da segunda faixa etária. Com a lexia “visagem” observamos o contrário, predomina entre as mulheres, com 62,5% de registros, contra 37,5% de registros na fala masculina, e também da segunda faixa etária, com 40% de registros, contra 33% de registros da primeira faixa etária.

4.11 FESTAS E DIVERTIMENTOS



Na carta 208 destacam-se seis variantes lexicais, com maior incidência da lexia “cambalhota” (dez ocorrências), seguida pela expressão “salto mortal” (oito ocorrências) e “carambela” (seis ocorrências).

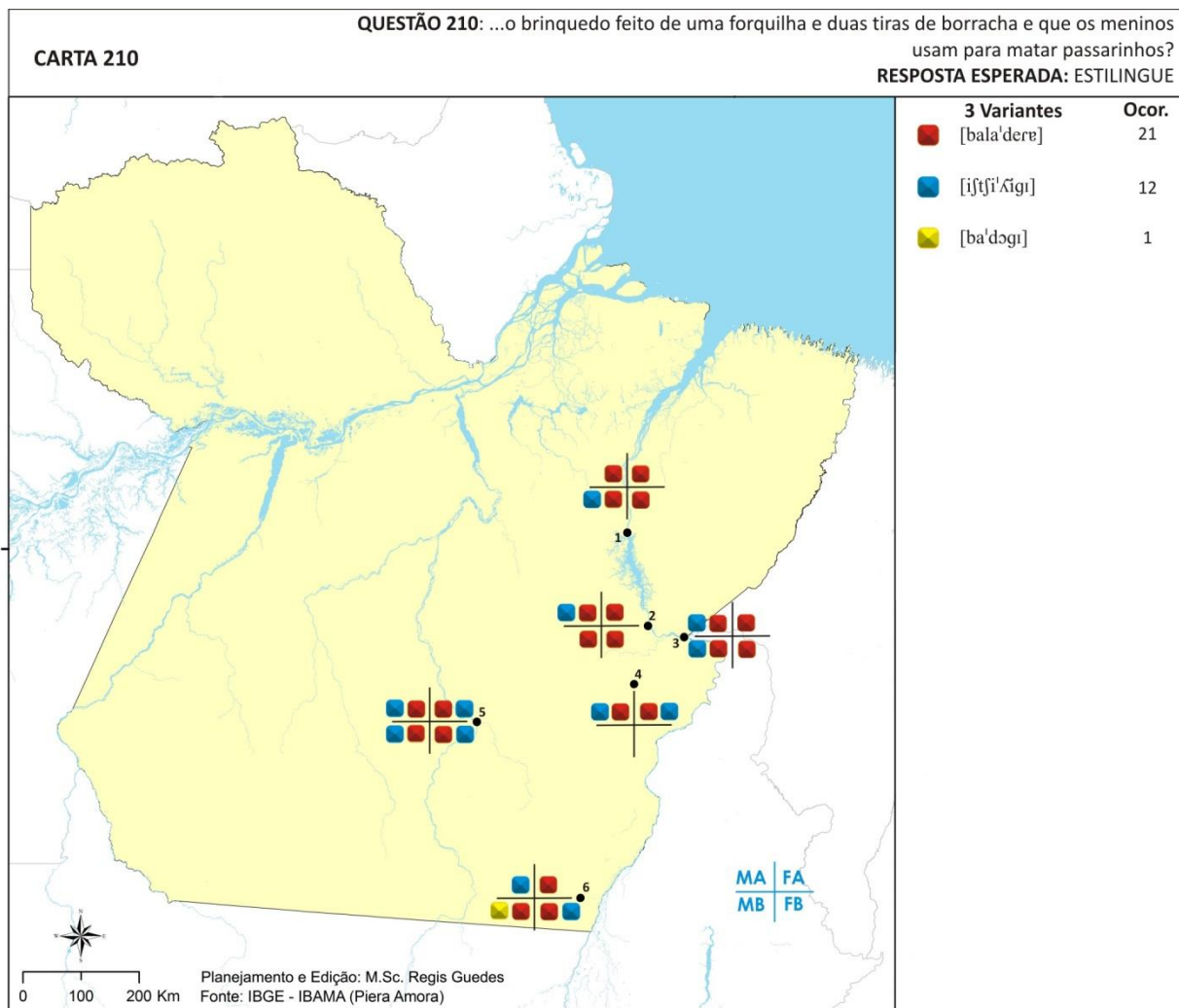
Podemos observar na distribuição diatópica das lexias, que “cambalhota” predomina na parte mais ao sul da mesorregião Sudeste Paraense, ao contrário, da expressão “salto mortal” e da lexia “carambela” que predominam mais ao norte da mesorregião. Ao compararmos nossos resultados com os dados de Guedes (2012), observamos que estes se coadunam, pois a lexia “carambela” predomina nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana de Belém e Marajó na dissertação de Guedes, e os seis registros da nossa dissertação estão nos pontos mais limítrofes com essas mesorregiões, inclusive o nosso ponto 1 – Tucuruí é que registra o maior número de

ocorrências da lexia “carambela”. A lexia “cambalhota” também foi a mais registrada no Atlas Lingüístico do Grande ABC (CRISTIANINI, 2007).

No que diz respeito às variáveis diassexual e diageracional, verificamos respectivamente, 40% de ocorrências de cambalhota para o sexo masculino e 60% de ocorrências para o sexo feminino; 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária. Observamos que a maioria dos informantes é do sexo feminino e da primeira faixa etária.

Em relação ao controle das variáveis diassexual e diageracional da lexia “salto mortal”, verificamos, respectivamente, 62,5% de ocorrências para o sexo masculino e 37,5% de ocorrências para o sexo feminino; 41,6% de ocorrências para a primeira faixa etária e 30% de ocorrências para a segunda faixa etária. Observamos que a maioria dos informantes é do sexo masculino e da primeira faixa etária.

No que diz respeito às variáveis diassexual e diageracional da lexia “carambela”, verificamos respectivamente, 66,6% de ocorrências para o sexo masculino e 33,4% de ocorrências para o sexo feminino; 33,4% de ocorrências para a primeira faixa etária e 20% de ocorrências para a segunda faixa etária. Podemos perceber que a maioria dos informantes é do sexo masculino e da primeira faixa etária.

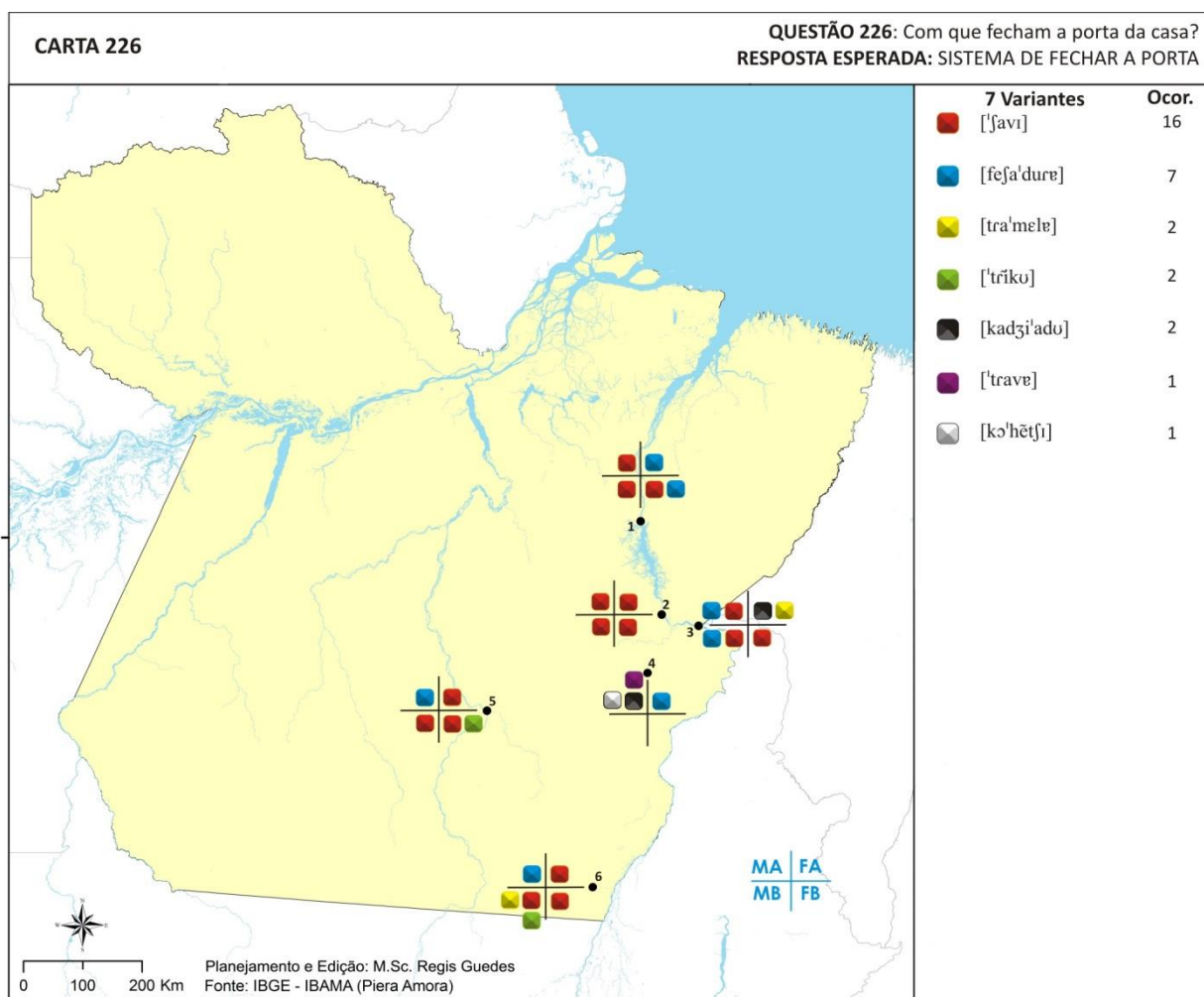


A carta 210 apresenta três variantes lexicais, sendo a lexia “baladeira” a mais recorrente, com 21 registros, seguida pela lexia “estilingue” com 12 registros. As duas lexias estão presentes em todos os pontos da pesquisa, mostrando-se predominantes na mesorregião Sudeste Paraense.

Observamos que a lexia mais recorrente “baladeira” só não foi falada por um informante no ponto 6 - Santana do Araguaia. No que diz respeito à distribuição diasssexual, a lexia apresenta 47,6% de frequência para o sexo masculino e 52,4% de frequência para o sexo feminino; em relação à distribuição diageracional, temos 91,7% de ocorrências para a primeira faixa etária e 100% de ocorrências para a segunda faixa etária. Pelo que está disposto nos dados a maioria dos informantes é do sexo feminino e da segunda faixa etária.

Notamos que a lexia “estilingue” tem os seguintes dados: referente à distribuição diasssexual, 66,6% das ocorrências são do sexo masculino e 33,4% das ocorrências são do sexo feminino; referente a distribuição diageracional, 58% das ocorrências são da primeira faixa etária e 50% das ocorrências são da segunda faixa etária. Observamos que a maioria dos informantes é do sexo masculino e da primeira faixa etária.

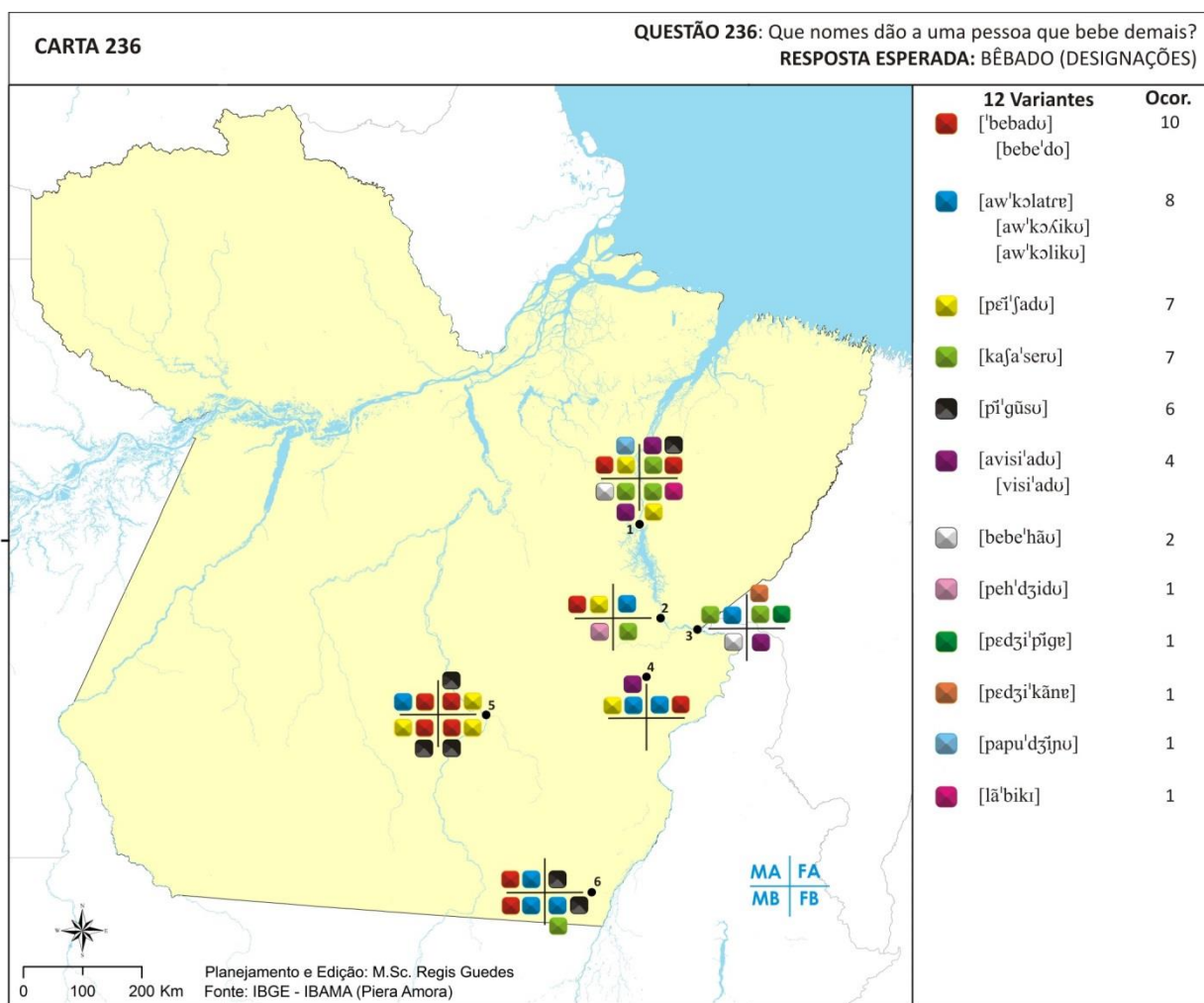
4.12 HABITAÇÃO



Na carta 226 há o registro de sete variantes lexicais e a lexia “chave” é a mais frequente, com 16 ocorrências, em seguida vem a lexia “fechadura” com sete ocorrências. A lexia “chave” está ausente somente no ponto 4 - Curionópolis.

No que diz respeito à lexia “chave”, que obteve o maior número de ocorrências, observamos os seguintes resultados: para a variável diasssexual, não verificamos disparidade entre os sexos, uma vez que houve 50% de registro para cada lado; para a dimensão diageracional, houve disparidade, com 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 100% de ocorrências para a segunda faixa etária. Nesta lexia houve o predomínio de registros de informantes da segunda faixa etária.

4.13 ALIMENTAÇÃO E COZINHA

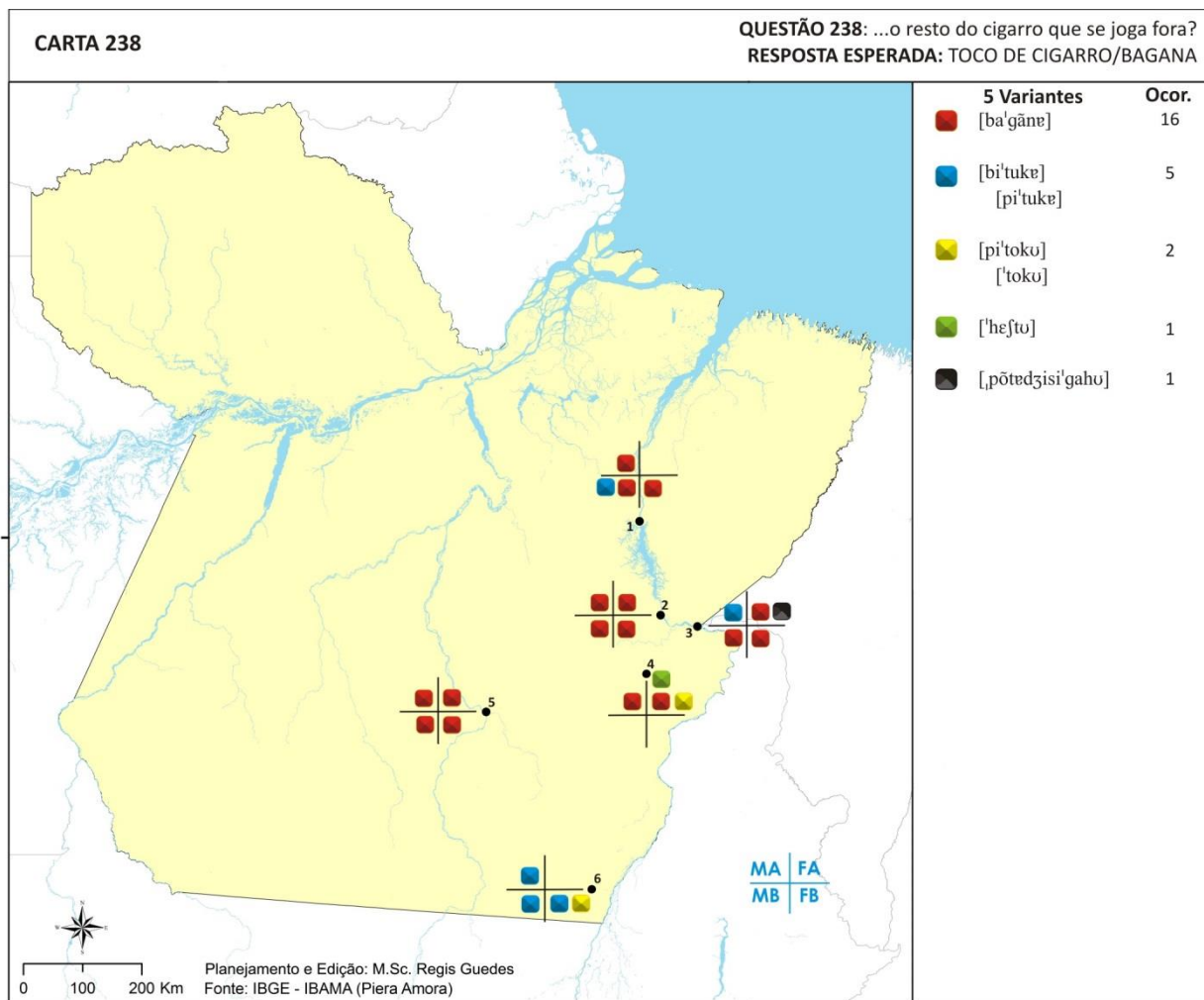


A carta 236 apresenta 12 variantes lexicais, sendo a lexia “bêbado” a mais recorrente, com dez registros, seguida por “alcoólatra” com oito registros. As duas lexicais só estão ausentes

em um ponto da pesquisa, “bêbado” no ponto 3 - São João do Araguaia e “alcoólatra” no ponto 1 - Tucuruí.

Ao analisarmos a dimensão diasssexual da lexia “bêbado”, constatamos que houve predomínio para o sexo masculino, com 60% de registros, contra 40% de registros para o sexo feminino. Em relação à dimensão diageracional, constatamos que houve predomínio de 58% de ocorrências para a primeira faixa etária, contra 30% de ocorrências para a segunda faixa etária. Verificamos nesta lexia que a maioria dos informantes é do sexo masculino e que pertencem à primeira faixa etária.

Na lexia “alcoólatra”, observamos que há predominância de registros do sexo masculino, com 62,5% de ocorrências, contra 37,5% de ocorrências para o sexo feminino. Para a dimensão diageracional, a lexia apresenta predominância de registros da primeira faixa etária, 50% de ocorrências, contra 20% de ocorrências para a segunda faixa etária. Semelhante à lexia “bêbado”, a lexia “alcoólatra” registra a maioria dos informantes do sexo masculino e da primeira faixa etária.



Na carta 238 há o registro de cinco variantes lexicais, e a lexia “bagana”, com 16 ocorrências, foi a mais utilizada pelos informantes. Esta lexia está ausente somente no ponto 6 - Santana do Araguaia.

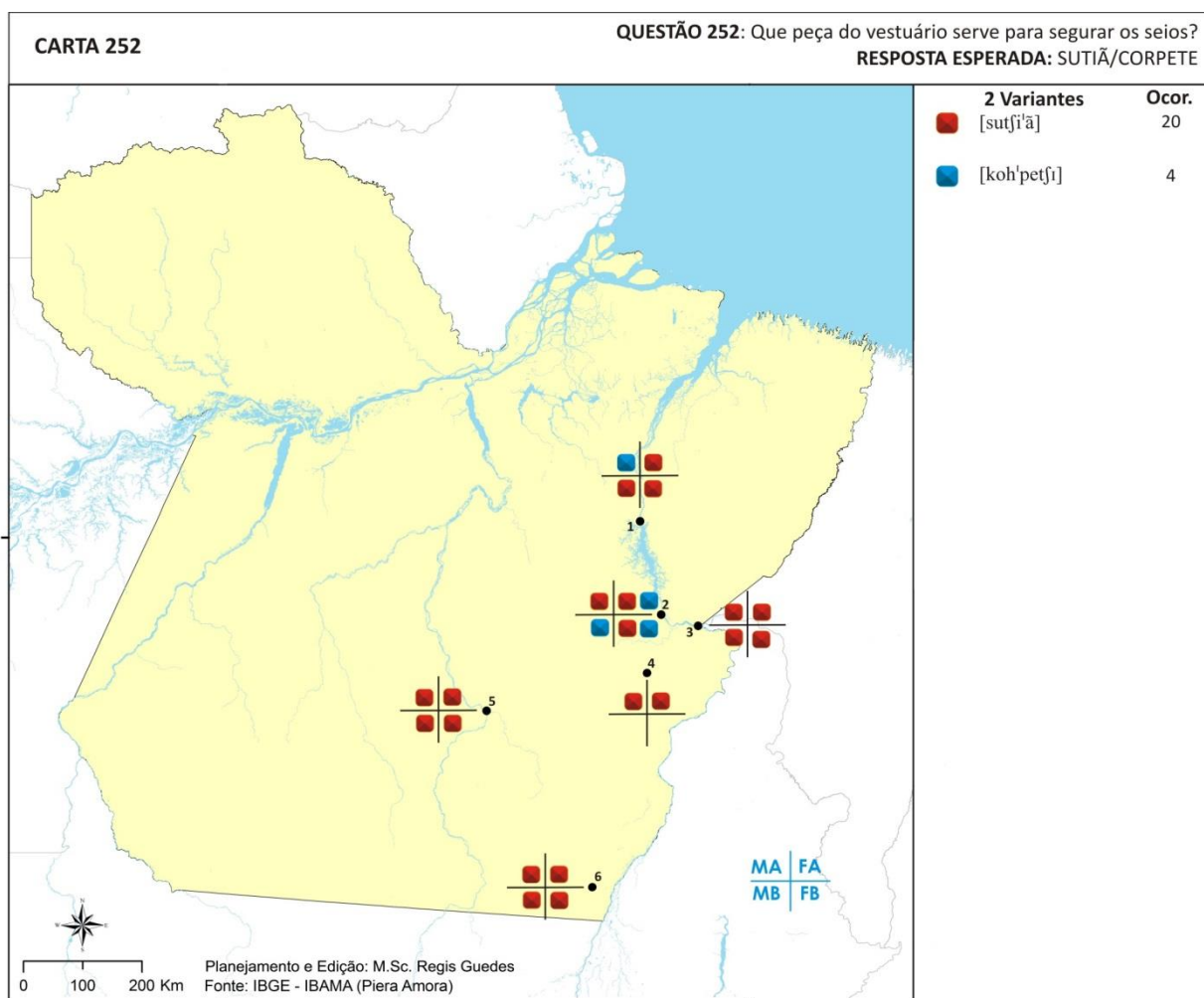
No que diz respeito à distribuição diasssexual, percebemos que há equilíbrio das ocorrências entre os sexos na lexia “bagana”, com 50% de frequência para cada lado. Em relação à distribuição diageracional, houve 66,6% de frequência para a primeira faixa etária e 80% de frequência para a segunda faixa etária. Nesta lexia houve maior número de ocorrências de informantes da segunda faixa etária.

As lexias “pitoco” com duas ocorrências nos pontos 4 - Curionópolis e 6 - Santana do Araguaia), “resto” com uma ocorrência no ponto 4 – Curionópolis, e a expressão “ponta de

cigarro” com uma ocorrência no ponto 3 - São João do Araguaia, foram registradas somente por informantes do sexo feminino.

No que diz respeito à variante “pitoco”, registramos nesta carta duas variáveis: “pitoco” e “toco”, pois, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, temos as seguintes definições: Pitoco (adj.) Que tem rabo curto ou que não tem rabo. Toco (s.m.) O que fica na terra de uma árvore que se cortou quase rente.

4.14 VESTUÁRIO



Na carta 252 houve o registro de apenas duas variantes lexicais, e a que apresenta o maior número de registros é a lexia “sutiã”, com 20 ocorrências. Essa lexia mostra-se predominante na mesorregião Sudeste Paraense.

No que diz respeito à variação diatópica, notamos que a lexia “corpete” registra quatro ocorrências nos dois pontos mais ao norte da mesorregião Sudeste (1 - Tucuruí e 2 - Itupiranga). Observando o trabalho de Guedes (2012, p. 129), verificamos que esta lexia ocorreu nas mesorregiões mais ao norte do Estado do Pará, com completa ausência na mesorregião Sudeste. Pela comparação dos dois trabalhos, podemos sugerir que a lexia “corpete” não é utilizada na fala dos habitantes da parte localizada mais ao extremo sul do Estado do Pará. A lexia “sutiã” predominante quase que absoluta em Cristianini (2007), no Atlas do Grande ABC.

Em relação ao controle da distribuição diasssexual da lexia “sutiã”, verificamos que 45% dos registros são do sexo masculino e 55% dos registros são do sexo feminino. Para a distribuição diageracional, verificamos 91,6% de ocorrências para a primeira faixa etária e 90% de ocorrências para a segunda faixa etária. Verificamos que houve uma pequena maioria de registros de informantes do sexo feminino e da primeira faixa etária.

5 CONCLUSÃO

A mesorregião Sudeste Paraense, que nas últimas décadas tem representado uma importância significativa no contexto sócio-econômico-histórico-cultural do Pará, se caracteriza pela mobilidade populacional frequente, que é responsável pela mudança linguística que, aos poucos, vai se verificando no local, uma vez que recebe habitantes oriundos de diferentes regiões do Brasil.

Podemos observar que, das trinta cartas confeccionadas, representando os quatorze campos semânticos do QSL do projeto ALiPA aplicado na pesquisa, algumas são bastantes produtivas no que se refere à diversidade lexical, o que nos possibilita projetar uma imagem da variação na mesorregião objeto de nosso trabalho.

As 30 cartas produzidas na pesquisa demonstram a frequência lexical no espaço diatópico, a ilustração desse processo está presente nas cartas 002-Córrego, com oito variantes lexicais; 017-Molhada, com oito variantes lexicais; 029-Chuvisco, com nove variantes lexicais; 177-Mão-de-vaca, com 11 variantes lexicais; 195 – Prostituta, com nove variantes lexicais e 236-Bêbado, com 12 variantes lexicais. Esses resultados demonstram a diversidade lexical, e assim, a riqueza cultural que existe na mesorregião Sudeste Paraense.

Ao considerarmos o espaço de ocorrências das lexias presentes nas cartas, observamos que há uma divisão bastante notável entre os registros da mesorregião Sudeste Paraense e as outras mesorregiões do Estado do Pará, quando consideramos os dados de Guedes (2012), pois muitas formas lexicais usadas pelos informantes de nossa pesquisa diferem da pesquisa do referido autor. As cartas 002-Córrego, 015-Onda, 029-Chuvisco e 034-Nevoeiro/Cerração, são bons exemplos para ilustrar o que falamos. Na carta 002-Córrego, o registro da lexia “igarapé” é marcante no ponto 1 – Tucuruí, que está no limite com a mesorregião Nordeste do Estado do Pará, provavelmente recebendo influência desta. Por outro lado, a lexia “córrego” que foi mais acentuada na mesorregião aqui pesquisada, se destaca em outros trabalhos de pesquisa na região Sudeste do Brasil.

Encontramos outros casos ao comparamos as cartas 034-Nevoeiro/Cerração e 083-Mandioca/Aipim/Macaxeira, quando observamos que as lexias presentes nestas cartas diferem daquelas vistas em trabalhos do Sul/Sudeste brasileiros. É o caso da lexia “cerração” que é pouco utilizada pelos nossos informantes, mas que ocorre no ponto 5-São Félix do Xingu, que recebeu

imigrantes da região Sul do Brasil, e da lexia “macaxeira” que é marcante nas regiões Norte e Nordeste, mas que é pouco conhecida no Sudeste Brasileiro.

Também identificamos casos como a carta 177-Pessoa Sovina/Mão-de-vaca, em que a lexia “mão-de-vaca” que predomina na mesorregião Sudeste Paraense (GOMES, 2013) e no Estado do Pará (GUEDES, 2012), que quando comparados com o ALERS (MARGOTTI *et al*), há inversão nas ocorrências, uma vez que a lexia “mão-de-vaca” apresenta discreta aparição; enquanto que a lexia “pão-duro” que predomina no ALERS, aparece em poucos pontos do Estado do Pará.

Ao falarmos do registro de ocorrências em cartas especificamente da nossa mesorregião de pesquisa, as cartas 115-Pernilongo/Carapanã/Muriçoca, 208-Cambalhota e 252-Sutiã/Corpete, mostram um retrato bem claro da divisão das lexias na mesorregião. Na carta 115-Pernilongo/carapanã/muriçóca, a lexia “muriçoca está presente em toda a mesorregião, ao passo que a lexia “carapanã” está concentrada mais ao norte e a lexia “mosquito” está concentrada mais ao sul da mesorregião. Na carta 208 – Cambalhota, as lexias “salto mortal” e carambela” estão concentradas mais na parte norte da mesorregião, ao passo que a lexia “cambalhota” está concentrada mais na parte sul da mesorregião. Finalmente a carta 252-Sutiã/Corpete, concentra seus registros em direção à parte norte da mesorregião.

Os resultados referentes aos dados trabalhados por esta pesquisa nos levaram a concluir que a mesorregião Sudeste Paraense, possui características semântico-lexicais que a distingue das demais mesorregiões do Estado do Pará, caracterizando-a como zona de migração, fruto de um processo de ocupação do espaço local que fez com que esta mesorregião recebesse influências no léxico que a fizeram assumir uma nova dinâmica no que diz respeito ao português falado, distanciando-se parcialmente do restante do Estado, que na maior parte das regiões mantém um léxico que é resultado do período das ocupações anteriores, acrescida das línguas faladas pelas populações originais até então existentes.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná - ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado. 1994.

_____. O papel da geolinguística no Brasil e a sua interface com a história da formação do português brasileiro. In: RAMOS et al (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. São Luis: Edufma, 2010.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ALMEIDA, Edilene M. O. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco**. 2009. 106 p. Dissertação de mestrado em Letras - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ALMEIDA, Fabiana da S. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157 p. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2008.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. 691 p. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi. 1955.

ARAGÃO, Maria S. S. Atlas linguístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

_____; MENEZES, Cleusa P. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Cartas Lexicais e fonéticas – V 1. Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas – V 2. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática. 1991.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 5 ed. São Paulo: Ática. 1997.

BESSA, José Rogério F. **Atlas linguístico do Ceará**. Cartogramas – Vol 2 – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CALLOU, Dinah. **Quando dialetologia e sociolinguística se encontram**. In: Estudos linguísticos e literários, Salvador, n. 41, p. 29-48. jan./jun. 2010.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico de Sergipe II**. 2005. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

CEZARIO, Maria M.; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. 2007. 635p. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas**. 2004. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso**. 2009. Dissertação de Mestrado em Linguística - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix. 1978.

ELIZAINCÍN, Adolfo. **Socio y geolinguística: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico**. In: Estudos linguísticos e literários, n. 41, p. 13-28. Salvador: UFBA, jan./jun. 2010.

ENCARNAÇÃO, Marcia R. T. **Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – Municípios do Litoral Norte de São Paulo**. 2010. 723p. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola. 2001.

FEITOSA, Adriana da S. **Variação lexical no Sudeste do Pará**. 2006. 60p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação – Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2006.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª ed. Curitiba: Positivo. 2009.

FERREIRA, Carlota da S. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GUEDES, Regis J. C. **Estudo Geossociolinguístico da Variação Lexical na Zona Rural do Estado do Pará**. 2012. 187 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará: Belém, 2012.

_____. **Variação lexical em quatro municípios da mesorregião metropolitana de Belém**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação - Universidade Federal do Pará: Belém: UFPA, 2007.

IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 07 de mar. de 2012.

IBGE. Histórico das cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=150277>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática. 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri; COSTA, Daniela da S. Costa. Designações para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico. **Ravista Travessias**. n. 10. Paraná: Unieste, 2010. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias/LINGUAGEM/DESIGNA%C3%87%20PARA%20PERNILONGO.pdf>. Acesso em: 22 maio 2013.

KOCH, Walter; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Org.). **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/ Florianópolis: Ed. UFSC/ Curitiba: Ed. UFPR, 2002. v. 1 e 2.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola. 2008.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da Baía da Guanabara**. 2006. Dissertação (mestrado em Língua Portuguesa – Departamento de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MAPA DO ESTADO DO PARÁ. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil-mapas/mapa-do-para.php>>. Acesso em: 24 de ago. de 2012.

MARTINS, Arlon F. C. **Variação lexical e fonética na Ilha do Marajó**. Revista Científica da UFPA, Belém, v. 4, abr. 2004. Disponível em: <HTTP://www.ufpa.br/revistaic>. Acesso em: 15 mai. 2013.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. Brasília: Abralín, 2005.

_____. A dialectologia na Bahia. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

PRIBERAM. Dicionário *on line* Priberam. 2008. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 16 de maio de 2013.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo *et al* (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. São Luis: Edufma, 2010.

RAZKY, Abdelhak (Org.). **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

_____. Atlas Linguístico Sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de *corpus* geolinguístico. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

_____. (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica, 2003.

REIS, Regiane C. P. **Atlas linguístico do município de Ponta Porã**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul: Campo Grande: UFMS, 2006.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto L.; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: FCRB, 1977.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense**. 2007. 301 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas prévio de falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro C. **Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará**. Belém: Unama, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática. 1995.

UFPA. **Projeto de criação e implantação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)**. Gráfica: Belém, 2011. Disponível em: www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/.../UNIFESSPA_2011.pdf. Acesso em: 31 de ago. de 2012.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. 4 ed. São Paulo: Parábola. 2002.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PARA 1997

I. NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1 TIPOS DE TERRENO

Que tipo de terreno você conhece? Que nome se dá aqui para o terreno ou a terra que fica próximo ao rio? O que vocês podem plantar neste terreno?

2 CORREGO/RIO PEQUENO/FURO/IGARAPÉ OU BRAÇO DE RIO

... um rio pequeno de uns dois metros de largura?

3 TRECHO DO RIO ONDE A ÁGUA CORRE COM MAIS FORÇA/CORRENTEZA

No rio tem um lugar onde a água corre com mais força. ...

4 MARGEM

E para o lado do rio. Que nome que vocês dão para o lado do rio?

5 PONTE

E para atravessar o rio, o igarapé, a gente tem que passar por cima de quê?

6 PINGUELA

... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um _____ (cf. item 2)?

7 NASCENTE DO RIO

... para o lugar onde o rio nasce?

8 FOZ

... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

9 REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

10 LAGOA

... onde a água não é muito funda, onde os patinhos gostam de nadar?

11 ILHA

Às vezes o rio rodeia um pedaço ou monte de terra, ...

12 MANGUE

E aquele terreno úmido onde a gente, quando passa, pode até afundar os pés?

13 POÇA D'ÁGUA

Quando chove fica um pouquinho de água aqui, outro pouquinho ali. ... para esse pouquinho de água da chuva que fica parada?

14 AREIA

E aquela terra meio branca que serve para fazer construção?

15 ONDA DE RIO/ ONDA OU BANZEIRO

... o movimento da água do rio (imitar o balanço das águas)?

16 ONDA DE MAR/ ONDA

... o movimento da água do mar? *Idem item 15*

17 TERRA UMUDECIDA PELA CHUVA/ MOLHADA

Quando chove, como é que a terra fica? Como a gente chama aquela terra depois que chove?

18 LAGO

... lugar que tem água, mas não é lagoa, nem rio, e diz-se que lá é que moram os sapos?

II. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**19 REDEMOINHO/ REMOINHO/ BANZEIRO (DO VENTO)**

... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

20 RAIOS

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

21 RELÂMPAGO

... uma luz que risca o céu em dias de chuva?

22 TROVÃO/ TROVOADA

... o barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (*cf. item 20*)?

23 TEMPESTADE/ VENTO/ VENTANIA/ FURACÃO

E quando vem aquela chuva muito forte com vento que às vezes até derruba árvore?

24 TEMPORAL

... uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?

25 NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL/ VENTO

Nome especial para algum temporal (*cf. item 24*)?

26 TROMBA D'ÁGUA/ TORÓ

... uma chuva muito forte e pesada?

27 GAROA/ ORVALHO

É uma chuva bem fininha?

28 NUVEM

... essas manchas brancas no céu?

29 CHUVA MIÚDA E DEMORADA/ CORISCO/ CHUVISCO

... uma chuva que é bem fininha e demora a passar?

30 CHUVA PASSAGEIRA

E aquela chuva que dá e passa?

31 ENXURRADA

... que quando vem deixa tanta água e essa água vai levando tudo, lava a cidade?

32 ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (gesticular). Que nomes dão a essa faixa?

33 ORVALHO/ SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

34 NEVOEIRO/ CERRAÇÃO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

35 ESTIAR/ COMPOR O TEMPO

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

III. ASTROS E TEMPO**36 LUA**

... aquilo que clareia o céu durante a noite?

37 FASES DA LUA

A lua é sempre igual?

38 SOL

E aquilo que clareia o céu durante o dia?

39 NASCER (DO SOL)

Por que, de manhã cedo, vai clareando cada vez mais?

40 PÔR (DO SOL)

E de tarde, por que escurece?

41 ALVORADA

... a claridade do céu antes de _____ (cf. item 39)?

42 CREPÚSCULO

... a claridade do céu depois do ... (cf. item 40)?

43 ESTAÇÕES DO ANO

E durante o ano o tempo é sempre igual?

44 ECLIPSE DO SOL E DA LUA/ COMO CONSEQUÊNCIA

Às vezes acontece de o dia ficar escuro de dia, porque dizem que a lua tapa o sol...

45 ESTRELAS

Além da lua o que há no céu?

46 TRÊS MARIAS

... para aquelas três estrelas que aparecem juntinhas no céu?

47 ESTRELA MATUTINA/ DALVA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

48 VIA LÁCTEA

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que corta o céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

49 AMANHECER

... a parte do dia quando começa a clarear?

50 ENTARDECER

E quando o sol se põe?

51 ANOITECER

... o começo da noite?

52 MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

53 MESES COM NOMES ESPECIAIS

Alguns desses meses têm outro nome?

54 ONTEM

... o dia que passou?

55 ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

56 TRASANTEONTEM/ ANTESDONTE/ TRESONTONTE/ TRANSANTONTEM

... o dia que foi antes de _____ (cf. item 55)? [E mais um dia para trás?]

57 AMANHÃ

E o dia que vai chegar?

IV. FLORA: ÁRVORES E FRUTOS**58 ÁRVORE**

O que a gente tem que derrubar para tirar madeira?

59 FLORESTA

... dão para aquele lugar que tem bastante árvore?

60 RAIZ

... para aquela parte da árvore que fica enterrada?

61 SEMENTE

E aquela parte antes de dar o fruto?

62 BAGAÇO

O que tem dentro da laranja que a gente joga fora?

63 CAROÇO

E no abacate?

64 BANANA DUPLA

... aquelas bananas que nascem grudadas?

65 PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

... a ponta roxa no cacho da banana?

66 AMENDOIM

... grão coberto por uma casquinha marron, com que se faz pé-de-moleque?

67 CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia e serve para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê e até de adulto? *Mostrar.*

68 ESPINHO

O que a rosa tem que espeta a gente?

69 LIMÃO

Você conhece alguma qualidade de limão? Quais?

70 MAMÃO

Qual a qualidade de mamão que você conhece?

71 PALMEIRAS

Que espécies de palmeiras você conhece?

V. ATIVIDADES AGROPASTORIS (AGRICULTURA, INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS)**72 ENXADA**

... para um instrumento que é parecido com uma pá, só que tem um cabo de madeira maior e serve para cavar?

73 MACHADO

E um outro instrumento que serve para cortar árvores grossas e também lenha?

74 POÇO

... para um buraco na terra que serve para tirar água?

75 BALDE

E o nome daquela panela com a qual tiramos água do poço?

76 SACO PARA COAR CAFÉ

Onde vocês coam, passam o café?

77 ESPIGA

... a parte da planta onde estão os grãos de trigo, arroz ou milho?

78 SABUGO

Quando a gente tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra?

79 SOCA/ TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo ainda fica uma pequena parte enterrada, como se chama isso?

80 GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

81 VAGEM DO FEIJÃO

Antes de ser colhido, onde ficam os grãos do feijão?

82 MOINHA

... Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da vagem e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido?

83 MANDIOCA/ AIPIM/ MACAXEIRA

... aquela raiz grossa, branca por dentro, coberta por uma casquinha marron, que a gente cozinha para comer?

84 MANDIOCA

Tem uma qualidade que não serve para comer e a gente rala para fazer farinha (polvilho, goma). Como se chama essa raiz?

85 CARRINHO DE MÃO

... um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, para pequenas cargas em trechos curtos?

86 HASTES DO CARRINHO DE MÃO

... as duas hastes do carrinho de mão?

87 CANGALHA/ CANGA

... a armação de madeira, que tem esse formato (mímica do triângulo) que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro, vaca) para não varar a cerca?

88 CANGALHA

... armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? (*Mostrar gravura*).

89 JACÁ/ SURRÃO

... esses cestos de vime, de taquara trançada para levar batatas, (mandioca/macaxeira) e aipim?

90 BOLSA

E se forem de couro, com tampa?

91 CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?

92 CRIA DA OVELHA

... a cria da ovelha logo que nasce?

93 CORDEIRO

... quando vai crescendo?

94 FÊMEA QUE ESTÁ PARA DAR CRIA

... a fêmea que está para dar cria?

95 PERDA DA CRIA

... quando a fêmea perde a cria?

96 ÉGUA VELHA

... a égua quando está velha?

97 TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

... homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?

98 PICADA

Quando é que se abre com machado, facão ou foice para passar por um mato fechado?

99 TRILHO/ TRILHA/ CAMINHO/ TRILHO NO MATO

... o caminho no pasto onde não cresce mais grama de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

VI. FAUNA**100 ARANHA**

... aquele bicho que faz uma casinha tipo uma rede?

101 TEIA DE ARANHA

E como se chama a casinha dela?

102 ARAPUCA/ ALÇAPÃO

E a armadilha para pegar passarinho, com que eles pegam passarinho lá no mato?

103 CARRAPATO

Tem um bicho que gruda no animal? Como é o nome dele?

104 COBRA

Que qualidades de cobra vocês conhecem?

105 LAGARTO

Tem um bicho que parece um jacaré e ele gosta de beber ovo?

106 LAGARTIXA

E o menor, que é bem pequenininho, dá na cidade, nas paredes?

107 LOUVA-A-DEUS/ PUNHA A MESA

... aquele animal verdinho, que tem a perninha sequinha, parece com o grilo, só que quando a gente vai assim para bater nele, ele junta a mãozinha, parece que está agradecendo ou pedindo misericórdia?

108 OVO/ OVOS

O que a galinha bota? Se são duas galinhas elas botam o quê?

109 CLARA

Quando a gente parte o ovo, como se chama aquela parte branquinha?

110 GEMA

E a parte amarela?

111 PEIXES

Que espécie de peixe você conhece?

112 GUELRRA

Por onde o peixe respira? Aquilo que fica aqui do lado mexendo?

113 ISCA

E a minhoca serve de quê?

114 RATO

E o gato gosta de quê?

115 PERNILONGO/ CARAPANÃ/ MURIÇOCA

... aquele bichinho que canta no ouvido da gente, quando a gente tá dormindo? *Imitar o zumbido.*

116 PIOLHO

E aquele bichinho que dá na cabeça da gente e faz coçar?

117 LÊNDEA

E o ovinho dele?

118 PULGA

E aquele bichinho que pica a gente e pula? Cachorro e gato têm muito?

119 VAGA-LUME

E aquele bichinho que de noite acende e apaga?

120 AVES SELVAGENS

... os tipos de pássaros do mato, do campo, do banhado, que você conhece? Descreva cada um?

121 URUBU

... a ave preta que come carniça?

122 COLIBRI/ BEIJA-FLOR

... passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asinhas, tem o biquinho comprido e voa de flor em flor?

123 GALINHA D'ANGOLA/ PICOTA

... ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

124 PAPAGAIO

... ave do mato, de bico curvo e penas coloridas e quando preso pode aprender a falar? ... ave colorida, de bico curvo, que dá o pé, fala nome feio?

125 GALINHA SURA

... uma galinha sem rabo?

126 COTÓ

... um cachorro de rabo cortado?

127 GAMBÁ

... o bicho que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?

128 PARTES DO CORPO DOS MAMÍFEROS

129 ... as patas dianteiras do cavalo?

130 CRINA

... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

131 CAUDA

... as crinas compridas na traseira do cavalo?

132 LOMBO

... a parte do cavalo onde vai a sela?

133 ANCA

... a parte larga atrás do _____ (*cf. item 31*)?

134 CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

135 UM SÓ CHIFRE

... o animal que tem um só chifre?

136 CABRA SEM CHIFRE

... a cabra que não tem chifre?

137 BOI MOCHO

... o boi sem chifre?

138 ÚBERE/ UBRE

... a parte da vaca onde fica o leite?

139 MANCO

... o animal que tem uma perna mais curta e puxa uma perna?

140 MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

141 SANGUESSUGA

... um bicho que se gruda nas pernas da gente quando se entra num córrego ou banhado? (*cf. item 1*)

142 LIBÉLULA/ JACINTO

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparente, que vive perto da água e voa assim (mímica)?

143 CORÓ/ TAPURU

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco ou no pau podre?

VII. CORPO HUMANO**144 CABEÇA**

Como se chama essa parte aqui?

145 NUCA

Como chamam isto? (mostrar a nuca)

147 POMO-DE-ADÃO/ GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)

148 CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? (indicar)

149 SEIOS/ PEITOS

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

150 ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?

151 CALCANHAR

Como chamam isto? (apontar para o calcanhar)

152 RÓTULA/ JOELHO

... o osso redondo que fica em cima do joelho?

153 CÓCEGAS/ COSCA

O que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? Se alguém chega por trás de mim e faz assim (imitar o gesto) o que é que eu sinto?

154 DENTES CANINOS

... esses dois dentes pontudos (mostrar)?

155 DENTES DO SISO/ DO JUÍZO

... os últimos dentes que nascem quando a gente já é adulto?

156 DENTES MOLARES

... esses dentes grandes do fundo? (mostrar)

157 DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes?

158 FANHOSO/ FOM FOM

... a pessoa que parece falar pelo nariz?

159 CISCO

... alguma coisinha que cai no olho?

160 CEGO DE UM OLHO/ ZAROLHO/ CEGUETA

... a pessoa que tem um só olho?

161 VESGO

... a pessoa que tem olhos olhando em direções diferentes?

162 TERÇOL

... a inchação nas pálpebras?

163 CONJUNTIVITE

... a inflamação no olho que faz com que o olho amanheça grudado?

164 CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em gente velha?

165 SOLUÇO

... este barulhinho que a gente faz? (soluçar)

166 MELECA/ TATU/ BUSTELA/ BOSTELA

... a sujeira dura que se tira do nariz com o dedo?

167 CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo nas costas?

168 CANHOTO

... a pessoa que faz as coisas com a mão esquerda? ... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? (completar com o gesto)

169 MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

170 PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS/ CAMBOTA OU ZAMBOTA

... a criança de pernas muito curvas?

171 AXILA/ SUVACO

... a cavidade embaixo do braço? ... esta parte aqui (indicar as axilas)?

172 CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços? Depois de um dia de muito trabalho a gente diz: vou tomar um banho porque estou cheirando o quê?

173 VOMITAR

A pessoa que faz sair pela boca tudo o que comeu, que está fazendo? Se a gente come muito e sente que vai por/botar para fora o que comeu, a gente diz que vai o quê?

VIII. CULTURA E CONVÍVIO**174 QUEBRANTO**

Quando uma criança pequenina fica muito doentinha, só quer estar dormindo, nós dizemos que alguém colocou o que nela?

175 PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

176 PESSOA POUCO INTELIGENTE/ BURRO

... a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas?

177 PESSOA SOVINA/ MÃO DE VACA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

178 MAU PAGADOR/ CALOTEIRO

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

179 ASSASSINO PAGO/ PISTOLEIRO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

180 POSSEIRO

... a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa, sem licença?

IX. CICLOS DA VIDA**181 MENSTRUACÃO**

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

182 ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade para (item anterior). Quando isso acontece, a gente diz que a mulher ...

183 DAR À LUZ/ PARIU

Quando o nenê nasce diz-se que a mulher ...

184 PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer? A mulher que ajuda a outra quando esta vai ter o bebê?

185 GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

186 ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para que?

187 AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

188 IRMÃO DE LEITE

O próprio filho desta mulher e a criança que ela amamenta não são irmãos. O que são?

189 FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criado por ele como se fosse?

190 FILHO MAIS MOÇO/ CAÇULA

... o filho que nasceu por último? ... o filho mais novo do casal?

191 MENINO

... a criança de 5 a 10 anos do sexo masculino?

192 MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

193 ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS/ PASTEL

... a pessoa que acompanha uma moça quando ela sai com o namorado?

194 MARIDO ENGANADO/ CORNO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

195 PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

196 DEFUNTO/ MORTO/ FINADO

... como é que a gente se refere a pessoa que já morreu? Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morre, geralmente a gente não a trata pelo nome que tinha em vida. Como a gente se refere a ela?

197 MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a 2ª mulher é dos filhos dele?

198 XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

X. RELIGIÃO E CRENÇA

199 DIABO/ DEMÔNIO/ CAPETA

Deus está no céu e no inferno está ...

200 FANTASMA/ ALMA DO OUTRO MUNDO

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal assombradas, que se diz que é do outro mundo?

199 FEITIÇO/ MACUMBA

O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?

200 AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

201 BENZEDEIRA

... uma mulher que cura através de rezas e simpatias?

202 BENZEDOR

E se for homem?

203 CURANDEIRO/ MACUMBEIRO

... a pessoa que cura através de ervas e plantas?

204 MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam presa numa corrente?

205 PRESÉPIO

No natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José, o Menino Jesus etc.

XI. FESTAS E DIVERTIMENTOS

206 CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (inclinar o corpo para frente)?

207 BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

208 ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos?

209 PAPAGAIO DE PAPEL

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

210 BALÃO

... o brinquedo de papel que se empina no vento por meio de uma linha, em varetas?

211 ESCONDE-ESCONDE

... o jogo (a brincadeira) em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procurá-las?

212 CABRA CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

213 PEGA-PEGA

... um jogo (uma brincadeira) em que uma criança corre atrás das outras, para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

214 FERROLHO/ FERRINHO

... esse ponto combinado?

215 CHICOTE QUEIMADO/ OVO PODRE

... um jogo (uma brincadeira) em que as crianças ficam em círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto com que perseguem o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo?

216 BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de duas cordas, para uma criança se sentar e ... (mímica)

217 AMARELINHA/ MACACA

... o jogo em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por dez quadrados numerados, com um céu e um inferno, e elas vão pulando com uma perna só?

218 PESSOA QUE AGE COM DESONESTIDADE NO JOGO/ LADRÃO

... a pessoa que rouba no jogo?

219 PESSOA QUE TEM SORTE NO JOGO

... a pessoa que se dá bem quando joga?

220 PESSOA SEM SORTE NO JOGO/ AZARADO

... a pessoa que não tem sorte no jogo?

221 BOM JOGADOR

... a pessoa que joga bem?

222 MAU JOGADOR

... a pessoa que joga mal?

223 PESSOA QUE DANÇA MUITO BEM/ PÉ DE VALSA

... a pessoa que dança muito bem?

XII. HABITAÇÃO**224 SISTEMA DE FECHAR A PORTA**

Com que fecham a porta da casa?

225 OUTRAS FORMAS DE FECHAR A PORTA

Conhece outras maneiras de fechar a porta?

226 GRADE

Com que se protege a janela por fora?

227 FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha?

228 ISQUEIRO

Com que se costuma acender um cigarro? (levar um para mostrar)

229 LANTERNA

O que se usa para iluminar no escuro que tem pilhas dentro? (mostrar)

230 BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

XIII. ALIMENTAÇÃO E COZINHA**231 CARNE MOÍDA/ PICADINHO**

... a carne depois de passar na máquina?

232 EMPANTURRADO/ CHEIA

Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: comi tanto que estou ...

233 GLUTÃO/ GULOSO

... uma pessoa que normalmente come demais?

234 BÊBADO

Que nome dão a uma pessoa que bebe demais?

235 DESIGNAÇÕES PARA O “CIGARRO DE PALHA”

Que nomes dão ao cigarro feito de palha de milho e fumo?

236 TOCO DE CIGARRO/ BAGANA

... o resto do cigarro que se joga fora?

237 AGUARDENTE/ PINGA

Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?

238 BODEGA/ BAR/ BOTEQUIM

Aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Lá também se pode comprar alguma outra coisa)

XIV. VESTUÁRIO**239 ALFAIATE**

Como vocês chamam o homem que costura, que faz roupa de homem, terno, paletó?

240 BLUSA

Como vocês chamam para isso? (mostrar a blusa) ou como se chama aquela parte de cima da roupa que a mulher veste com calça comprida ou saia?

241 BOTA

Como vocês chamam para aquele calçado que vem até quase no joelho, fica por cima da calça e serve para entrar no mato para capinar?

242 CALÇAS

Nome da parte de baixo da roupa do homem?

243 CAMISA

E da parte de cima?

244 CHAPÉU

E aquilo que se coloca na cabeça, com aba, mas não é boné?

245 VESTIDO

E como se chama essa roupa inteira que a mulher veste? (caso haja um apontar).

246 MEIAS

E aquilo que se usa nos pés, para depois colocar o sapato?

247 PALETÓ

E como chama aqui aquela roupa, normalmente preta, com gravata? O noivo quando pode usa no casamento?

248 SAIA

E como se chama a parte de baixo da roupa da mulher, que ela usa com a blusa?

249 SAPATO

E isso? (mostrar o sapato).

250 SUTIÃ/ CORPETE

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

251 CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

252 CALCINHA

... Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

253 ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto para ficar mais rosado?

254 GRAMPOS

... um objeto fino de metal para prender o cabelo? (levar os dois tipos de grampo)

ANEXO B

LEVANTAMENTO DE DADOS HISTÓRICO-SOCIAIS DOS PONTOS DE INQUÉRITO

CURIONÓPOLIS

Curionópolis originou-se, como município, do desdobramento do Município de Marabá, surgido de um aglomerado de pessoas, que no final da década de 70, se localizou no km 30 da rodovia PA-275, na expectativa de trabalho, com a implantação do Projeto Ferro Carajás, na construção da estrada de ferro Carajás - Ponta da Madeira ou em busca de ouro, nas dezenas de pequenos garimpos que proliferaram na região. Com a ocorrência de ouro na Serra Pelada, no início dos anos 80, Curionópolis consolidou-se como núcleo de apoio a essa atividade e como local de residência das mulheres e filhos de garimpeiros que à época, eram impedidos de ingressar na Serra Pelada. Desenvolveu-se, assim, um comércio diversificado e um setor de serviços: hotéis, pensões, bares, lanchonetes, boites e outros, que consolidou Curionópolis como povoação, definitiva, mesmo depois que o ouro daquele garimpo escasseou. O Município é constituído somente do distrito-sede. Área da unidade territorial (Km²): 2.368,735. População: 18.288 habitantes.

ITUPIRANGA

A origem histórica do atual município de Itupiranga, situado na zona fisiográfica do Itacaiúnas, remonta aos idos de 1886, quando extratores de cauchos, vindos do Estado de Goiás ali chegaram e fundaram o núcleo populacional com o nome de Lago Vermelho. Naquela época, o seu território pertencia ao município de Baião, donde se desmembrou, em 1915, para fazer parte do novo município de Marabá. A fertilidade da terra provocou a afluência de outros moradores, inclusive depois que a castanha-do-pará, muito comum na região, sofreu um sensível aumento de preço. Com isso, a localidade se desenvolveu, e, em 1948, obteve categoria de município, cuja instalação deu-se no ano seguinte. Área da unidade territorial (Km²): 7.880,080. População: 51.220 habitantes.

SANTANA DO ARAGUAIA

Foram índios, os primitivos habitantes da região onde se localiza o município de Santana de Araguaia. Os seus fundamentos históricos remontam a 1892, quando o sertanista fazendeiro Inocêncio Costa demandou à margem esquerda do rio Araguaia e estabeleceu-se em Altas Barreiras. Em seguida, apoiado pelo Governo do Estado do Pará, Augusto Montenegro, levou para o local inúmeras famílias maranhenses e, assim, fundou o núcleo populacional, origem da atual cidade, cujo primeiro religioso foi o Frei de Vila Nova. A localidade prosperou. Entretanto, somente em 1937, o povoado de Altas Barreiras obteve categoria de distrito, com o nome de Santa Maria das Barreiras. Essa situação perdurou até 1961, quando se tornou unidade autônoma. Na mesma ocasião passou a chamar-se Santana do Araguaia. Área da unidade territorial (Km²): 11.591,538. População: 56.153 habitantes.

SÃO FÉLIX DO XINGU

A origem do município está ligada aos acontecimentos que separaram o município de Altamira. Em 14 de abril de 1874, conforme a Lei nº 811, foi criado o município de Souzel, do qual Altamira fazia parte. Na primeira década do século XX, o governo desmembrou aquele município, criando o de Xingu, com sede em Altamira. Conforme divisão territorial, com data de 31 de dezembro de 1936, Xingu compunha-se de 11 distritos: Altamira, Novo Horizonte, São Félix, Porto de Moz, Tapará, Vilarinho do Monte, Veiros, Aquiqui, Souzel, Alto Xingu e Iriri. Pelo disposto no Decreto-Lei nº 2.972, de 31 de março de 1938, foi mudado o topônimo do município de Xingu para Altamira, que passou a ser formado por dois distritos: Altamira e Novo Horizonte (zonas de Novo Horizonte e São Félix). Tal situação foi confirmada por meio do Decreto-Lei nº 3.131, de 31 de outubro de 1938, que estabelecia a divisão territorial do Estado para o período de 1939-1943. Na divisão territorial do Estado, fiada pelo Decreto-Lei nº 5.505, de 30 de dezembro de 1943, Altamira mantinha-se com dois distritos: o de Altamira e o de Gradaús (ex-Novo Horizonte). Em 29 de dezembro de 1961, durante o governo de Aurélio do Carmo, por força da Lei nº 2.460, foi criado o município de São Félix do Xingu, com área desmembrada do município de Altamira.

Com as Leis de nº 5.449 e 5.455, de 10 de maio de 1988, São Félix do Xingu teve seu território desmembrado para criar os municípios de Ourilândia do Norte e Tucumã. Atualmente, o município é constituído de dois distritos: São Félix do Xingu e Gradaús. A base da economia do município é a pecuária de corte, pois possui o maior rebanho do Brasil com mais de 1,7 milhões de cabeças. Faz limite ao Norte com os municípios de Senador José Porfírio, Altamira, Anapú, Novo Repartimento e Água Azul do Norte; Ao Sul com o estado do Mato Grosso; A Leste com os municípios de Marabá, Parauapebas, Tucumã, Ourilândia do Norte, Santana do Araguaia e Cumaru do Norte; A Oeste com o município de Altamira. Área da unidade territorial (Km²): 84.213,092. A agropecuária é a principal atividade econômica do município.

De acordo com dados do (IBGE, 2010), a população de São Félix do Xingu teve o 4º maior aumento populacional dos municípios do Brasil, passando de 34.621 habitantes em 2000 para 91.340 habitantes em 2010. Um aumento de 163,69%.

SÃO JOÃO DO ARAGUAIA

A origem histórica do município de São João do Araguaia, situado a sudeste do estado do Pará, na zona fisiográfica do itacaiúnas, data de 1779, quando o Governador Capitão-General José de Nápoles Tello de Meneses, determinou a fundação de um lugar que se localizasse à margem esquerda do rio Tocantins. O objetivo da iniciativa era facilitar a colonização da região. Nas proximidades do local escolhido, que se denominou São Bernardo da Pederneira, existia um mocambo chefiado por Maria Aranha, donde foi construída a povoação primitiva de São João do Araguaia. Em 1870, foi fundado, também, na região, um novo povoado com o nome de Alcobaça e um pequeno fortim à beira do rio Tocantins, sob a inovação de Nossa Senhora de Nazaré. Dez anos depois, seguindo a mesma idéia de colonizar o alto Tocantins, o Governador e Capitão-General Francisco de Souza Coutinho, organizou uma expedição mercantil comandada pelo Cabo Tomaz de Souza, para estabelecer comunicação com o Estado de Goiás. O êxito alcançado acarretou o surgimento de outras expedições, incentivando assim, o intercâmbio comercial entre o Pará e Goiás. Nessa ocasião passou a chamar-se São João do Araguaia, por ter-se à vista, o rio Araguaia. A povoação definitiva desse registro formou-se em 1850. Em 1901, a localidade adquiriu categoria de povoado, e, em 1908, foi elevada a Vila e Município. Entretanto,

em 1922, veio a ser anexado ao município de Marabá, por ocasião de sua extinção. Essa situação perdurou até 1961 quando foi emancipado sendo, entretanto efetivamente instalado o município apenas em 1962, quando dali desanexou-se para emancipar-se política e administrativamente, em definitivo. Área da unidade territorial (Km²): 1.279,887. População: 13.155 habitantes.

TUCURUÍ

Em quase 70 anos de existência, Tucuruí tem sua história transformada pela construção da Usina Hidrelétrica. Nesses dois momentos distintos, antes e depois do funcionamento da usina, não foi apenas a configuração geográfica do município que mudou. A base econômica, a formação da população e as perspectivas acompanharam essa transformação radical, fazendo de Tucuruí, hoje, um polo de geração de energia com capacidade para explorar, de forma racional, as belezas naturais enriquecidas pelo lago artificial. Quem chegasse a Tucuruí em 1947, recém-elevado à condição de município, encontraria um lugar aprazível à margem do rio Tocantins, na época um movimentado entreposto comercial da região formada pelos rios Tocantins e Araguaia.

Em 1950, segundo o Recenseamento Geral, Tucuruí tinha 2448 habitantes. A população se concentrava na cidade de Tucuruí e na vila de Remansão. Existiam ainda os povoados de Nazaré dos Patos e Muru, mas ambos com menos de 100 habitantes. Naquela época, a base da economia de Tucuruí era a extração da castanha-do-pará, chegando o município a exportar, em 1956, mais de 3 mil hectolitros do produto. O comércio de madeira era a outra atividade econômica digna de destaque. O município importava quase tudo o que consumia, uma característica que permanece até hoje, à exceção dos gêneros alimentícios.

Cinco décadas depois, sob as bênçãos de São José, o padroeiro do município, a população teve um crescimento extraordinário, saltando para quase 90.000 habitantes. A geração de energia é sua principal fonte de arrecadação. Mas o município também investe em outros setores econômicos, como a produção agrícola, a pecuária, a exploração de madeiras e a atividade pesqueira. Tucuruí tem mais de 60 anos de emancipação política. Mas sua história começa a ser escrita ainda no século XVII, quando em 1625 o Frei Cristóvão de Lisboa chegou à região pretendendo fazer contato com os índios. Em 1781, o governador José Nápoles Telles de Menezes fundou o

lugarinho de São Bernardo de Pederneiras e, no ano seguinte, criou o Registro de Alcobaça.

Já no século XIX, a região do Tocantins-Araguaia passou a ser ocupada por aqueles que chegavam em busca de suas riquezas naturais, e também interessados na proximidade com a terra que hoje formam os estados de Goiás e Tocantins. O núcleo populacional formado às margens do rio Tocantins, no lugar conhecido como Pederneiras, município de Baião, passou a ser a freguesia de São Pedro de Alcântara em 31 de outubro de 1870, através da Lei nº 661.

Nova denominação foi dada em 19 de Abril de 1875, pela Lei nº 839. O local foi chamado de São Pedro de Alcobaça até 30 de dezembro de 1943 quando passou a denominar-se Tucuruí, por força do Decreto-Lei nº 4.515. O novo nome, cuja origem indígena significa rio dos gafanhotos ou rio das formigas, permanece até hoje, identificando o local que, quatro anos depois, seria desmembrado de Baião para se tornar o município de Tucuruí, através da Lei nº 062, artigo 36, de 31 de dezembro de 1947. Em 13 de maio do ano seguinte foram realizadas as primeiras eleições municipais. A Câmara foi instalada no dia 29 do mesmo mês.

Tucuruí sempre esteve destinado a construção de grandes projetos. Primeiro foi a construção de uma estrada de ferro, objetivando transpor as cachoeiras do Tocantins, entre Tucuruí e Marabá, e ligar Belém a Goiás. Com 391 km, a ferrovia iria de Alcobaça a Boa Vista do Tocantins. Foi criada então a Companhia de Viação Férrea e Fluvial do Tocantins, que depois de 1905 passou a chamar-se Companhia de Estradas de Ferro do Norte do Brasil. Em 1908, foram inaugurados 43 km da ferrovia, que chegou a 84 km, com as seguintes estações em seu percurso Arumateua (Km 25), Breu Branco (Km 43), Independência (Km 53), Tucuruí (Km 68), e Região (Km 97). A Companhia encerrou as atividades e o acervo da ferrovia foi adquirido pelo Governo Federal. Hoje, porém, não mais existe, já que a estrada de ferro foi extinta em 1974. Depois foi a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, que viria a ser a maior Usina Hidrelétrica genuinamente nacional e a maior obra em concreto já realizada no Brasil.

Situada na Região Sudeste do Pará, à margem do rio Tocantins, Tucuruí cresce nessas cinco décadas de emancipação e, com a construção da hidrelétrica, tornou-se o maior centro gerador de energia do país. Em 22 de novembro de 1984, o então presidente, João Batista Figueiredo, inaugurou não apenas a Hidrelétrica de Tucuruí, mas um novo tempo na história do município e do próprio Estado do Pará. Área da unidade territorial (Km²): 2.086,196. População: 97.128 habitantes.

ANEXO C

FOTOS DOS MUNICÍPIOS DA PESQUISA

CURIONÓPOLIS



Foto 1: vista do garimpo, Serra Pelada.

ITUPIRANGA



Foto 2: vista do Rio Tocantins, Itupiranga

SANTANA DO ARAGUAIA



Foto 3: vista do Rio Araguaia, na Vila Berreira dos Campos.

SÃO FÉLIX DO XINGU



Foto 4: vista do Rio Xingu, em frente a cidade de São Félix do Xingu.

SÃO JOÃO DO ARAGUAIA



Foto 5: confluência do Rio Araguaia com o Rio Tocantins

TUCURUÍ



Foto 6: vista do Rio Tocantins.